

ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL



SEÇÃO

**QUADRO
& GIZ**

06

SEÇÃO

**SALA DOS
PROFESSORES**

52

SEÇÃO

RECREIO

92

SEÇÃO

**DEVER
DE CASA**

106

ESPECIAL

**ARTIGO
INTERNACIONAL**

132

#2

ROQUETTE-PINTO

A REVISTA DO VÍDEO ESTUDANTIL

EXPEDIENTE

A Roquette-Pinto é uma revista eletrônica do curso de Pós-Graduação de Educação Matemática e do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

A publicação tem periodicidade quadrimestral, digital, que tem como objetivo a publicação de artigos e relatos de experiências desenvolvidos por professores de ensino fundamental e médio e por pesquisadores, com foco na produção de vídeo feita por alunos e professores.

Não há custos para autores em relação à submissão e análise dos artigos e relatos.

Os direitos de copyright pertencem aos autores que tenham seus trabalhos aceitos e publicados na Revista, conservando seus direitos de publicação sem restrições.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, segundo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Todos os artigos e relatos são publicados sob licença Creative Commons. Atribuição

Não-Comercial 4.0 Internacional.

EDITORES

Prof. Dr. Josias Pereira – UFPel
Profª Dra. Rozane da Silveira Alves – UFPel
Profª Eliane Candido
Profª Maria Jeane Candido
Rogério Peres - Rubra Cognitiva

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dra. Cristina Vermelho
Dr. Eduardo Portanova Barros
Dra. Lourdes Helena Rodrigues dos Santos
Me. Daniela Pedra Mattos
Me. Marcus Tavares

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Mateus Brum de Armas, José Antonio Klaes Roig, Nádia Regina Barcelos Martins, Vanda Leci Bueno Gautério, Proscila Moço, Francine Lemos Pedroso, Larissa de Oliveira Pedra, Eliane Candido, Karine Ferreira Sanche, Pâmela de Bortoli, Yanne Alves Roberto, Juliana de Ávila Ulguim, Caroline Silveira, Mariangela Scheffer Cardoso, Andréa Rodrigues, Diego Comerlato, Claudio Garcia, Lídia Santos Arruda, Maria Raquel Pohlmann da Silveira, Noeli Kunde Miritz, Luciana Pereira Maruri, Sérgio Flores, Jerusa da Fonseca Gautério, Alexsandro Walter Oliveira, Huli de Paula Balász, Nikolj Barboza Garcia, Nathalia Vieira, Nicole Westhauser da Silva, Sandieli, Patrícia Custódio, Kelly Demo Christ, Gregório Galvão Albuquerque, Tânia Cristina Medeiros Cardoso e Marilete Boy Oliveira

REALIZAÇÃO



SUMÁRIO

- 05** • PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL, PARA QUEM?
Josias Pereira
- 06** **SEÇÃO QUADRO & GIZ**
- 07** • A DIFICULDADE DE UM DIRETOR MANTER A DECUPAGEM COM ATORES MIRINS
Mateus Brum de Armas
- 17** • CINEMA E EDUCAÇÃO: A SÉTIMA ARTE E O FAZER PEDAGÓGICO
José Antonio Klaes Roig
- 15** • RIO GRANDE E SEUS CONTORNOS MATEMÁTICOS – 28o ANOS DE HISTÓRIA
Nádia Regina Barcelos Martins; Vanda Leci Bueno Gautério; Priscila Moço; Francine Lemos Pedroso
- 18** • A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - NOTAS TEÓRICOPRÁTICAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA
Larissa de Oliveira Pedra
- 26** • DE REPENTE, TRINTA!
Eliane Candido
- 36** • PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA: DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA
Karine Ferreira Sanchez
- 47** • RUA DE MÃO DUPLA E A POTENCIALIDADE SOCIAL A PARTIR DO DISPOSITIVO DO FILME
Pâmela de Bortoli
- 52** **SEÇÃO SALA DOS PROFESSORES**
- 53** • 24 HORAS CONECTAD@
Yanne Alves Roberto; Juliana De Ávila Ulguim; Caroline Silveira.
- 58** • CINEMA EM SALA DE AULA – UM OLHAR COM OUTRO FOCO, SOB OUTRA ÓTICA
Mariangela Scheffer Cardoso
- 61** • O CORAÇÃO DELATOR
Andréa Rodrigues; Diego Comerlato
- 63** • CURVADOS – UMA IDEIA PUXA OUTRA E NASCE UM FILME
Claudio Garcia
- 66** • E AGORA, PROFESSORA?
Lídia Santos Arruda
- 69** • CINE FEST 2
Maria Raquel Pohlmann da Silveira
- 81** • CINEMA COMO FORMAÇÃO CONTINUADA: O OLHAR DE UMA DOCENTE
Noeli Kunde Miritz
- 84** • CURTA-METRAGEM “PESADELO”
Luciana Pereira Maruri
- 86** • CONSTRUÇÃO DO VÍDEO DE FICÇÃO PARA O FESTIVAL DE VÍDEO ESCOLAR
Sérgio Flores
- 89** • PROJETO DIVERSIFICANDO SABERES
Jerusa da Fonseca Gautério
- 92** **SEÇÃO RECREIO**
- 93** • A PROVA
Alexsandro Walter Oliveira
- 94** • O OUVIR: ANÁLISE DOS CURTAS ESTUDANTIS DO FESTIVAL DE CINEMA SÃO LEO EM CINE DE 2016
Huli de Paula Balász
- 100** • MINHA EXPERIÊNCIA NO I FESTIVAL DE VÍDEO DO CAPÃO DO LEÃO
Nikoly Barboza Garcia
- 102** • A VISÃO DE UMA ADOLESCENTE NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL
Nathalia Vieira; Nicole Westhauser da Silva
- 104** • A EXPERIÊNCIA DE SANDIELI
Aluna da escola EMEF Germano Hübner
- 106** **SEÇÃO DEVER DE CASA**
- 107** • 10 PASSOS PARA SE PRODUZIR UM VÍDEO ESTUDANTIL
Patrícia Custódio
- 115** • 18 MOTIVOS PARA USAR O CINEMA NA SALA DE AULA
Kelly Demo Christ
- 122** • CINECLUBE: O ESTRANHAMENTO DO OLHAR NA FORMAÇÃO DO ALUNO
Gregório Galvão Albuquerque
- 126** • “CINEMA: EXPERIMENTAR, CONHECER, REALIZAR”- AÇÕES DE CINECLUBISMO
Tânia Cristina Medeiros Cardoso; Marilete Boy Oliveira.
- 132** **ESPECIAL INTERNACIONAL**
TODOS SOMOS MALALA
Sonia San Segundo Sáez, Mª Jesús Álvarez Rodríguez e Ibán Díez Álvarez

EDITORIAL

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL, PARA QUEM?



JOSIAS PEREIRA
EDITOR-CHEFE

Professor Adjunto - Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)
Departamento de Cinema e Audiovisual
Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Matemática
Coordenador do Projeto de Extensão Produção de Vídeo Estudantil - <http://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/>
Coordenador do Congresso Brasileiro de Produção de vídeo Estudantil - <http://videoestudantil.com.br/>
Longa metragem SEM HPV - <http://wp.ufpel.edu.br/semhvp/>

Falar que a produção de vídeo é uma realidade nas escolas brasileiras já virou uma forma batida dentro da área Cinema e Educação de legitimar o que acontece dentro das escolas do Brasil. Agora tem início outra luta, será que essa ação de fazer vídeo com o aluno colabora no processo educacional? Sim, acredito que foi a fala de 100% dos professores que já produziram vídeo com os alunos, porém a academia precisa de uma coisa chamada pesquisa que corrobore com essa ação e a legitime. Muitos professores pensam assim - Não preciso de pesquisas, eu vejo isso na minha aula. Porém sem a pesquisa como você vai legitimar sua ação? A nossa ação?

E começa a ecoar em algumas escolas falas do tipo:

- Isso de produzir vídeo é para professor se promover!
- Aquele lá não quer dar mais aula, só fazer vídeo e viajar!
- Essa escola já foi boa, agora os alunos só querem fazer vídeo, quero ver na hora da prova!

Isso suscita outra pergunta dentro

desta ação - Para que serve a Produção de Vídeo Estudantil?

Por isso professores precisamos que você escreva, reflita a sua prática pedagógica com a produção de vídeo estudantil. Precisamos ter voz ativa e mostrar que o que realizamos a escola é muito mais do que um videozinho, do que um filminho, o que realizamos na escola com os alunos é a transposição de seus sonhos e medos para um suporte imagético, o vídeo! Sim, fazemos ARTE!

E a nossa área só vai ser respeitada e ter credibilidade junto a academia quando você, professor, que está realizando vídeo escrever sobre o seu processo, refletir sobre o que faz. Analisar suas ações. Quando pesquisadores se sentirem interessados sobre o tema. Por isso devemos mostrar o que estamos fazendo dentro da escola, pois fazer vídeo já é uma forma que a sociedade se comunica hoje nas redes sociais. Então pegue seu caderno de anotações, faça um diário de bordo e analise todas as etapas em que os alunos estão aprendendo dentro da produção de vídeo estudantil!



Professores, precisamos que você escreva, reflita a sua prática pedagógica com a produção de vídeo estudantil.

SEÇÃO

QUADRO & GIZ

ARTIGOS, RELATOS E RESENHAS SOBRE TEÓRICOS OU TEORIAS SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

A DIFICULDADE DE UM DIRETOR MANTER A DECUPAGEM COM ATORES MIRINS

por Mateus Brum de Armas

CINEMA E EDUCAÇÃO: A SÉTIMA ARTE E O FAZER PEDAGÓGICO

por José Antonio Klaes Roig

RIO GRANDE E SEUS CONTORNOS MATEMÁTICOS – 280 ANOS DE HISTÓRIA

por Nádia Regina Barcelos Martins; Vanda Leci Bueno Gautério, Proscila Moço e Francine Lemos Pedroso

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - NOTAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA

por Larissa de Oliveira Pedra

DE REPENTE, TRINTA!

por Eliane Candido

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA: DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA

por Karine Ferreira Sanchez

RUA DE MÃO DUPLA E A POTENCIALIDADE SOCIAL A PARTIR DO DISPOSITIVO DO FILME

por Pâmela de Bortoli

A DIFICULDADE DE UM DIRETOR MANTER A DECUPAGEM COM ATORES MIRINS

Mateus Brum de Armas
Universidade Federal de Pelotas UFPel
mateus.arms@gmail.com

RESUMO

Nesse trabalho iremos debater sobre as dificuldades de manter a decupagem pré-planejada em filmes com atores mirins, usando como referência a experiência no curta-metragem “Rosana Pereira” dirigido por Mateus Armas para as disciplinas direção de atores e direção de arte da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Palavras chave: Filme independente, Estética, Decupagem, Teatro.

INTRODUÇÃO

Em março de 2017 os alunos do quarto semestre de cinema e audiovisual da UFPel gravaram um filme para as disciplinas direção de atores e direção de arte. O curta-metragem “Rosana Pereira” já estava em planejamento há alguns meses antes do início das gravações, desde concepções de arte, storyboard, elenco, locações e figurino.

O enredo do filme é baseado na esquete de teatro “Loira do Banheiro”, criada e interpretada por Lucas Peraça, que protagonizou o papel na adaptação para o cinema.

Tanto a peça de teatro como o filme, seguem a trajetória de Rosana Pereira: um fantasma que foi esquecido. Na adaptação para o cinema, foi introduzido um novo personagem, chamado Laila: uma menina de aproximadamente oito anos que, após conhecer Rosana, resolve ajudar o fantasma a assustar pessoas novamente, começando por mudar completamente a aparência da personagem em questão. Dessa forma, levando-a para a escola onde estuda e, deste modo, Rosana poderia “entender” os medos das crianças através de uma espécie

de “pesquisa de campo”.

Apesar de já ter previamente todas as concepções do filme definidas, quando as gravações se iniciaram, a equipe se deparou com alguns problemas e imprevistos causados pela dinâmica diferenciada dos atores mirins que participavam do filme, de forma que eles

não acompanhavam as extensas horas de gravação. Com essa situação, a equipe precisou repensar suas concepções iniciais, e para entender esse processo, vamos analisar as principais referências de arte e mise en scène como também a situação dos atores na realização do filme.

ESCOLHAS NARRATIVAS, ESTÉTICAS E REFERÊNCIAS

Por ser uma adaptação de esquete teatral cômica, a decisão do diretor foi direcionada em manter essa comicidade e explorar um pouco o lado “lúdico” do filme sem perder o tom “fantasmagórico” da esquete original.

Foi, portanto, decidido manter os



dois universos: exagero de sombras e luz nas cenas em que a personagem Rosana aparece sozinha e um exagero de cores vibrantes nas cenas em que a personagem interage com as crianças.

A maior referência estética para o filme foram os filmes de Woody Allen, em



A mise en scène nas cenas de *Crisis in six scenes* se encaixavam perfeitamente no contexto de “Rosana”, já que haviam muitos personagens infantis, naturalmente o filme precisaria de uma “movimentação vibrante” em tela.



(Rosana Pereira, Pelotas, 2017).



(Crisis in six scenes, Nova York, 2016).

A MUDANÇAS DE DECUPAGEM NECESSÁRIAS

Durante as gravações, observamos que a energia das crianças ia diminuindo com o passar dos repetidos takes e planos, com isso, foi necessário dar prioridade a este problema, já que ele refletia diretamente na qualidade do filme. A equipe optou por agilizar ao máximo a parte técnica, utilizando duas câmeras e com isso dinamizando a produção, além de modificar a decupagem no momento das gravações, optando por planos gerais mais contemplativos

contendo apenas as informações necessárias para o andamento da história, evitando assim o desgaste dos atores mirins, porém ao mesmo tempo arriscando a possibilidade de uma possível quebra de eixo ou continuidade, afinal, os planos eram praticamente reinventados no momento das filmagens, apesar da necessidade de adaptação, os planos finais ficaram bastante similares as concepções de storyboard.



Comparação entre os rascunhos de referência e o resultado final

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso de Rosana Pereira o roteiro foi apenas um “esqueleto” para a montagem do filme, e apesar das várias alterações e de muitos planos improvisados, o filme conseguiu capturar a essência original do roteiro e das concepções, trazendo a energia vibrante nas cenas com crianças, um tom fantasmagórico nas cenas isoladas de Rosana e explorando a comicidade e o lúdico da narrativa.

Desprender-se dos conceitos originais e focar apenas nas informações essenciais para a narrativa é um exercício fundamental na formação de um bom diretor, principalmente no que diz respeito a identificar os pontos cru-

ciais da narrativa. Uma vez que quanto melhor esclarecido estiverem os principais pontos narrativos, mais fácil se tornará para o diretor resolver problemas ou ser maleável a diferentes situações de set que exijam uma mudança rápida ou um re-planejamento. É fundamental estar em sintonia com as ideias e o que se quer da obra para que ela possa ocorrer com maior fluidez e ter resultados mais próximos do idealizado.

A obra cinematográfica é praticamente viva, o diretor e a equipe a planejam e a veem tomar vida, e, em certo momento devem caminhar junto com ela e ver quais novos caminhos

pode trazer, que por vezes podem ser muito mais produtivos e interessantes que a concepção original. É extremamente importante

ser bastante claro, flexível e estar atento a qualquer novidade narrativa que pode ocorrer dentro de um set.

BIBLIOGRAFIA

Rosana Pereira – A Loira do Banheiro. Direção: Mateus Armas. Produção: Robson Zago. Pelotas – RS, 2017. 18 min. Son, Color, Formato: 1920x1080p. Disponível em: https://youtu.be/JbuURw6J8_Q

OLIVEIRA, Luis Carlos. O cinema de fluxo e a mise en scène. USP – 2010.

PINTO, Carolina. A mise en scène e o cinema de fluxo. Campinas: Papyrus Editora, 2013.

Crisis in six scenes. Direção: Woody Allen. Produção: Woody Allen. New York - US, 2016. 30 min.

Son, Color, Formato: 1920x1080p. Disponível em:

<http://www.imdb.com/title/tt4354616/>

1. *Crisis in Six Scenes* é uma mini-série de televisão americana escrita e dirigida por Woody Allen para Amazon Studios. Está disponível exclusivamente no Amazon Video nos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha.

CINEMA E EDUCAÇÃO: A SÉTIMA ARTE E O FAZER PEDAGÓGICO

José Antonio Klaes Roig
*Educa Tube Brasil: blog educacional -
joserioig7@hotmail.com*

O grande escritor Erico Verissimo (1905-1975), na autobiografia Solo de clarineta (1973), indica ao leitor que sua educação primeira foi cinematográfica, ou seja, antes mesmo de adentrar à escola. Que o cinema primeiramente francês, depois o norte-americano foram responsáveis em grande parte por sua economia sentimental. E mais: pode-se perceber em sua narrativa, aspectos cinematográficos, como os constantes flashbacks, travellings e outros recursos visuais, para chamar a atenção do leitor. Com base nisso, posso dizer que a minha geração, que veio após a do escritor cruz-altense, teve uma educação cinematográfica através da televisão, na chamada “Sessão da Tarde”, que remetia às matinés do cinema. Já meu filho, como um “Padawan”, pertence a uma geração audiovisual, em que os multimeios, os jogos eletrônicos e a internet fazem parte de sua bagagem cultural e educacional.

O educador do século XXI precisa ter

essa consciência de que direta ou indiretamente o cinema continua presente no cotidiano das pessoas, seja na tela grande de estabelecimentos que ainda não se tornaram garagens coletivas ou templos religiosos, seja em shoppings centers, também em telas menores na sala de casa, no famoso “Cine Pipoca” familiar e nas telinhas dos smartphones dos jovens. Não importa o local, mas o conceito cinema continua presente a cada geração, integrado às novas mídias: YouTube, Netflix, blogs, portais etc.

O aluno é produtor de material audiovisual ainda que não tenha essa preocupação educacional, cabendo ao professor dar essa formatação. Existem inúmeros canais de vídeo em que alunos têm vasta produção de material audiovisual sobre jogos, livros, filmes etc. Cabe ao professor se integrar a esse processo, primeiramente disso, como um Indiana Jones, fazendo uma arqueologia de sua memória audiovisual (filmes, vídeos, curtas, documentários

etc.) que assistiu quando aluno; para a seguir, como um mestre Jedi com seu sabre de luz, enfrentar as inúmeras possibilidades de uso deste material na sala de aula. Mestre não é apenas aquele que possui um mestrado, mas o que consegue passar aos outros a sua rica experiência de vida.

Neste com texto audiovisual, em que alunos produzem vídeos com seus celulares ou câmeras fotográficas, criam um canal no YouTube e lá depositam farto material, cabe perguntar: E o professor quando fará o mesmo, de forma mais ampla, e não apenas pontual? Quando se apropriará do YouTube como muitos professores fizeram com o blog, tornando-o uma ferramenta de interação além da sala de aula? Possibilitando este canal se tornar uma rede social educacional. Mais que isso: um canal de vídeos de professor no YouTube é mais que um repositório institucional de sua prática escolar e um canal de interação com seu aluno e comunidade. É um espaço de aprendizagem e uma biblioteca viva, por conta do acervo que passa a ser disponibilizado, compartilhado com outros educadores que podem ser influenciados, adaptando certas ideias à sua realidade local.

O cinema é a linguagem ideal para esse primeiro passo, pois trabalha com o imaginário que é universal. Através de um curta-metragem, de uma animação, de slides, de

documentários e outros vídeos pode-se produzir em coautoria com os alunos um material inestimável que inspirará aquela turma, outras turmas, a escola, outras escolas e por aí vai.

O cinema na educação pode ser pensado como recepção e produção. Recepção, à medida que poderão ser utilizados filmes, curtas, documentários de terceiros dentro de uma proposta político pedagógica, adaptado na íntegra ou em partes (uma cena, por exemplo), para discutir certos conteúdos e competências educativas. Enquanto produção, o desafio e as possibilidades são maiores, pois, o professor — em parceria com outros educadores e/ou com seus alunos — passará a ser diretor, produtor, editor de conteúdo próprio, autoral, que poderá ser disponibilizado em sua turma, para a escola, para outras escolas ou para o mundo, através dos já mencionados canais no YouTube, em blog, redes sociais etc.

Havendo uma produção consistente na escola, de dois, três ou mais educadores, é possível pensar em um festival de vídeos educacionais, com temática livre ou sugerida, para que os próprios alunos e a comunidade participem, assistindo, avaliando, votando e premiando. Estimulando a participação coletiva, o senso crítico, a criatividade e a integração do conteúdo e do fazer pedagógico via sétima arte.

Enfim, o cinema na educação permite

diversas possibilidades de uso, dependendo só da criatividade do grupo. Alguns festivais de vídeo estudantis têm demonstrado o quanto é produtivo e surpreendente este processo de unir a sétima arte ao fazer pedagógico. Alguns curtas-metragens e documentários parecem ter sido feitos por profissionais, e quando vai se conhecer os autores, são jovens e crianças sob supervisão de um professor. Alunos que pesquisaram recursos de edição, assistiram a material diverso sobre cinema e que elaboraram vídeos criativos, divertidos e reflexivos.

Então, mãos à obra: Luz! Câmera! Educação!

RIO GRANDE E SEUS CONTORNOS MATEMÁTICOS – 280 ANOS DE HISTÓRIA

MARTINS, Nádia Regina Barcelos; GAUTÉRIO, Vanda Leci Bueno; MOÇO, Priscila PEDROSO, Francine Lemos.

*Prefeitura Municipal Do Rio Grande – Secretaria de Municipal de Educação
Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Zenir de Souza Braga
escolazenir@yahoo.com.br*

Palavras-chave: vídeo; estudantes; geometria; pontos turísticos; cultura.

Viver em uma sociedade que passa por constantes mudanças requer de nós, professores, habilidades de transformação/adaptação como repensar nossos planejamentos de aula para potencializar a construção de significado, perceber outras formas de aprendizado e procedimentos de ensino que tem produzido reformulações curriculares e diretrizes pedagógicas que se fazem presentes nos meios escolares (TOMAZ, DAVID, 2013). Assim, numa perspectiva educacional, busca-se potencializar aos estudantes da educação básica o acesso aos conhecimentos, que são validados pela sua incorporação às práticas sociais e ainda proporcionar aos estudantes uma formação crítica.

Na Escola Municipal de Ensino Fun-

damental Professora Zenir de Souza Braga, as professoras de matemática e a professora responsável pelo laboratório de informática tem o objetivo, por intermédio da participação no IV Festival de Vídeo Estudantil do Rio Grande/RS, articular os conceitos matemáticos ensinados e a história do município que comemora seus 280 anos.

Primeiramente, as docentes dialogaram com os estudantes sobre o aniversário de 280 anos da cidade do Rio Grande e realizaram algumas pesquisas sobre a história da cidade, os pontos e/ou prédios turísticos. Entendemos que a história une o que fomos ao que somos, e nos leva a refletir sobre o que deveríamos ser. É por meio do tempo que a memória coletiva - e a individual - e a lembrança da experiência vivida recupera e mantém o sentimento de pertença.

Os alunos dos sétimos anos assistiram

o filme “O Corcunda de Notre Dame”, inspirado no livro de mesmo nome, do autor Victor Hugo. Debateram sobre o respeito às diferenças, o poder da igreja na época e o destino dos livros, além de analisarem as características da catedral francesa, local onde o personagem vivia. Sendo assim, optaram por pesquisar um pouco mais sobre as igrejas Nossa Senhora do Carmo (estilo arquitetônico neogótico) e Catedral de São Pedro (arquitetura barroca)¹ e exploraram a presença da geometria e relações matemáticas na arquitetura.

Paralelamente, outras turmas pesquisavam os dados da cidade como: distância entre cidades e capital, valor cobrado por passeios em pontos turísticos de Rio Grande, valores de passagens entre outros para futuros estudos. Outras, aprofundaram seus estudos na história da fábrica têxtil Rheingantz². Como afirma Leite e Marques (2008, p.6), “a memória inscreve as lembranças contra o esquecimento e cria sentimentos de pertencimento e identidade para que as futuras gerações tomem conhecimento dos acontecimentos e tenham uma definição do que as diferencia de outros grupos.”

Sendo assim, os estudantes realizaram uma entrevista com uma ex-funcionária da fábrica, a qual esclareceu sobre as atividades desenvolvidas na mesma e como era a divisão de tarefas e formação dos profissionais.

Como encerramento do projeto, os estudantes foram convidados a participar do IV Festival de Vídeo Estudantil, no qual produziram o roteiro e produziram as cenas. A tarefa não é simples! Foram utilizados dois dias de gravações, sempre cuidando detalhes minuciosos como o figurino que tinha de corresponder ao utilizado na última cena, alterações no roteiro que viessem a colaborar na continuidade do mesmo. O imprevisto é previsível. Quase sempre ocorre alguma mudança de última hora. Ou o personagem principal falta às gravações, ou o ator coadjuvante adoece. Ou seja, fazer um filme exige paciência, persistência e criatividade. Apesar dos entraves que surgem no caminho, os discentes sempre mostram-se motivados, interessados e cheios de ideias para colaborar na melhoria da sua película.

Aprender matemática e ter a possibilidade de visualizar seus trabalhos de outras formas, que não sejam as tradicionais provas e/ou trabalhos, enriquece o aprendizado das turmas. Logo, o objetivo principal desta atividade era perceber/reconhecer conteúdos matemáticos em lugares, situações vivenciadas na cidade do Rio Grande. Depois, transcrever esse conhecimento em pesquisas, montagens de painéis e prevalecer-se do aniversário da cidade, para apresentá-la com um filme sobre a mesma, levando em consideração o que pesquisaram em sala de aula.

Moran (1995) afirma que “vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não aula, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso.” E o autor ainda complementa destacando que os professores devem aproveitar essa expectativa positiva para seduzir o estudante para a construção dos conceitos científicos. Prensky (2001) denomina de “nativos digitais” a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores – a Web. No entanto, em 2017, ainda temos professores que ainda não se deram conta que o uso das tecnologias digitais deveria ser incorporado ao planejamento pedagógico.

Com o desenvolvimento do projeto as aulas planejadas pelas professoras passam

a ter um propósito comum, com base no incentivo às descobertas, buscando conhecer características fundamentais do município nas dimensões sociais, materiais e culturais para, posteriormente, explorar a noção de identidade e o sentimento de pertinência. A criação do vídeo, uma realidade da sociedade atual, como encerramento do projeto, enriqueceu a dinâmica das relações sociais, tirando o foco unicamente dos conteúdos, trouxe implicações afetivas, cognitivas e sociais, pois foram desencadeadores de discussões, nas quais o professor buscou valorizar as ações de cooperação e solidariedade, estimulando a autoconfiança e manifestando respeito para com as limitações e as possibilidades dos estudantes.

REFERÊNCIAS

LEITE, Edson; MARQUES, Jane. Recursos Culturais no Turismo: Identidade, Sociedade e Gestão Pública. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008.

MORAN, J. M., “O vídeo na sala de aula”. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9, No. 5, October (2001a). Disponível em: . Acesso em 6 de Outubro de 2016.

TOMAZ, V.S.; DAVID, M.M. Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

¹ Atividade publicada em <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=20609> no dia 24 fev 2017.

² Oficialmente inaugurada no ano de 1873, sob o nome de Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater. A fábrica trabalhou prioritariamente com o processamento da lã, cuja procedência era das propriedades rurais nas regiões de Bagé, Livramento, Uruguaiana e Santa Vitória do Palmar, no sul do Rio Grande do Sul, RS.

A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - NOTAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA

Larissa de Oliveira Pedra

Pedagoga, Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Capão do Leão, Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, Pós-graduanda em Psicopedagogia nos Processos de Ensino-Aprendizagem pelo Centro Universitário Claretiano. E-mail: larissadeoliveirapedra@gmail.com

A experiência aqui narrada ocorreu no ano de 2016, no período em que eu trabalhava com pré B (faixa etária entre 5 e 6 anos) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Darcy Ribeiro. Fui convidada pela então diretora da escola, Milca Vilela Rodrigues, a conhecer o projeto "Festival de Vídeo", uma parceria entre a UFPEl, na pessoa do professor Dr. Josias Pereira e da Secretaria Municipal de Educação de Capão do Leão. Tive bastante interesse, talvez por motivos pessoais ou pelo percurso acadêmico que tenho traçado em paralelo à docência ao longo de alguns anos, mas não sabia como seria possível produzir vídeos com crianças tão jovens. Na verdade, ficou implícito nos contatos nas oficinas que o projeto se destinava a alunos maiores. Contudo, curiosa e pensando que talvez

houvesse ali um fértil território a ser explorado na Educação Infantil, comecei a acompanhar as oficinas ministradas pelo professor Josias, acessar os materiais do blog e empreender, muitas vezes de forma solitária, esforços teórico-práticos para pensar e fazer vídeo estudantil na educação infantil. Cabe salientar que só foi possível avançar nessa caminhada com o apoio da minha diretora e do coordenador do projeto, que sempre me lembravam que era possível, sim, realizar aquilo que eu estava tentando idealizar.

Com o tempo, percebi que a produção e consumo de vídeos nada mais era do que uma relativamente nova linguagem na qual realizamos uma ação antiga e praticamente universal: ouvir e contar histórias. E nisso meus alunos eram bons. Eram ótimos. Na verdade,

eram excelentes. Apesar de poucas experiências registradas dentro da linguagem "vídeo", ouvir e contar histórias é algo culturalmente ligado aos estímulos investidos na infância e há ampla literatura científica sobre o tema (SILVA, 2015; GIROTTI, 2015). Dentro da sala de aula de onde narro essa experiência diversas ações já foram realizadas neste sentido, entre as quais poderíamos citar o contato com livros, a contação e recontação de histórias, os jogos teatrais, o uso de fantoches e as rodas de conversa.

As pesquisas e empreendimentos práticos em literatura infantil encontram-se bastante consolidados e seria possível citar diversas áreas que empreendem no tema: desde os estudos em linguística, alfabetização, antropologia, psicologia, neurociências... A lista é extensa. No recorte da minha experiência, fui bastante inspirada pelo trabalho de Mário e Diana Corso, um casal de psicanalistas porto-alegrenses que se debruçaram por anos sobre uma extensa pesquisa sobre a relação da criança com a ficção e as implicações inconscientes que se produzem a partir dessa. Os frutos desta pesquisa são extensos, e além da publicação de diversos artigos e realização de diversas palestras na área, entregam ao grande público os livros *Fadas no Divã - Psicanálise nas Histórias Infantis* (2006) e *A Psicanálise na Terra do Nunca - Ensaio Sobre*

a Fantasia (2011).

Para Corso & Corso (2011) somos, de certa forma, constituídos através da ficção. Segundo eles, conseguimos acessar a nós mesmos pela via da ficção. Dito em outras palavras "o discurso possível a respeito do que somos e que nos aflige será construído de histórias: são tentativas de estabelecer um sentido para a nossa existência e uma trama para sustentar nossos desejos" (Corso & Corso, 2011, p. 20). Sendo um pouco mais radicais e nos inspirando em autores do paradigma pós-representacional, que pensam e produzem a partir de autores como Deleuze e Foucault, chegamos a uma completa destruição do dualismo realidade X ficção. Segundo os filósofos franceses contemporâneos (citados por Pellejero, 2012), a assunção do paradoxo da realidade como ficção tensiona o conceito de verdade. De certa forma, é uma tarefa vazia tentar separar ficção e realidade no contemporâneo e muito mais frutífero seria assumir, de fato, que não se tratam de opostos.

Voltando para a sala de aula, dia após dia, e a cada momento conseguindo realizar mais agenciamentos entre aquilo que eu lia, aquilo que eu via e aquilo que eu fazia, estruturei a proposta a ser feita para os pais: "vou produzir um curta-metragem com os filhos de vocês, eles serão os roteiristas, produtores e atores, o que vocês acham disso?". Para a mi-

nha surpresa, a turma foi uníssona em aprovar a proposta e, preciso confessar que, pela primeira vez vi mães correndo atrás de mim com autorizações de imagem para projetos (e não o contrário). Também comecei a me indagar sobre essa espécie de primazia da sétima arte em detrimento das demais. Já sei que a ficção nos mobiliza por que nos construímos através dela, mas a pergunta que ainda ficou em aberto e que talvez mereça um empreendimento de pesquisa maior é: o que há no cinema que nos mobiliza mais do que as outras linguagens artísticas/ por que o cinema possui o impacto que possui em nossas vidas contemporâneas?

Sem dúvida, a reação dos pais em apoiar com tanta veemência este projeto pode estar ligada à glamourização da ocupação social dos atores, sobretudo da televisão. O prêmio do festival, uma viagem a Gramado também pode ter contribuído para a euforia. Fácil refutar o argumento observando outros aspectos que podem ter servido de condição de possibilidade para a reação dos pais, mas não é tão simples explicar o que ocorreu diretamente com as crianças.

Começamos o processo com o contato com oito personagens do folclore brasileiro. No início de cada uma das oito aulas eu lia uma das histórias, fazíamos atividades pedagógicas a partir do personagem e construíamos um palitoche (fantoche feito com um desenho

pintado em papel sulfite 180 gramas ou similar preso a um palito de churrasco que lhe permite mobilidade como um fantoche de vara) do personagem. Ao final, todos brincavam de inventar histórias e encená-las através do palitoche. Conforme a coleção de personagens foi crescendo, as histórias criadas foram se complexificando e as noções de início, meio e fim foram sendo desenvolvidas.

Cabe aqui um parêntese para falar de algo que aprendi no processo. Podemos tomar a noção de narrativa com início, meio e fim como uma espécie de pré-requisito para que a criança consiga participar da produção de vídeos estudantis. Então, isso quer dizer que uma criança que não compreenda a narrativa como um todo formado por partes não pode participar deste tipo de projeto? Claro que não! Quer dizer que crianças que ainda não tenham adquirido essa noção precisam de intervenções específicas do professor (e muitas vezes da própria turma) a fim de estimulá-la a compreender como as histórias são contadas e compreendidas.

Voltando ao relato da experiência, ao final das criações dos fantoches, lancei a proposta de criar uma história coletiva da turma para depois gravar em formato de vídeo. Já tínhamos conversado sobre o Festival de Vídeo (sobre fazer um filme), mas de forma um pouco mais distante da prática imediata. Escrever tex-

to coletivo também não era nenhuma novidade para a turma, que já era reconhecida na escola pela criatividade e fluidez verbal. Então, nesta parte do processo é que percebi que tinha muita coisa para dar certo nessa experiência.

Fiz com a turminha uma roda e chamamos a atividade de “reunião de produção”. Talvez eles já tenham visto isso em algum filme, porque tinham em si uma certa noção do que era uma reunião. Lembro que muitos deles pegaram a garrafinha de água para beber durante a reunião e que uns cobravam dos outros que não conversassem ou fizessem bagunça pois “não é assim que as pessoas se comportam em uma reunião”. Quando começamos a conversar sobre gêneros cinematográficos o brainstorm trouxe à tona noção de drama, comédia, romance, mistério e terror daquilo que eles já tinham experimentado como espectadores. Então, a turminha decidiu criar um romance-terror-comédia, e chegaram a enunciar que queriam fazer algo parecido com Scooby Doo. Estranhei a referência a um desenho do meu tempo de infância, mas descobri que essas crianças tinham, naquele momento, mais acesso à programação on demand do que via televisão aberta/a cabo e que, portanto, a temporalidade dos desenhos animados não é mais linear como há alguns anos atrás.

E nesta reunião surgiu a história que deu origem ao vídeo “o namorado misterioso”.

Fui escriba do processo, e tive que intervir poucas vezes em momentos de impasses na turma. Por exemplo, tivemos que fazer uma votação para escolher o nome dos personagens (não conseguimos consenso de outra forma) e para definir alguns pontos centrais na história: se a personagem morreria ou não, se o final seria feliz ou não e etc.

O resultado foi uma história incrível, que mesmo antes de ser gravada já mostrou todo o potencial que tinha. Lendo para as minhas colegas na sala dos professores, percebi o quanto a história era genial. Resumidamente: Uma menina entra nova na escola e conhece um menino. Se apaixonam, viram namorados e até aí tudo bem. Uma noite, passando por um local escuro: vê um lobo usando a roupa do namorado. Descobre o que namorado é um lobisomem e fica com muito medo de que ele a devore ou faça algum mal. Então, tem uma brilhante ideia: de dia namora o menino e à noite tem um lobinho de estimação, com quem brinca, passeia e alimenta. Final feliz.

A simplicidade e genialidade da narrativa me pareceram incríveis e por um certo tempo fiquei procurando referências de onde eles poderiam ter tirado aquela história. A Disney já estava investindo pesado no marketing de mais uma versão de “A Bela e a Fera” no ano em que “o namorado misterioso” foi escrito, mas há uma diferença fundamental

e bastante filosófica na narrativa dos meus alunos: a aceitação da ambivalência. Talvez (e só talvez, porque não passa de uma hipótese minha) essa aceitação da ambivalência tenha alguma influência em Frozen, um longa-metragem que meus alunos eram realmente muito fãs. Pode haver algo de novela Carrossel (SBT) nesta narrativa, este amor no ambiente escolar é bastante familiar para os expectadores da novelinha.

Mas, deixemos as especulações de lado e voltemos ao relato. As gravações aconteceram na escola. Comprei algumas barbas postiças em uma casa de festas e levei para a sala para a caracterização do lobo, e neste momento vários meteram a mão na massa, quer dizer, na cola e na barba, para fazer dar certo. Transformamos o texto em um roteiro pensando cada cena juntos e escolhendo os locais de gravação.

Gravamos toda a história em apenas dois dias, nas dependências da escola. Fui operadora da câmera em alguns momentos, e em outros os alunos assumiram este papel. Alguns alunos se destacaram mais na direção das cenas do que outros, mas todos estavam presentes na gravação de todas as cenas. O filme não tinha falas, pois optei por me arriscar um pouco menos ao escolher realizar um vídeo narração.

A narração foi gravada em turno inver-

so para aproveitar o horário mais silencioso da escola. A aluna que fez a narração é bastante adiantada em relação aos colegas e já estava lendo neste período (com 5 anos), porém, não com a fluência necessária para um texto tão longo. Para ter um resultado mais orgânico, fomos passando cena a cena e ela ia falando com suas palavras o que precisava ser dito, em um momento particular comigo. Como a aluna em questão adorava fazer de conta que estava lendo e também já era famosa por rebuscar a linguagem, tivemos um resultado bastante interessante.

Vídeo pronto, inscrição feita e chega a hora de divulgar os links para assistir e votar. Famílias muitíssimo orgulhosas, escola sentindo-se muito bem representada, reconhecimento que vinha de todos os lugares, de tantas pessoas que não podíamos imaginar que seriam alcançadas. O único vídeo de educação infantil produzido no I Festival de Vídeo de Capão do Leão já era sucesso muito antes do resultado da premiação.

Os alunos ficaram extremamente orgulhosos da experiência e transbordavam alegria sempre que falávamos sobre ela. Esperávamos ansiosamente a premiação, e muitos alunos sonhavam em viajar com a turminha para “Gamado”.

Chega a noite da premiação. Noite que merecia, sem dúvidas, um relato à parte. Noite

inspirada no Oscar, com muito bom humor, expectativa e reconhecimento dos trabalhos. Uma boa parte da turma compareceu à praça da cidade para acompanhar a cerimônia com seus filhos artistas. A turma torceu e vibrou a cada anúncio de prêmio. Foi uma noite inesquecível e muito emocionante para todos nós. A fim de deixar este texto mais intenso, peço licença para a petulância de citar a mim mesma, compartilhando mais uma vez o texto que escrevi no meu Facebook pessoal ao final desta noite, juntamente com as fotos das postagens:

Essa noite foi memorável tanto para mim quanto para os meus pequenos alunos do pré B 4.

O I Festival de Vídeo de Capão do Leão foi originalmente pensado para alunos maiores, que curtam a linguagem e possivelmente pensem em ser youtubers ou cineastas.

Mas os meus mini futuros youtubers/cineastas também conseguem!!! (Foi esse o mantra que encorajou, além da minha diretora me incentivando e dizendo que dá sim para fazer tudo).

Fomos a única turma de Educação Infantil a participar, e fomos finalistas em 5 categorias diferentes, trazendo para a escola o 2º lugar na categoria Melhor Roteiro, o 3º lugar na categoria melhor direção e uma Menção honrosa por nossa linguagem audiovisual.

Estamos muito orgulhosos!!

Mas isso todo mundo sabe, agora vamos para as coisas que poucos sabem sobre o “Namorado Misterioso”:

1) O texto e roteiro é deles, e apesar de não-alfabetizados são letradíssimos e consomem bastante ficção. Fomos criando coletivamente e eu, como escriba, não acredito até hoje no resultado que

eles alcançaram!

2) A máscara do lobisomem foi colada com durex (depois de várias tentativas menos dolorosas), mas foi o próprio Kallebe que sugeriu o durex e foi bem machão na hora de tirar;

3) Manuelle, a mocinha do filme gravou metade das cenas no dia em que retornou do afastamento de algumas semanas por causa de uma cirurgia de rim, e apesar de não ter participado da escrita do roteiro, deu um show de interpretação!! A atriz que faria o papel não deu conta e a Manu apareceu no dia certo para abrilhantar nosso curta;

4) Eles vibraram muito cada uma das três vezes em que foram chamados ao palco, mas ainda queriam “um troféu de verdade” e conhecer ‘Gamado’, “a terra do papai Noel”, alguns saíram chorando, mas sei que esse dia vai fazer parte da vida deles de uma forma muito positiva!

5) Gabriella, a narradora da história aprendeu a ler praticamente sozinha. Ela ainda tem 5 anos, e no vídeo não está lendo de verdade, mas ela já é mestre em pegar um livro e fazer todo mundo jurar que está lendo desde os 4 anos (ou menos).

6) A mãe da Manu com certeza tem uma porcentagem significativa nos 16 mil votos do festival, aparentemente, já temos fãs hehe;

7) Nossos artistas são multitarefas e já foram reconhecidos hoje por uma menina de outra escola, que perguntou se iríamos fazer o show do Cúmplices no palco principal;

8) A Prô ama vocês mais do que imaginam e tenho muito orgulho de vê-los crescendo tão depressa, aprendendo sempre um montão de coisas, mas estou sofrendo muito em ter que me despedir de vocês ainda neste mês, para que vocês continuem suas incipientes trajetórias de sucesso! Contem sempre comigo “santos diabinhos”, espero que esse ano de aventuras fique no coração de vocês como ficou no meu!

Sem conseguir explicar melhor como essa oportunidade passou pelas nossas rotinas, encerro este relato aqui, dando apenas notícias de que continuo acreditando nisto que descobrimos juntos e que terá sim vídeos da Educação Infantil no II Festival de Vídeo de Capão do Leão, com a intenção de que as experiências nos tragam mais e mais problemas de pesquisa para seguir qualificando a experiência docente na Educação Infantil. ■

REFERÊNCIAS

PELLEJERO, E. A.. A realidade da ficção, Uma aproximação a partir da filosofia francesa contemporânea. In: Congresso internacional fantasia & crítica, 2012, Ouro Preto. Fantasia & Crítica. Belo Horizonte: Edição da Abre, 2012. v. 1. p. 281-290.

SILVA, M. C. Literatura e infância: entre filosofia, história e “despropósitos”. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 46, p. 197-210, jul./dez. 2015.

GIROTO, C.G.G.S. Literatura na Infância: a criança, o livro e a capacidade de ler. In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 34-52, set./dez. 2015.

CORSO, M & CORSO, D. A Psicanálise na Terra do Nunca - ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

CORSO, M & CORSO, D. Fadas no Divã - a psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DE REPENTE, TRINTA!

Eliane Candido

Pedagoga, Especialista em Mídias na Educação, idealizadora do festival estudantil São Léo em Cine da cidade de São Leopoldo, coordenadora do 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil. Contato: eliane.candido21@gmail.com

RESUMO

Este relato mantém a estrutura central de um memorial, pois conta, resumidamente, a trajetória profissional e acadêmica de uma professora que ingressa na rede municipal da cidade de São Leopoldo-RS nos anos oitenta e depara-se com inúmeros desafios pelo caminho. A solução que encontra para amenizar a disparidade entre a teoria e a prática é acompanhar o desenvolvimento social e multicultural da sociedade e seus indivíduos através de estudos, mudanças, superação e olhar atento às vivências dos educandos. Vários momentos foram significativos neste percurso, porém vamos nos aprofundar aos fatos que ocorreram quase trinta anos depois. A mesma passa a dar vez e voz aos seus alunos por meio da produção de vídeos no contexto escolar até chegar a criação e coordenação de um dos maiores festivais de vídeo estudantil do estado do Rio Grande do Sul, o São Léo em Cine. O festival foi amparado por lei e acontecerá anualmente no mês de outubro na cidade de São Leopoldo. Atualmente, a professora está auxiliando na coordenação do segundo Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil, desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Unisinos e Secretaria Municipal de Educação da cidade supracitada.

COMO NUM PISCAR DE OLHOS

Os anos passam rapidamente que muitas vezes nem os sentimos! Mas todas as sensações vividas contribuíram para definir meu perfil profissional e o posicionamento questionador frente a novos desafios. A von-

tade de ser professora, de ensinar e aprender junto com meus alunos nasceu já nos primeiros anos de escola e, aos dez anos de idade, tinha certeza da profissão que ia seguir mesmo dona de uma timidez avassaladora.

Por ter minhas raízes constituídas em uma família de nível sócio econômico baixo, esse desejo de ser professora exigiu perseverança de meus pais em buscar recursos financeiros. Conseguiram uma bolsa de estudos para a escola particular, na época, era a única que oferecia Curso Normal!. O primeiro desafio consistia em não reprovar de ano sob a penalidade de perder a bolsa e o segundo foi superar a timidez que me impedia de falar ou ler em público.

Com muita força de vontade e dedicação me formei em dezembro de 1982 e em março de 1983 ingressei na rede municipal de São Leopoldo onde atuei até 2017. Tinha pela frente um grande desafio a ser enfrentado em minha primeira experiência profissional: alfabetizar alunos em uma comunidade extremamente carente.

A formação inicial me dava pouquíssimos subsídios teóricos e práticos para tamanho compromisso de ensinar a ler e escrever. Para dar conta desta demanda proporcionei atividades diferenciadas que pudessem contribuir nas aprendizagens dos educandos e investi na formação continuada para aperfeiçoamento das aulas. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer o curso de Estudos Adicionais – Especialização em Alfabetização, bem como outros cursos, fóruns, congressos e seminários sobre temas vigentes: oratória,

alfabetização, fracasso escolar, multirrepetência, construtivismo, informática na escola, diversidade, aspectos sociais, econômicos, culturais, psicológicos, afetivos e cognitivos, entre outros.

Segundo Nóvoa (1995):

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores e a autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional, que participem como protagonista na implementação das políticas educativas. (NÓVOA, 1995, p. 27).

Ao longo dos anos o despreparo profissional foi dando lugar a superação, a confiança, a aquisição de outros saberes, novos desafios e novas aprendizagens, enquanto a timidez foi assumindo uma postura mais dialógica, interativa e destemida.

Com o intuito de qualificação pessoal e profissional ingressei na universidade no curso de Pedagogia com ênfase em Administração e Supervisão Escolar. Neste espaço pude reafirmar minha concepção sobre a importância de atualização constante, de conhecer a realidade do aluno, das tecnologias na prática educativa e o encantamento que elas causam na vida daqueles que as utilizam.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão presentes no dia a dia das pessoas, seja como entretenimento, ferramenta de apoio, buscas e trocas ou na otimização do tempo.

Corroborando Peruzzo (2002):
O avanço das tecnologias de informação e comunicação [...] vêm contribuindo para a ocorrência de um acelerado processo de mudanças no mundo atual. Entre elas alteram-se as noções de tempo e de espaço na vida social. (PERUZZO, 2002, p. 5).

Segundo a referida autora, transformações aceleradas vêm ocorrendo no comportamento humano, tanto social como profissionalmente, bem como nas suas relações com o meio.

Nos bancos acadêmicos discutimos as grandes dificuldades do contexto escolar e algumas soluções possíveis, mas também lemos e ouvimos outras tantas palavras sem esperanças de melhorias. No entendimento daquela época, concluí que a educação nesse país não era algo fácil, tampouco uma prioridade, que precisávamos de muitas horas de estudos e reflexões, que a valorização vem de dentro para fora e que muitas alterações somente iriam acontecer quando mudanças de atitudes, posturas e técnicas surgissem por acreditarmos que nossos ideais poderiam fazer

a diferença na vida de nossos alunos.

Deste modo, mesmo atento as dificuldades e limitações dos processos formativos e do exercício profissional dos docentes, é preciso manter a esperança nas possibilidades de mudanças, como frisa Freire (1996):
[...] me parece uma contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, 1996, p. 73).

É essa esperança que deve motivar, colocar no palco de discussões e nas pesquisas em educação a necessidade de repensar a formação de professores, considerando a complexidade do ser humano.

Outro momento desafiador e marcante foi quando participei do “Projeto ABC de Verão” na cidade de Novo Hamburgo que tinha por objetivo alfabetizar alunos que não conseguiram aprender a ler e escrever durante o ano letivo. Este projeto ocorria no mês de janeiro e numa “escola polo” que atendia todos os alunos daquela região.

Ser coordenadora do Polo de Lomba Grande foi um trabalho muito gratificante do qual tive a oportunidade de acompanhar

e orientar todas as atividades dos alunos e professores. Dos vários polos espalhados pelo município, o de Lomba Grande obteve o maior índice de aprovação, pois conseguimos alfabetizar 75% dos alunos que, teoricamente, estavam condenados a repetirem o ano. Obtive o reconhecimento dos alunos, pais, professores, diretoras das escolas locais, da Secretaria Municipal de Educação (SMED) da referida cidade e, por consequência, recebi várias propostas para trabalhar como coordenadora/supervisora escolar.

No 2º Fórum Municipal de Educação promovido pela SMED de Novo Hamburgo fui convidada a compartilhar a experiência bem sucedida do projeto, explicando a “receita” utilizada para fazer com que a maioria das crianças aprendessem a ler e escrever em um mês de aula. Digo a vocês o que respondi na época: não existem receitas prontas quando se trata de seres humanos. Observamos suas vivências, carências e necessidades para ofertarmos momentos envolventes, através do afeto, de um olhar sensível e otimista, além de uma diversidade de recursos lúdicos e tecnológicos a fim de estimular a curiosidade e o prazer de aprender. O acolhimento e carinho recebidos, bem como o contato que eles tiveram com o mundo da leitura e suas diversas formas de expressão contribuíram significativamente para alcançar seus objetivos.

Segundo Lima (2010) a afetividade é uma ferramenta poderosa nos seres humanos, pois ela propicia as inter-relações entre os pares e com o meio onde estão inseridos. Nessa interação os sujeitos vivenciam as emoções, ou seja, reagem afetivamente aos acontecimentos. O afeto é mobilizador e contagiante ao ponto de “[...] afetar o outro a partir de comportamentos, sentimentos e reações” (LIMA, 2010, p. 53).

Sentindo-me ainda mais motivada, criei um projeto de trabalho e pesquisa associada à sala de informática e desenvolvi com meus alunos da terceira série (atualmente, quarto ano do ensino fundamental) que, modéstia a parte, foi um sucesso na escola, no bairro, no município, no estado e no Chile.

Eu e minha colega de informática nos inscrevemos para participar do XV Encontro Internacional de Educação – MERCOSUL, CONESUL e Países Associados, que ocorreria no Chile. Para nossa surpresa fomos a única dupla do RS a ser selecionada para apresentar nosso trabalho de “Informática Integrada a Sala de Aula”, mostrando outras fontes e instrumentos de aprendizagens, que vão muito além do quadro e giz, do caderno e lápis. Corroborando Petrus (2003) quando diz que “Reduzir a ‘educação’ a ‘educação escolar’ é ver apenas uma parte da realidade [...] da mesma maneira que existem outros métodos, além de

didáticos, a educação não pode se reduzir à educação formal". (PETRUS, 2003, p.120).

Incentivada por esta experiência surgiu o grande interesse em fazer uma pós-graduação na área, mas não havia nada que me chamava a atenção. Três anos se passaram quando vi o edital da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para curso de Especialização em Mídias na Educação e me inscrevi.

Durante um ano e meio tive contato com vários professores do curso e suas disciplinas desafiadoras e empolgantes. Vivenciei, pratiquei, brinquei e trabalhei com ferramentas que jamais imaginava que poderiam existir. Foi paixão a primeira vista! Se antes, algumas mídias já faziam parte do meu dia a dia, daquele momento em diante elas passaram a viver em mim!

Levei para a sala de aula todos os conhecimentos aprendidos e o resultado foi gratificante para todos. Aprendemos a utilizar várias mídias de forma pedagógica, tais como: fazer fotos e vídeos no celular, baixá-los para o computador, criar jogos e ambientes virtuais interativos, usar editores de imagens e vídeos para qualificar nossas produções, produzir minidocumentários com recursos de imagem fixa e/ou em movimento, gravar narração de voz e arrumá-la em editor de áudio, interagir com outras turmas e compartilhar nossas descobertas na internet.

Kampff (2006) ressalta que:

Em uma sociedade de bases tecnológicas, com mudanças contínuas e em ritmo acelerado, não é mais possível ignorar as alterações que as tecnologias provocam na forma como as pessoas veem e aprendem o mundo, nem desprezar o potencial pedagógico que tais tecnologias apresentam quando incorporadas à educação. (KAMPFF, 2006, p. 12).

Sendo assim, passei a trabalhar no Laboratório de Informática, no turno da tarde, atendendo os alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e, à noite, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Todas as turmas vinham acompanhadas de seus professores. Portanto, durante a semana na hora atividade de cada professor, nós planejávamos a próxima aula no laboratório trocando ideias e sugerindo atividades.

Durante este período, incentivei vários alunos e professores na produção de vídeos estudantis, orientei alguns vídeos como diretora geral e outras vezes auxiliei a professora Andréa Rodrigues em suas produções com os alunos da EJA. No final daquele ano tivemos diversos trabalhos realizados pelos professores e exibidos na "1ª Mostra Estudantil de Cinema e Teatro" da EMEF João Belchior Marques Goulart.

No ano seguinte, eu e a colega Andréa

criamos um projeto escolar intitulado "Oficina de Cinema" e buscamos a parceria da UFPel, através do professor Josias Pereira. A oficina tinha como objetivo a produção de vídeo estudantil com a utilização de diversas mídias, visando resgatar a identidade, autoestima, princípios e valores, reflexão sobre temas do cotidiano e do mundo.

Segundo Pereira (2008), professor da Faculdade de Cinema da UFPel, um projeto cinematográfico bem embasado contribui para a mobilização e motivação da comunidade escolar na medida em que vão desenvolvendo diversos gêneros textuais e audiovisuais, bem como atividades pedagógicas vinculadas ao currículo.

Aproveito este espaço para agradecer a Equipe Diretiva da EMEF João Goulart (2011-2016), em destaque ao diretor Claudio Celso Hatje pelo apoio, credibilidade e confiança nesse projeto, bem como ao professor Josias Pereira pelo suporte teórico, prático e pedagógico do mesmo.

Passado dois anos criei um projeto em nível municipal e apresentei ao Secretário de Educação, Arthur Schmidt, atualmente vereador de São Leopoldo. Durante a apresentação e argumentação percebi que seus olhos brilhavam e que ele estava aberto a mudanças tecnológicas. Quando terminei trocamos várias ideias e experiências pessoais e pedagógicas

que viriam a complementar ainda mais o projeto. Ao final dessa reunião recebi o convite para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação e colocar em prática essa criação.

Foi assim que surgiu o 'São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil' com o objetivo de compreender as relações existentes entre a didática e as produções audiovisuais nas múltiplas áreas do conhecimento, oportunizando a construção de curtas-metragens como um recurso capaz de instigar, estimular e ampliar várias aprendizagens e vivências do cotidiano escolar e para além dele. O festival também contou com o grande apoio da UFPel e do Cinesystem Cinemas, espaço no qual os vídeos foram exibidos, além de outros parceiros que fizeram dele um sucesso.

Através da Lei 8597, promulgada em 23 de maio de 2017, o festival teve amparo legal e foi incluso no calendário de eventos municipais. A lei proposta pelo vereador Arthur Schmidt foi aprovada por unanimidade pelos demais vereadores da casa legislativa. Portanto, em outubro desse ano teremos a terceira edição do festival e esperamos que siga incentivando novas aprendizagens por muitos e muitos anos.

Com a mudança de gestores, através das eleições municipais, novos integrantes compuseram as secretarias e, conseqüentemente, os projetos e ações da cidade. Sendo

assim, não faço mais parte da coordenação do festival, porém fico orgulhosa pela continuidade do mesmo e feliz que os alunos e professores de São Leopoldo poderão usufruir e ampliar aprendizagens que outrora idealizei e desenvolvi com muito carinho e dedicação.

E, de repente, trinta anos se passaram! Nesses anos, inúmeras sementes foram plantadas e colhidas ao longo do caminho e outras tantas foram compartilhadas e multiplicadas. Pequenas ideias que foram transformadas em grandes ações e ótimos resultados. É isso que nos faz crescer e amar ainda mais aquilo que fazemos!

No decorrer desses anos muitas tristezas e angústias nos acompanharam e por vezes tivemos passar por cima das adversidades, erguendo a cabeça e seguindo em frente com esperança de dias melhores. Caso o contrário poderíamos nos juntar aqueles que passam a vida reclamando do ofício que escolheram, mas não movem uma palha para cruzar os obstáculos. O rancor e a decepção deixam os fracos paralisados e apenas lhes restam culpar o sistema, os governantes, a sociedade pelo fracasso profissional e educacional.

Nesse sentido, Cury (2003) deixa um alerta aos educadores:
Não seja um perito em criticar comportamentos inadequados, seja um perito em fazer seus alunos refletirem. Às vezes, insistimos durante

anos dizendo as mesmas coisas e os jovens continuam repetindo os mesmos erros. Eles são teimosos e nós estúpidos [...] educar não é repetir palavras, educar é encantar, [...] é acreditar na vida mesmo que derramemos lágrimas, [...] é ter esperança no futuro [...] é ser garimpeiro que procura os tesouros do coração. (CURY, 2003, p. 25).

Muitos podem dizer que os ventos sopraram a meu favor. Não. Nada foi fácil para mim. Tive que buscar o reconhecimento começando por ações pequenas de sala de aula que eu acreditava ser o melhor. É preciso ter coragem para sair da mesmice e experimentar algo novo. Sempre andei, seja a favor ou contra os ventos, mas nunca fiquei parada no mesmo lugar por muito tempo. Aproveitei cada oportunidade como se fosse a última, sempre com extremo cuidado e ética para tratar o meu semelhante da mesma maneira como gostaria de ser tratada.

Durante esses trinta anos que transcorreram como num piscar de olhos, trabalhei em quase todos os espaços escolares. Não recusei uma proposta que julgava ser importante, que me faria crescer, aprender novas competências e que me desse a possibilidade de ver as coisas por outro ângulo. Atuei em todas as séries/anos, na biblioteca, no laboratório de informática, nos projetos, nas aulas de reforço,

fui regente de turma, regente 2, professora da EJA, secretária escolar, coordenadora e vice-diretora. Apenas não atuei na Educação Infantil e como professora substituta.

A partir de abril de 2017, mesmo estando na condição de aposentada, percebo que o mundo e as oportunidades não cessam. E nem quero que terminem! Atualmente, com novas tarefas profissionais, procuro distribuir e aproveitar melhor o tempo. Tempo para a família, amigos, estudos, viagens, gente nova, cultura, educação, arte e produção audiovisual. Sei que ainda tenho muito a contribuir para educação, porque um cérebro em atividade constante não envelhece jamais!

Diferente de computadores, o cérebro não tem capacidade limite de memória. Quanto mais você aprende e proporciona trocas de informações maior capacidade ele terá para fazer novas conexões, o que aumentará seu espaço de armazenamento. Segundo Herculano² (2009), longe do estresse diário e uma boa noite de sono são alguns dos fatores que contribuem para mantermos o nosso cérebro em ótimo funcionamento. É durante o sono, que nossa versão HD do cérebro, faz uma faxina e se atualiza para no dia seguinte receber novas informações.

Herculano (2009) acrescenta:
Quanto mais se usa o cérebro, melhor e mais saudável ele se torna; manter-se lendo, estu-

dando, pensando, brincando e entrando em contato com novidades contribui para permanecer com as funções cerebrais “azeitadas” em todas as idades; atividades de lazer e combate ao sedentarismo são fundamentais para a saúde do corpo e da mente. (HERCULANO, 2009, p.01).


Diante dos fatos e da necessidade inter-relacional desejo fazer outras especializações para aprofundar os estudos na produção de vídeo estudantil a fim de levar esses conhecimentos e pesquisas a outros espaços e ao maior número de pessoas possíveis, pois sinto um prazer enorme em contribuir com significativas mudanças educacionais.

Dessa forma, aceitei o convite do professor Josias Pereira (UFPEl) para trabalharmos juntos na coordenação do 2º Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil. Mais uma oportunidade de aprendizagens múltiplas, de vivenciar momentos enriquecedores junto a colegas professores, alunos, amigos e convidados que compartilham da mesma paixão: fazer vídeo estudantil.

Atualmente, me sinto mais apaixonada pela Educação do que aos dezoito anos de idade. Embora havia uma certa expectativa e ansiedade para dar início a profissão e com a cabeça repleta de ideias a serem colocadas em prática, eu não tinha noção de quantas

dificuldades encontraria nessa trajetória, tampouco o leque de possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Sendo assim, faço das palavras de Freire (1996), as minhas:

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minhas relações com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 1996, p. 134).

Dessa forma, posso afirmar que precisamos estar abertos às mudanças, dispostos a renovar as estratégias de ensino, a proporcionar condições de leitura com diferentes linguagens aos alunos e a autoavaliar nossas ações colocando-se no lugar do outro. Para atuar nessa sociedade tecnologicamente desenvolvida, o profissional da educação deve buscar conhecimentos e didáticas em todas as áreas de aprendizagens, inclusive nas Artes, na realidade do educando, nos acontecimentos do cotidiano e do mundo, nos temas transversais, entre outros. Precisamos nos posicionar criticamente diante da avalanche de informações, mas principalmente, saber ouvir e se comunicar com os alunos através de palavras, sensações, sentimentos, preferências e olhares que nos distingue um dos outros e ao mesmo tempo nos aproximam. 

REFERÊNCIAS

LEITE, Edson; MARQUES, Jane. Recursos Culturais no Turismo: Identidade, Sociedade e Gestão Pública. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008.

MORAN, J. M., “O vídeo na sala de aula”. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9, No. 5, October (2001a). Disponível em: . Acesso em 6 de Outubro de 2016.

TOMAZ,V.S.; DAVID, M.M. Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

¹ Curso Normal – curso para a formação de professores habilitados a lecionar no ensino fundamental e nas didáticas do ensino médio.

² Suzana Herculano é neurocientista e trabalha no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA EJA: DESAFIO, COMPROMISSO E RECOMPENSA

Karine Ferreira Sanchez

Professora de Artes da rede municipal de Rio Grande (E.M.E.F. PORTO SEGURO); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. E-mail: kakasanchez_rs@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto visa registrar a vivência da produção de vídeo estudantil, mais especificamente na modalidade EJA- Educação de Jovens e Adultos, de uma escola pública periférica do município de Rio Grande. A experiência traz duas produções, quais sejam do ano de 2015 e do ano de 2016, cujos nomes são “O Último Olhar” e “Vá em Frente!”. Neste trabalho argumento sobre a importância da realização destas produções, mesmo significando renunciar outros métodos e conteúdos da disciplina por mim trabalhada, Artes. Relato também as dificuldades, de toda ordem, que tenham sido encontradas. E investigo as possibilidades de crescimento e perpetuação da prática em minha escola, tendo em vista o êxito das propostas e o reconhecimento da comunidade escolar diante das produções concluídas. Anuncio importantes constatações de autores acerca da linguagem cinematográfica como propulsora de desenvolvimento dos sujeitos. Perpasso também questões relativas à necessidade de uma constante reciclagem da educação pública à frente das demandas massivas e massacrantes da mídia que tem atingido a maioria dos jovens.

Palavras-Chave: EJA. Produção Audiovisual. Experiências. Vídeo Estudantil.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, mesmo em países subdesenvolvidos, as ferramentas para produção de audiovisual estão acessíveis como nunca antes estiveram. Entendendo audiovisual como produto com imagem e som, de preferência apresentando uma narrativa ou um testemunho acabamos por concluir que audiovisual pode ser qualquer produção cuja gravação contenha os dois registros, como o próprio nome aponta. O dispositivo comum para captação de vídeo, no entanto, é o mesmo utilizado para uma variedade de outras atividades de ordem individual do usuário, em geral o telefone celular que disponibilize toda a parafernália tecnológica, juntamente com a recriação de identidades em redes sociais, que temos visto saltar aos olhos e ouvidos todos os dias. É importante salientar aqui que essa possibilidade de audiovisual como registro de um momento não carrega em si as técnicas e a poética da construção de uma narrativa que almeje ser considerada um “filme”.

Numa era tão emergentemente digitalizada como a nossa não é de surpreender que, pelo menos para uma parte da população, um produto comum para entretenimento, formação de opinião e ensino continue a ser o audiovisual nas redes de televisão com seus filmes e programas, vídeos da internet,

dispositivos como Netflix, etc. Tendo em vista essa realidade massiva, arrebatadora, e irrefutável na prática, faz-se cada vez mais difícil fazer contato com os estudantes pelos meios tradicionais. Isso nos instiga a ceder ao “Novo”, o que também não é simples para muitos trabalhadores da educação, e mesmo para diversos estudantes. Como tudo o que é novo a entrada de novos interesses e métodos no nosso cotidiano deve ser permeada por cautela, compreensão e aprendizado.

É visível que a produção de vídeos estudantis tem se popularizado nas escolas públicas, e que a naturalização do processo está trazendo uma mudança significativa nas esferas mais íntimas da escola, como a avaliação, por exemplo. Mas o ponto mais significativo desse processo é a manutenção da motivação dos estudantes em estar e ser na escola. Numa escola que acompanhe as contemporaneidades, sabendo fazer a conexão dessas “modernizações” com o plano e trabalhos de aula, e focando em três aspectos centrais da produção de vídeo: a confiança na coletividade, o comprometimento e a importância da criação original. Em janeiro deste ano fui contemplada com a publicação de meu relato de trabalho sobre a experiência com vídeos estudantis na minha escola no decorrer de 2016.

O referido texto, intitulado “Aula de Artes para além do desenho: audiovisual na construção coletivo-colaborativa” está disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/2-Karine-Produ%C3%A7%C3%A3o-de-v%C3%ADdeo-estudantil-no-Brasil.pdf>. Já no texto desenvolvido agora apresento, mais especificamente, a experiência da produção de vídeo estudantil

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS NA E.M.E.F. PORTO SEGURO

Em 2015 por ocasião do II Festival de Vídeo Estudantil promovido pela parceria do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, na pessoa do Professor Josias, e a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande – SMEd/NTM nasceu a vontade e a possibilidade de realizar o primeiro vídeo que ganhou a proporção desejada através do próprio festival. Como minha atuação principal é na EJA da minha escola, como professora de Artes, elenquei a turma de 4ª etapa (referente a 8ª série ou 9º ano) e propus a produção do vídeo. As conversas e os preparativos tomaram mais tempo do que a produção em si, mas compreendemos que nas primeiras vezes que tentamos algo novo é natural que isso aconteça. Em 2016 repeti

com alunos da modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, que pude vivenciar nos anos de 2015 e 2016. Sem dúvida o aspecto mais importante do processo de produção foi a expectativa com o produto final, e a questão da competitividade. Na pós-produção, por sua vez, o aspecto mais relevante foi a ascensão da autoestima dos estudantes.

o processo, na terceira edição do Festival, obtendo igualmente êxito no reconhecimento do nosso trabalho. Uma das adversidades no início do processo foi lidar com o fato de que não conseguimos atingir todos os alunos, alguns deles não se interessavam pela pré-produção, causando assim uma dispersão dos estudantes. Mas isso foi logo contornado com o apoio da direção da escola na colaboração de reuniões apenas com aqueles que estavam trabalhando. Acredito que para uma criação ser verdadeiramente coletiva seu conteúdo e método deve ser acordado entre todos, e cada um deve poder escolher fazer aquilo para o que se sente mais qualificado. No caso em questão, posteriormente os outros acabaram participando como atores, ou na pós-produção.

De uma forma geral sempre encontraremos algumas resistências ao novo, exemplificadas, entre outras formas, pela timidez. Além disso, na EJA é muito presente a questão da baixa autoestima, o que faz com que qualquer proposta que aparente uma certa complexidade para ser realizada seja vista como árdua e improvável. Mas logo que o material vai ganhando forma os envolvidos se tornam mais confiantes, conseqüentemente mais responsáveis, e o “filme” ganha mais organizadores. Outro desafio a ser tratado com cautela na produção de vídeo na escola, em especial na EJA, é a aceitação da possível renúncia de outros conteúdos do cronograma da disciplina. Digo “em especial na EJA” por que o calendário letivo é semestral, sendo assim naturalmente todas as disciplinas trabalham menos e/ou de forma mais apressada os conteúdos tradicionais. Quando usamos o tempo de aula para um trabalho extra estamos aceitando a ausência de várias aulas convencionais, muito embora seja possível vincular os conteúdos disciplinares nos vídeos e, claro, especialmente em Artes, ter no vídeo um produto artístico por si só.

Colocados os desafios no processo da proposição e produção dos vídeos me detenho agora aos aspectos facilitadores e que favoreceram o trabalho. Como escrevi no meu relato anterior, acima referido, é sabido

o caráter de contraposição à coletividade, companheirismo, participação, que a questão da competitividade carrega. Mas mais uma vez preciso afirmar que é evidente que esse aspecto é um dos principais propulsores para os estudantes produtores dos vídeos. A meu ver isso se torna ainda mais promissor, congruente e profícuo por se tratar de estudantes da EJA, que costumam ter também uma considerável carga de baixa autoconfiança. Dessa forma um desafio, uma oportunidade para mostrar “o seu melhor”, torna-se tão significativo que o caráter politicamente incorreto da competição se anula. Presenciamos a motivação, a potência, a verdadeira “segunda chance” que, por excelência, a modalidade da EJA deve oferecer.

Em relação à construção das histórias, evidenciadas pelos roteiros, cuja criação é dos estudantes, é notável a dramaticidade pela qual se sentem atraídos. Dessa forma a violência é muito presente na temática principal das narrativas. Observei também que essa não é uma constante específica da EJA. Em 2016 os roteiros criados pelas outras turmas de alunos regulares do turno da manhã também demonstram esse viés. Em vários vídeos de outras escolas o processo se repete. Podemos supor que a propensão da faixa etária da adolescência, juntamente com seu contexto social, colabora nessa predileção. Sabemos que algumas tendências da educação, e certamen-

te alguns eventos e festivais sobre assuntos estudantis que pregam os “bons costumes”, e a não incitação de cenas indesejáveis, por vezes acabam fugindo da realidade dos sentimentos dos jovens, de sua subjetividade, e até da objetividade, dependendo do contexto local, momento e informação que vivenciam, formando um paradigma entre a realidade e o processo de criação. O que é crucial e oportuno salientar é que, cada vez mais, a escola deve promover o debate sobre questões polêmicas, privilegiando a desalienação. Quando o indesejável é inevitável ele deve ser trabalhado pelas instâncias formais, e não deixado por baixo dos panos. Ele deve ser admitido como real, e deve promover sua própria potência de

superação, sendo trazido para problematizar e não levado a ser velado. Então se tivermos que retratar a violência, como já o fizemos, é claro que sempre de forma crítica, não nos privemos disso, apenas tenhamos cautela para proporcionar a interpretação mais correta possível de nossa narrativa.

Portanto, e mais ainda, a produção de vídeo se afirma como método de aprendizagem e de geração de debates sobre questões sociais relevantes, elevando o aspecto educativo do ponto de partida onde o estudante assiste para aprender para o ponto onde o estudante produz para ensinar, formando um processo dialógico desejável na esfera filosófica da educação de nosso tempo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Percebemos que fazer, orientar, ensinar, acompanhar, coordenar a produção de vídeos na escola não é o mesmo que ter sua própria produção individual e independente. Várias demandas estão aí envolvidas e devem ser saciadas privilegiando, em primeiro lugar, a educação dos estudantes e não o rígido cumprimento e execução de um roteiro. Além disso, a escola possui regras próprias, horários e protocolos. Muitas vezes nossos vídeos exigem cenas externas aos muros de nossa instituição, e podemos estar lidando com jovens menores

de idade que precisarão de autorização para atividade externa à escola. Outras vezes boas ideias podem envolver custos e dificilmente encontraremos tempo e condições para buscar patrocínios. Fazer vídeo estudantil significa realizar o possível artisticamente, esculpindo nosso tempo e espaço reais, aproveitando o ensejo para promover criatividade e conhecimento, fomentando nos jovens a oportunidade de investigar e criar a partir de sua própria cultura, de sua região, de seu tempo.

Aprofundando as questões acerca

dos aspectos educativos necessários a uma saudável manutenção da prática do educador trago Freire, na obra “O Educador: vida e morte” quando fala sobre os sonhos possíveis na educação. Embora no texto que cito o tema não seja exatamente esse, ele se torna conveniente e proveitoso ao que trago aqui, pois disserta sobre a prática do educador. Ele diz: *...Uma outra pergunta que eu me venho fazendo de alguns anos para cá, se faz em torno do que eu chamo um lugar na educação ou na prática educativa para os sonhos possíveis. Corro o risco de parecer ingênuo, mas na verdade nada aí é ingênuo, eu diria a vocês. Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. E o que é que eu quero dizer com sonhar o sonho possível? Em primeiro lugar, quando eu digo sonho possível é porque há na verdade sonhos impossíveis, e o critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual (FREIRE, 1982, p.99).*

Dessa forma compreendemos que é essencial na educação o sonhar, de preferência sonhar o realizável, não por desesperança num sonho mais alto, mas por emergência. Sabemos que Freire nos orienta, a todo o momento, para uma educação libertadora, em contragosto da educação domesticadora. Ele quer nos desamarar dos métodos “bancários” de ensino-aprendizagem, e deixar clara a

impossibilidade da neutralidade na educação. A desalienação política e social dos educandos deve ser um foco de todas as disciplinas, de todo o projeto pedagógico. E a diversidade de métodos para tanto deve colaborar no processo. Nos nossos vídeos é entregue ao aluno a brecha para a criação individual e coletiva, juntamente com sugestões de temas e, ocasionalmente, um certo polimento para que a produção e o produto final, sejam por si só educativos, motivos de sonho e realização. Adapto a fala de Freire por acreditar na associação entre sua diretriz e o trabalho crítico-criativo que é a realização dos vídeos.

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e estes limites são históricos. Por exemplo, os limites de espaços que a minha geração teve não são os limites que a geração de agora está tendo e de que eu vim participar. São outros os limites, como são outros os sonhos e alguns deles são os mesmos, na medida em que alguns problemas de ontem são os mesmos de hoje no Brasil (FREIRE, 1982, p. 100).

Essas falas do mestre Freire nos levam a refletir e a consolar nossos anseios quando

nos jogamos ao Novo em nossa vivência na escola. Há uma série de fatores que colaboram para que as realizações de pequenos sonhos sejam possíveis, e especialmente o ato de sonhar seja possível como, por exemplo, o apoio da própria escola e dos pais de alunos. Percebo que na EJA essas condições e motivações de trabalho, fazer o diferente através do sonho, desalienar politicamente, produzir um trabalho de arte para além da arte, não é mais um "extra", tem crescido como necessidade primeira. Tanto pelo novo formato de vida dos jovens, conectados a tudo e a nada ao mesmo tempo, como pela primordialidade de estimular o aluno mais velho.

O tempo-espaço em que as notícias arrebatadoras não param de nos atravessar, tanto que por vezes parecem deixar de ser arrebatadoras, em que presenciamos profundas decepções com a humanidade, em que corremos o risco de deixar de lado a empatia, banalizando o mal, faz com que se sobressaia a imposição de se trabalhar valores de vida, liberdade e respeito. Os produtos artísticos audiovisuais que temos feito em nossa escola almejam ser mais do que narrativas dramáticas, ainda que utilizando esse recurso literário. A realidade, tal como tem se dado na educação doméstica ou escolar nos instiga a aprofundar, cada vez mais, conteúdos polêmicos e reais, abrir nossos olhos e os olhos de nossos edu-

candos, na perspectiva do desenvolvimento gradativo de crítica, ética e fraternidade. *Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1982, p. 101).*

Ainda que nem sempre esteja sendo possível realizar um trabalho verdadeiramente interdisciplinar na produção dos vídeos na EJA, vale dizer que os próprios dispositivos da produção audiovisual, com a diversidade de suas etapas e as distintas necessidades de conhecimentos, técnicas e intuições instigam o atravessamento de diversas áreas do conhecimento, e o encontro de uma disciplina "dentro" da outra. Para ilustrar um conceito de interdisciplinaridade, que confirma o que temos tentado realizar na escola trago a obra "Os Sentidos da Interdisciplinaridade", do autor Humberto Calloni:

...ainda que não possamos generalizar uma concepção de interdisciplinaridade, cujo entendimento possua um caráter de universalidade, o certo é que há uma compreensão comum, por

parte dos seus diversos estudiosos, da inadiável necessidade de se resgatar a comunicação, o diálogo, a relação de sentidos e significados entre os múltiplos setores do conhecimento (...) objetivando uma percepção de conjunto, de interfaces dinâmicas, de enredamento numa totalidade significativa (CALLONI, 2006, p.15).

A possível interdisciplinaridade testemunhada na produção dos vídeos não é feita com esforço, uma vez que está intrínseca no processo. Podemos averiguar que se trabalham aspectos técnicos, artísticos, linguísticos e históricos. Mesmo assim a realização de vídeos estudantis dificilmente carrega o peso da categoria "cinema", muito mais pela dimensão do que pelo método. Entretanto, é pertinente fazermos referência a autores que tratam seriamente a temática do cinema, e encontrar neles elos com a produção na escola, não tão absurdos quanto possam parecer. O vídeo na escola tem possibilidades múltiplas, e carrega consigo alternativas e perspectivas ético-estéticas a partir da experiência vivenciada na arte do imaginário. Ao assistirmos um audiovisual emprestamos nosso tempo e atenção ao que acontece na tela, traçamos um acordo invisível entre produtor e espectador. As duas instâncias devem respeitar-se e cumprir o acordo, qual seja, o da comunicação. O alcance do vídeo, dessa forma, estimula sentimentos como o da afetividade ou da revolta, e, portanto, tam-

bém o da ética. A arte é assim responsável por parte imprescindível da constituição do sujeito. Em "A Experiência do Cinema: antologia", Xavier coloca que

O horror que vemos nos dá realmente arrepios, a felicidade que presenciamos nos acalma, a dor que observamos nos provoca contrações musculares; todas as sensações resultantes – dos músculos, das articulações, dos tendões, da pele, das vísceras, da circulação sanguínea e da respiração – dão o sabor da experiência viva ao reflexo emocional dentro da nossa mente (XAVIER, 2008, p.43).

Marcel Martin, autor de "A Linguagem Cinematográfica", salienta também as competências da capacidade realística do vídeo, quando diz:

A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor. A percepção do espectador torna-se aos poucos afetiva na medida em que o cinema lhe oferece uma imagem subjetiva, densa e, portanto, passional da realidade: no cinema o público verte lágrimas diante de cenas que ao vivo não o tocariam senão mediocramente (MARTIN, 2007, p. 25).

Para fortalecer o vínculo sobre os aspectos relevantes da educação às possibilidades do audiovisual, centro deste trabalho, trago também o autor Jean Claude Carrière,

que tanto colaborou no seu “A Linguagem Secreta do Cinema”, para uma introdução a esse meio de arte aos não iniciados. O trecho que apresento aqui elucida a necessidade de repensar a própria linguagem audiovisual, visto que todas as linguagens podem esmaecer diante de uma sociedade que não para de se reinventar. Então também a arte deve ter a cautela, mesma da educação, para manter-se ativa, para atrair o espectador, para nele fazer alguma diferença.

Nosso século testemunhou a invenção de uma linguagem e diariamente observa a sua metamorfose. Ver uma linguagem ganhar vida, uma verdadeira linguagem apta a dizer qualquer coisa, e participar, mesmo que como espectador, desse contínuo processo de descoberta me impressiona por ser um fenômeno singular que deveria estimular serniólogos, psicólogos, sociólogos e antropólogos. Mas talvez essa

linguagem tenha se tornado familiar demais para nós - muito pouco observada até - para continuar a manter nosso interesse (CARRIÉ-RE, 1995, p.48).

A continuidade de um trabalho de produção ou apreciação de vídeo na escola não pode cair nesse desinteresse, por isso a necessidade de reinventar mecanismos, ferramentas, procedimentos e temáticas. Arrisco pensar que na escola isso se torna mais fácil do que na produção artística comercial ou de vanguarda, porque os alunos estão em constante metamorfose, e estão na escola de passagem, mais ainda na EJA com seu calendário semestral, logo vêm outros e outros e outros. A efemeridade com que trabalha o professor, quando ouve seus educandos, quando dialoga com eles, não o deixa cair na “mesmice”. A reciclagem é automática. E na produção de vídeo isso é, felizmente, inevitável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaminhando para o encerramento deste texto registro as sinopses dos dois vídeos curtas-metragens produzidos pelas turmas de formandos da EJA, dos dois últimos anos, e que deram origem às pretensões de solidificar a cultura da produção de vídeos estudantis nesta modalidade da escola. O ÚLTIMO OLHAR, da turma 4ª etapa da EJA, 2015,

retrata uma história de amor entre dois jovens cujas famílias não apoiavam o romance. Configurando-se como uma releitura de “Romeu e Julieta”, atualizado e regionalizado, o curta aborda a intolerância de alguns pais diante das escolhas dos filhos, o sonho romântico e a ousadia de que é capaz um amor incondicional. Revela também a violência urbana, e a

tragédia que dela pode verter. VÁ EM FRENTE, da turma 4ª etapa da EJA, 2016, revela uma história baseada em fatos reais, na qual há a superação de um jovem cheio de sonhos, porém imerso em um mundo de desmotivação, depressão e desesperança. Conflitos psicológicos e mágoas familiares o levam a uma tristeza que o impede de seguir em direção aos seus objetivos. Porém, o contato prático com o futebol renova suas expectativas e lhe dá novo gosto de viver. Passa a valorizar-se, e aceitar o carinho e apoio das pessoas. Mesmo quando parece que o pior acontece, seguir em frente é fundamental, e continuar acreditando é a única alternativa. Nosso vídeo testemunha, de certa forma, o despreparo emocional dos jovens de hoje, diante de um mundo competitivo e cheio de informações. Confirmando o objetivo da Educação de Jovens e Adultos queremos dizer que todos nós podemos! Todos nós merecemos! Neste mesmo ano (2016) demos início, em minha escola, a uma nova tradição: um festival de audiovisual interno à escola, para divulgar e estimular a produção de vídeo estudantil.

É satisfatório atestar que as produções continuam. No corrente ano, 2017, mais duas produções foram concluídas na EJA, desta vez envolvendo alunos interessados de todas as etapas (séries/turmas). Trata-se de dois documentários sobre o bairro Parque Marinha,

produtos finais propostos pelo projeto sobre mídias e meio ambiente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Grande- SMMA, aproveitando também o aniversário de 280 anos de nossa cidade. Vale salientar que nos últimos três anos no mínimo oito audiovisuais foram produzidos pela nossa escola, construídos seguindo estudos e cuidados próprios à linguagem cinematográfica, proporcionando o crescimento de um novo hábito escolar como metodologia possível e atualizada no tempo presente.

A recompensa por todos os desafios e preocupações relacionados às questões como interesse dos estudantes, prazos de finalização dos vídeos, e qualidade do produto final se perpetua a partir das Mostras e no aprendizado adquirido, tanto técnico como poético das produções que ficam disponibilizadas e podem ser copiadas e apresentadas em diversas ocasiões. Essa recompensa se dá em todos os envolvidos nos vídeos.

Podemos concluir que a produção de vídeo é uma atividade promissora para os estudantes e comunidade escolar em todas as etapas da produção, e sua continuidade na EJA tem excelente justificativa. Em nossa escola ela tem promovido compromisso, senso de coletividade, senso estético, aumento de autoestima e autoconfiança, pertencimento e respeito pelo ambiente escolar. Podemos

supor assim que a produção de vídeos também tem resultados éticos mais operativos e enérgicos do que as aulas tradicionais, carregando ainda a vantagem de se ter um produto que não é efêmero, e que pode ser interpretado e reinterpretado por diversas pessoas em diversas ocasiões. É possível dizer também que se produz um recurso didático antes, durante, depois e para além de um depois da produção,

pois o vídeo fica. Este ano, em especial, produzimos audiovisuais que servem de documentos de consulta, antes inexistentes, sobre a história do bairro de nossa escola. Os próximos sempre poderão assisti-lo, aprender com ele, e expressar à vontade, a potência de ação, de também produzir num processo cíclico desse sonho possível que é a produção de vídeos estudantis.

REFERÊNCIAS

- CALLONI, Humberto. Os Sentidos da Interdisciplinaridade. Pelotas: Seiva, 2006.
- CARRIÉRE, Jean Claude. A Linguagem Secreta do Cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- FREIRE, Paulo. Educação O Sonho Possível In Brandão, Carlos Rodrigues. O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- XAVIER, Ismail. A Experiência do Cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 2008.

RUA DE MÃO DUPLA E A POTENCIALIDADE SOCIAL A PARTIR DO DISPOSITIVO DO FILME

Pâmela de Bortoli
Doutoranda em Multimeios Unicamp

O documentário Rua de Mão Dupla, de Cão Guimarães, foi o elemento norteador para a formulação de uma oficina aplicada na CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun, em Campinas, Estado de São Paulo, como parte de um programa de formação de professores em parceria com a Prefeitura de Campinas e o Grupo Olho, da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A motivação foi impressa a partir da visualização do dispositivo utilizado pelo filme, cujos personagens se preocupam em apresentar o outro, ou seja, o filme “não quer que eles se voltem para si, que falem de suas vidas, que se revelem para a câmera” (LINS, 2009:327). E tal veio com o propósito de ser utilizada no primeiro dia de oficina, para que com isso houvesse um tipo diferente de “apresentação” da turma e, principalmente, vimos no dispositivo do filme um potencial de atividade social perante o grupo de participantes.

A motivação desta oficina na formação de professores:

A formação de professores nas escolas mencionadas iniciou-se em setembro de 2016, com o propósito de fornecer uma alternativa de atividades que possam ser aplicadas em sala de aula, perante a aplicação da Lei 13.006/2014. De tal forma que, uma vez obtendo resultados significativos no segundo semestre do ano passado, nos propomos a seguir com as atividades em 2017, agora com uma turma de monitores.

Assim, da mesma maneira que no ano passado, nos detemos em possíveis dispositivos por meio de filmes brasileiros que pudessem despertar o interesse pela aplicação de atividades em sala de aula, já que “o gosto pelo cinema não pode ser ensinado” (FRETAS, 2015:93). Defendemos ainda a ideia de que a possibilidade de realização de oficinas pode provir não só algum conhecimento acerca do

audiovisual, como também incorpora uma inovação capaz de ser aplicada no currículo vivido, de maneira que o cinema e a escola mesclam-se sob o mesmo ambiente e tramitam sobre a aprendizagem, aplicando na prática a Lei 13.006 “tanto na preparação para a docência, como no trabalho continuado na escola” (FRETAS, 2015:96).

Acreditamos que ao experimentar o dispositivo, tanto os professores quanto os monitores poderão replica-los em sala de aula com seus alunos, criando uma cadeia de experimentações que não se findam nas oficinas de formação docente, tampouco que fazem uso do filme como algo ilustrativo:

O que nos move é pensar o cinema como instrumento cultural de aprendizagem no seu sentido largo, ou seja, para além de sua apropriação didática, como ilustração dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Pensá-lo, portanto, como obra de arte que abre as portas da percepção de alunos e professores para outras formas de ver e conceber o mundo, trazendo novas possibilidades de aprender(...). (FRETAS, 2015,p.98)

Metodologia: a preparação da oficina com base no filme Rua de Mão Dupla

A aula baseada no documentário Rua de Mao Dupla foi a primeira de uma série de aulas que serão desenvolvidas ao longo do

semestre, e teve seu embasamento no formato do curta pela questão social que poderia ser explorada.

“Como é o outro?” A partir desse questionamento, montamos um dispositivo de tentar adivinhar o outro por seu objeto. Diferente do filme, aqui não houve espaço para um maior detalhamento de artefatos alheios que descrevem uma rotina e, outro diferencial, foi a aplicação para uma pessoa que se convive. O objetivo central foi de estabelecer uma conexão social entre os participantes, um estímulo para a aproximação como um todo sem forçá-la abruptamente:

Aula 1: Como “enxergamos” o outro?

Proposta: Por ser primeiro encontro, proporcionar um olhar sobre o outro de maneira que isso crie uma atmosfera de contato e aproximação dentro do grupo.

Atividade com filmes: Veremos o trailer de Rua de Mão Dupla, para ambientar os participantes sobre a proposta.

Discussão: Como o outro é visto a partir de seus pertences? Que outro é esse?

Atividade prática: Formaremos grupos pares, em que cada grupo entregará um objeto de um integrante. Após a troca dos objetos entre os grupos, cada grupo deverá fazer um filme de 1 a 2 minutos falando sobre como imagina sendo a pessoa dona do objeto.

Releitura: Após a discussão, mostraremos

todos os filmes realizados. Somente após a exibição, os objetos retornarão aos respectivos donos, separando um espaço para o diálogo do que é esse suposto “olhar do outro”.

DISPONÍVEL EM: <https://www.youtube.com/watch?v=mvWjBjCD-OM>

Portanto, assim como propõe o filme, nos debruçaremos sobre o dispositivo de “ver e fazer ver”. Segundo Lins (2009), a estratégia de filmagem usada por Cao Guimarães ao colocar dois blocos lado a lado, como se o outro fosse espectador de seu retrato falado, é a elaboração de uma “maquinação”:

(...) uma lógica, um pensamento, que institui condições, regras, limites para que o filme aconteça, assim como na construção de uma “maquinaria” para produzir concretamente a obra. O dispositivo se constitui das duas operações, com regras temporais e espaciais pré-definidas, (...) produzindo mundos, sujeitos, objetos (...). (LINS, 2009, pág.330).

Nesse sentido, montamos a regra de câmera sobre o objeto e a fala de uma “imagem mental” sobre o outro, com a condição de explorar ao máximo os detalhes desse outro através do objeto, desde físico a personalidade. Mesmo não havendo dois blocos como Cao Guimarães realiza, também nos propomos a dar espaço para que o outro se pronunciasse ao se ver descrito pelos olhos dos colegas a partir de seu objeto. De maneira que essa si-

tução criasse uma potencialidade social, uma interação entre colegas que se “veem” todos os dias, mas que não conhecem “o outro”, entrando no mérito do que é esse “outro” no sentido de ser descrito a partir do que se tem em posse.

Resultados e discussões após a atividade:

Os participantes foram divididos em 2 grupos de 5 pessoas, colocados de costas um para o outro para que a escolha do objeto não fosse visível. Após a seleção, os participantes se separaram para a confecção do filme que deveria ter entre 1 e 2 minutos. Percebemos que os filmes dois filmes confeccionados não se basearam na mesma ideia do documentário, uma vez que os rostos dos personagens ficaram à frente da câmera durante a descrição do objeto, conforme mostra a cena do filme 1 (figura 1).



Cena do filme 1.

Houve aqui outra forma de descrição, com ênfase na narrativa, remetendo a um jogo de adivinhação.

Após a exibição de todos os filmes, foi perguntado aos participantes a dificuldade

em descrever alguém através de um objeto e como os donos se sentiram ao serem supostamente descritos.

Houve um contentamento de modo geral, em que aqueles que descreveram precisaram usar a imaginação sem se focar numa pessoa em específico e, ao mesmo tempo, bolar uma situação divertida para adivinhar o dono do objeto, como uma espécie de “amigo secreto”.

Acreditamos que esse “olhar” aproximou o grupo em dois momentos: o primeiro ao realizar uma atividade em conjunto, com certa formação de opinião sobre o objeto e ludicidade na descrição; e o segundo ao apresentar esse olhar perante o restante da sala e ao dono do objeto, como uma conexão, como ele é visto e interpretado, e que foi realizada por entre risos porque não cabia ali uma seriedade necessária e uma afirmação precisa sobre a pessoa, conforme cena do filme 2 (figura 2).



Cena do filme 2.

Assim, nesse primeiro contato houve uma aproximação inicial entre os membros da oficina, para que tal parceria seja enriquecida e construída ao longo das aulas do semestre.

Além do fato de acreditarmos no poder das imagens, isto é, no convite que o cinema nos faz “a ir além de uma reflexão sobre os modos de olhar, ver e se afetar pela imagem.” (LEITE; CHRISTOFOLETTI, 2015:42).

De maneira que tal experimentação também se baseou na ideia de que a imagem “transforma as relações entre aqueles a que se destina” (GUIMARÃES, 2015:48), justamente por acreditarmos no seu potencial pós-exibição. O diálogo, também ambientado no fator cinema, a condução de uma conversa que é conduzida pela imagem e discurso de quem vê o objeto e por quem o tem foram os pilares dessa imagem que “passa o imprevisto, inesperado” (GUIMARÃES, 2015:48), como sendo o “retrato falado” de alguém a partir de algo material.

Concordamos com Guimarães (2015) ao afirmar novamente as potencialidades dessa imagem que se converte a uma ligação social, um ato de aproximação entre os colegas não só pelas pessoas que filmam enquanto um grupo, como também a pessoa a quem se destinam descrever:

Esse processo envolve não apenas a relação entre quem filma e quem é filmado, mas também a relação com os espectadores, convocados a ver essa cena que se desenvolve para eles, e que os implica e os interpela (GUIMARÃES, 2015, p.49-50) Ver junto é

ver uns aos outros, e não vemos a mesma coisa. (COMOLLI, 2012, p.175 apud GUIMARÃES, 2015, p.50).

Portanto, entendemos que a imagem atravessou todos os participantes, e por possuírem olhares singulares e sensíveis únicos, foram capazes de gerar tal discussão a partir de uma ideia de dispositivo gerada pelo filme Rua de Mão Dupla que trouxe à tona um comum, um elemento corriqueiro e o transformou em algo além de si, num espaço possibilitado pela escola.

“Nas escolas a exibição de filmes ga-

nha novos sentidos” (MIRANDA; GUIMARÃES, 2015:155) – e tal sentido se viu ampliado por seu cunho social, uma troca entre colegas sobre si a partir do outro, de um objeto, de uma imagem sobre o objeto, de um cinema que se viu possível no ambiente escolar e que se desdobrou em coleguismo e descobertas. Logo, acreditamos que com esse pontapé inicial conseguimos aproximar o grupo socialmente e, por serem cativados dessa forma, possuem motivação para replicar a mesmo dispositivo nas atividades de seus respectivos currículos vividos.

REFERÊNCIAS

- FRETAS, Maria T.A. O cinema na formação de professores: uma discussão. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.92-98.
- GUIMARÃES, César. O que é uma comunidade de cinema? In: Revista ECO PÓS: Arte, Tecnologia e Mediação. v.18, n.1, 2015, pp.45-56.
- LEITE, César D.P; CHRISTOFOLETTI, Rafael. Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.40-50.
- LINS, Consuelo. Rua de Mão Dupla: documentário e arte contemporânea. In: MACIEL, Katia. (Org.) Transcinemas. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2009, pp.327-339.
- MIRANDA, Carlos E.A; GUIMARÃES, Luís G. Cinema na escola: da formação de professores para prática escolar. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.149-156.

SEÇÃO

SALA DOS

PROFESSORES

RESENHAS E RELATOS SOBRE PROJETOS DE VÍDEO ESTUDANTIL NAS ESCOLAS; FORMAS PEDAGÓGICAS E TÉCNICAS APLICADAS

24 HORAS CONECTAD@

por Yanne Alves Roberto,
Juliana De Ávila Ulguim e
Caroline Silveira

CINEMA EM SALA DE AULA – UM OLHAR COM OUTRO FOCO, SOB OUTRA ÓTICA

por Mariangela Scheffer
Cardoso

O CORAÇÃO DELATOR

por Andréa Rodrigues e Diego
Comerlato

CURVADOS – UMA IDEIA PUXA OUTRA E NASCE UM FILME

por Cláudio Garcia

E AGORA, PROFESSORA?

por Lídia Santos Arruda

CINE FEST 2

por Maria Raquel Pohlmann
da Silveira

CINEMA COMO FORMAÇÃO CONTINUADA: O OLHAR DE UMA DOCENTE

por Noeli Kunde Miritz

CURTA-METRAGEM “PESADELO”

por Luciana Pereira Maruri

CONSTRUÇÃO DO VÍDEO DE FICÇÃO PARA O FESTIVAL DE VÍDEO ESCOLAR

por Sérgio Flores

PROJETO DIVERSIFICANDO SABERES

por Jerusa da Fonseca
Gautério

24 HORAS CONECTAD@

Yanne Alves Roberto
Juliana De Ávila Ulguim
Caroline Silveira

Alunas da disciplina Cinema Educação - UFPel

Referente ao texto “Mídias-educação: Um panorama de produção científica entre 2005 e 2011 de Zeneida Alves de Assumpção, pode-se dizer que atualmente a diversas possibilidades de utilização dos recursos que a mídia oferta aos professores na escola, mas para isso é preciso criar aulas incomuns para atrair a atenção destes. Na contemporaneidade os alunos vivem diante uma sociedade totalmente informatizada, o que lhes permite interações e comunicações aceleradas.

É necessário então para o professor que ele interaja a este meio, assim conhecendo o que for preciso para que sua aula com tais recursos seja produtiva como transformadora. O professor deve também relacionar-se com a realidade dos alunos para idealizar e prosperar uma interface entre professor-aluno e mídia-educação.

Trabalhar com a temática midiática nas escolas se tem também a intenção de oferecer aos alunos conteúdo e linguagem dinâmica que ajude para encorajar a participação cidadã, assim, assegurando que os alunos um dia pos-

sam desenvolver ações crítica e analítica em tal sociedade. Então ASSUMPÇÃO afirma, *A interação e mediação aluno/professor/escola com as linguagens midiáticas pode integrar a cultura tecnológica no espaço educativo e desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura de forma crítica. É primordial que o professor da atual sociedade da informação integre nas suas práticas pedagógicas as culturas da escola com as culturas midiáticas, não desconsiderando a relevância delas na vida dos estudantes. Pois, “os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas na cultura dos alunos que deles se servem” (PORTO, apud, ASSUMPÇÃO, 2012, p. 04)*

O que aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Orestes João Stragliotto de São Leopoldo, Rio Grande do Sul que em 2014 o professor Júnior Garcia teve ideia, o de trabalhar com audiovisual com seus alunos. Vários discentes promoveram seus vídeos inclusive este que discutiremos aqui, o

“24 Horas Conectad@”, este curta-metragem mostra uma menina que fica 24h conectada às redes sociais, durante todo o vídeo a mocinha não larga do celular. Este é um vídeo que traz uma das preocupações na nossa atualidade, o de a criança estar sempre em frente a celulares, tablet's, ipod's e não ter mais ligação com a vida natural que os cerca. O curta “24 HORAS CONECTAD@” está disponível desde 04 de dezembro de 2015 no site descrito nas referências deste texto.

E, para entendermos melhor o planejamento do professor para com esta tarefa fomos à busca de algumas respostas. Contatamos o educador via e-mail para lhe fazer certas perguntas, as quais foram:

- *Você tem graduação em que curso?*
- *O que o levou a trabalhar com vídeo e principalmente a produção destes com os alunos?*
- *O que levou os alunos a escolha do tema?*
- *O que eles acham de trabalhar com cinema em aula, para tratar de assuntos do cotidiano?*
- *Qual era seu intuito neste projeto?*
- *Que aparelho utilizou para tal execução? Se for celular, teve algum problema junto à direção da escola?*
- *O que os alunos acharam de trabalhar com vídeo?*

A primeira comunicação que tivemos com o professor Júnior Garcia foi via e-mail

em catorze de março de dois mil e dezessete, assim estabelecendo certa afinidade e lhe informando que logo entraríamos em contato pedindo que nos respondesse certas questões em relação ao trabalho desenvolvido. Posteriormente, no dia dezoito de março de dois mil e dezessete enviamos as perguntas para que ele analisasse e pudesse nos respondê-las.

Esperamos retorno deste educador até o dia vinte e dois de março deste mesmo ano, assim não tendo quaisquer resultados. Tal entrevista nos facilitaria entender um pouco mais sobre tal ação realizada com os alunos, pois queríamos adentrar mais em discussão mediante alguns textos que analisamos para compor este estudo.

Entretanto, sem ao menos saber um pouco do que este docente pretendia fizemos uma análise do vídeo mais uma pesquisa no qual se encaixava com a pretensão para este trabalho, então percorremos sites e os estudos bibliográficos que tínhamos a disposição.

Partindo do pressuposto que o cinema tem uma função estratégica e pedagógica na sociedade, podendo contribuir para a politização dos indivíduos. O texto “Cinema e Educação: Possibilidades, Limites e Contradições” traz como principal aporte teórico, a concepção de Walter Benjamin (1983). Benjamin acredita na possibilidade da sobrevivência da dialética na era da reprodutibilidade técnica da obra

de arte. Para ele, mesmo que a obra de arte burguesa perca sua aura, a obra de arte “pós-aurática”, isto é, a obra de arte reproduzida, têm novas possibilidades de mobilização e articulação com o real, permitindo a crítica de um novo ângulo, não necessariamente alienado, permite uma nova estrutura de percepção e assimilação do consumidor (FREITAG, 1987, apud Cinema e Educação: possibilidades, limites e contradições, 2006).

Benjamin acredita na possibilidade de politização dos indivíduos por meio do acesso à cultura, ou seja, acredita que a reprodutibilidade da obra de arte, referindo-se nos dias de hoje, as mídias, seja elas as redes sociais ou até mesmo o uso do cinema na educação, pode vir a ser justamente um elemento de politização já que passa a ser então de livre acesso a todos, sendo esse um ponto positivo ou negativo, visto que é também carregado de ideologias e essas precisam ser filtradas antes de incorporadas simplesmente.

Dessa forma, entendendo a educação como um elemento democrático, que pode possibilitar aos indivíduos uma participação mais ativa e crítica na sociedade, compreende-se o cinema como um aspecto indispensável no processo educativo, visto que, este é uma ferramenta que pode contribuir para a politização, conforme afirma Benjamin. É importante ressaltar que a escola trabalha com o saber

sistematizado, e por meio deste pode elevar o conhecimento do indivíduo a um patamar superior, ou seja, a escola pode instrumentalizar o aluno para que possa compreender e interpretar o mundo e particularmente o cinema. Segundo Franco (In: PRETTO, 1996, p. 117), a escola “não deve competir com a mídia, mas travar com ela um jogo dialético”.

A escola não pode ser, segundo Kenski (1996, p. 134), um “local de tradição cultural”, mas sim “de produção cultural e social”, ou seja, deve produzir novas culturas, sem ignorar o que há de novo. (apud Cinema e Educação: possibilidades, limites e contradições, 2006) Os alunos entrevistados no artigo, afirmaram, que “O filme facilita a aprendizagem, conseguindo estabelecer relações do conteúdo do filme ao nosso cotidiano e ao conteúdo de sala.” (<https://www.camarasaoleopoldo.rs.gov.br/portal/?sec=noticia&id=11038>)

Se vivemos no mundo contemporâneo, não é nenhuma loucura entender que somos rodeados pela tecnologia. A partir do século XIX, as relações do ser humano com as máquinas tornou-se parte da nossa vida cotidiana atual. Logo o desenvolvimento do uso da internet, transformou a comunicação.

Segundo Patricia Kuhn et al. (2012, p.01) “O desejo de estar sempre se comunicando cria novas formas, modelos, para que a mensagem chegue a um grande número de

peças”. As mídias como a televisão, o rádio e o jornal impresso, não possuem o mesmo efeito que a internet produz.

Será que estas novas invenções, incluindo as redes sociais, despertam mais do que o ato de comunicar? Pois a grande preocupação é quanto as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) auxiliam no ato de educar. Para o grupo dos jovens este pode ser a maneira mais interativa de aprender.

Existe um grande número de pessoas que têm acesso em casa, na escola, ou no trabalho.

Os jovens são o grupo que mais tem conhecimento do manuseio dessas tecnologias e consequentemente os que mais se comunicam por meio de suportes digitais. Eles nasceram na era digital, em um período em que as novas tecnologias substituem sistemas analógicos por digitais e aceleram e modificam as formas de produção e aquisição do conhecimento. Não concebem a ideia de como se vivia sem um computador ou um celular. (KUHNS et al., 2012, p.03)

No curta “24 HORAS CONECTAD@”, podemos perceber como a comunicação e a educação está muito próxima, ao mostrarem de forma crítica-reflexiva a vida de uma jovem que está todo o tempo “online” pelo celular. Ficando conectados os dias inteiros a internet,

consumindo o máximo possível de dados em apenas alguns segundos.

Este projeto demonstra como o uso das mídias, bem utilizados, em sala de aula é essencial como recurso pedagógico, atingindo um número amplo de pessoas, dentro da escola, quanto fora, independente da localização do participante visualizador do curta.

Estes tipos de trabalhos privilegiam o aluno no processo de aprender e ensinar. Ou seja, o emissor e o receptor podem produzir informação ao mesmo tempo. Com os TICs a relação em sala de aula se torna horizontal, diferente do método tradicional. Agora o professor e o aluno aprendem e trocam aprendizagem juntos.

Na educomunicação, ao usar as tecnologias como mediação, traz o debate, sobre como podemos receber estas informações e transforma-las em fontes de conhecimento. Não atuando como a única solução para os problemas da educação, mas “aliadas no processo de produção do conhecimento” (p.13), mais um elemento para auxiliar nos processos de conhecer e descobrir o mundo, e o outro.

ANEXOS

São Léo em Cine premia filmes de estudantes

Festa para os participantes ocorreu na Sociedade Orpheu

ADRIANA TAUCHERT

São Leopoldo - Estudantes e professores da rede municipal de educação e autoridades participaram na noite de quarta-feira da solenidade de premiação da 2ª edição do São Léo em Cine. O evento ocorreu na Sociedade Orpheu e destacou os melhores trabalhos. “É uma satisfação muito grande para nós da Secretaria de Educação ver este envolvimento dos estudantes, professores e também dos pais”, destaca a coordenadora da iniciativa, Elaine Cândido. “É importante trazer para a sala de aula elementos diferentes para o aprendizado, como a tecnologia e mídias. Isso torna o aprendizado mais prazeroso”, afirma. “Neste ano duplicamos a participação tanto em número de estudantes, quanto de escolas.” Foram 80 premiações da Educação Infantil até o EJA, envolvendo 24 escolas municipais. Os primeiros lugares receberam o Troféu Imigrante e os segundos e terceiros lugares, certificado de premiação. Neste ano, a pedido dos professores, os filmes foram divididos por faixa etária e separados em ficção, animação e acessibilidade.



CINEMA: 2ª edição do São Léo em Cine teve noite de gala na Sociedade Orpheu na quarta-feira

Premiados - Troféu Imigrante

MELHOR VÍDEO

Júri Popular
Filme - Amor acima de qualquer coisa
Vem brincar comigo? (36.605 votos)

JÚRI TÉCNICO

EDUCAÇÃO INFANTIL

Produção - A Guerra do Século
Trilha Sonora e Original - Onde vive um Monstro
Roteiro - A Aldeia
Filme - Onde vive um Monstro
Melhor Documentário da Educação Infantil - Com Olhos de Criança

ANOS INICIAIS

Ator - Alexandre Luis Júnior (Amor acima de qualquer coisa)
Atriz - Mariana Tramontin Nunes (Celular ou pega-pega)
Atriz coadjuvante - Helena Von Saltiel (O Colar e a Boneca)
Produção - O Colar e a Boneca
Trilha - O Colar e a Boneca
Eleitos Especiais e Montagem - Os Heróis de Funny City
Roteiro - Amor acima de

qualquer coisa
Filme - Amor acima de qualquer coisa
Menção honrosa de incentivo à leitura - A Biblioteca Encantada
Melhor documentário dos Anos Iniciais - Quando eu crescer

ANOS FINAIS

Ator - Jonas Felipe Machado (Mal me quer)
Atriz coadjuvante - Thaísa Teixeira Gonçalves (Mal me quer)
Atriz revelação - Gabriel Lottermann (Amores Impossíveis)
Atriz - Samira Cristina Hessler (A menina que lia livros)
Atriz coadjuvante - Maria Eduarda Porfírio Fetzner (A hora de dormir)
Direção - A menina que lia livros
Produção - A menina que lia livros
Trilha - Mal me quer
Fotografia - Vida de 1 Skatista

Roteiro - A menina que lia livros
Filme - Mal me quer
Melhor roteiro adaptado - O Homem Trocado
Destaque Videoclipe - Coração Encantado
Melhor Documentário dos Anos Finais - Um exemplo de superação

EJA

Ator - Gabriel Henrique Scheffel da Silva (A dúvida)
Atriz - Clair Schneider Castiglioni e Rosângela Terezinha Vargas Brandão (As duas amigas)
Trilha original - Os gêmeos do Tambor
Filme - Os gêmeos do Tambor

ANIMAÇÃO

Criatividade em Animação - Balão Branco
Filme - Toinho

ACESSIBILIDADE

Eu não sou diferente, eu faço a diferença!

Reportagem extraída do site: <https://www.camarasaoleopoldo.rs.gov.br/portal/?sec=noticia&id=11038>

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Zeneida. Mídias-educação: Um panorama de produção científica entre 2005 e 2011. Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Paraná, 2012.
- KLAMMER, Celso. GNOATTO, Dejanira. OZÓRIO, Érika. SOLIERI, Mariluz. Cinema e Educação: Possibilidades, Limites e Contradições. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de História Cultural, 2006, Florianópolis, UFSC, 2006, p. 872-882.
- KUHN, Patrícia. DANELLI, Bruna. COSTA, André. RADDATZ, Vera Lucia. As Mídias e as Tecnologias no Processo de Produção do conhecimento. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, 2012.
- Link vídeo 24 Horas Conectad@: <[youtube.com/watch?v=zWytjZp3eDs&list=PLtOmawcjr25Ra6o-vJQYe7a-CqG3RokG_y&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=zWytjZp3eDs&list=PLtOmawcjr25Ra6o-vJQYe7a-CqG3RokG_y&index=1)> Acessado em 06/03/2017.
- <[camarasaoleopoldo.rs.gov.br/portal/?sec=noticia&id=11038](https://www.camarasaoleopoldo.rs.gov.br/portal/?sec=noticia&id=11038)> Acessado em 06/03/2017.

CINEMA EM SALA DE AULA – UM OLHAR COM OUTRO FOCO, SOB OUTRA ÓTICA

Mariangela Scheffer Cardoso

Coordenadora do CINEST
E-mail: mariangyyy@gmail.com

RESUMO

Este artigo vem apresentar um pouco sobre minha trajetória trabalhando cinema na escola, e assim confirmar que seu uso vem se asseverando como uma forte ferramenta pedagógica na atualidade. Para atingir os objetivos, procurei manter dentro do possível a pedagogia atual, porém acrescentando algo novo no dia a dia escolar. A presença do cinema na escola brasileira e suas possibilidades de uso pelo professor em diversas disciplinas se reforça na conjectura de que o cinema tem uma importante função tanto pedagógica como estratégica em nossa sociedade nos dias de hoje. Realizei um trabalho onde pude acompanhar o “fazer” cinema em sala de aula desde a pré-produção, até a produção e pós-produção.

Palavras-chave: -cinema-escola- ferramenta pedagógica

Acredito que a proposta de fazer cinema na instituição escolar deve contemplar a oportunidade de um olhar diferente através das lentes e fazer, nesse caso, um ganho à dimensão de pesquisa, aprendizagem e criação. Para tal, mantive o foco “cinema” como uma ferramenta pedagógica, estabelecendo as relações deste com o aluno e professor.

O cinema age nos educandos como

intensificador ao uso da linguagem, no reflexo no seu dia a dia e na vivência em grupo ao ter que aprender a dividir tarefas, sendo seu maior desafio respeitar regras e limites. As oficinas proporcionaram aos alunos uma possibilidade de criação e expressão de forma mais imaginativa e sensível com reflexo no seu futuro.

Para melhor avaliar o trabalho e ver o que precisava ser melhorado, realizei algumas

entrevistas com professores, direção, coordenação e alunos. Como esperado, alguns professores demonstraram sentir um pouco de medo e insegurança em associar atividades pedagógicas a outros canais de conhecimento como o cinema, enquanto outros excluíram esta hipótese, afirmando que não poderiam incluir novas atividades em seu cronograma escolar. Na minha trajetória em defronto com a realidade, confirmou-se o que realmente tinha que ser feito, conforme consta em um dos textos lidos de Pasolini que penso ser importante citar: O que distingue o cinema das outras artes é “expressar a realidade através da realidade” (PASOLINI, 1982, p.107). Fazer cinema não é apenas um trabalho onde se registra a realidade ou uso da imaginação. Criar ficção é também uma abertura a um mundo mágico da transformação de imagens como um quebra-cabeças.

Tive a oportunidade de participar de alguns encontros com o Grupo de estudos e pesquisas em educação e imaginário social-GEPEIS-UFSM, convivendo assim com profissionais da educação e interessados em cinema, podendo aprimorar meu trabalho dentro da escola. Reforçando as peculiaridades da arte do cinema em relação à pesquisa e Sobre a leitura e compreensão das imagens cinematográficas, Xavier (2003) escreve: No cinema, as relações entre o visível e o invisível, a interação

entre o dado imediato e sua significação, tornam-se mais intrincadas [do que na fotografia]. Realmente, isso acontece quando estamos em uma escola onde existe vários fatores internos e externos que muitas vezes nos fazem mudar o rumo das atividades com os alunos em algumas situações. Em 2012 surgiu a ideia de criação de um festival de cinema estudantil em Santa Maria e desde então minha maior dedicação além de proporcionar mostras dos filmes realizados nas escolas, é estimular o fazer. A escola precisa incorporar as transformações, principalmente as que se referem à novas ferramentas como o cinema, promovendo uma discussão, junto aos órgãos responsáveis pela educação, para a qualificação de profissionais que venham a proporcionar ao aluno um ganho na sua educação.

Sei que alguns dos elementos que dificultam o uso mais eficiente do cinema pelo professor é a remuneração baixa, a carga horária e a falta de preparo para o manuseio da arte em questão. Acredito que através das políticas públicas poderemos aos poucos mudar esta realidade. Enquanto isso, pelo menos dentro do CineSt, proporcionamos aos educandos e aos educadores um pouco de valorização aos seus trabalhos, contribuindo para a construção de uma futura geração com caráter sólido e com valores morais e éticos consolidados.

O CORAÇÃO DELATOR

Andréa Rodrigues

Professora da Rede Municipal de São Leopoldo
byandrea@gmail.com

Diego Comerlato

Professor da Rede Municipal de São Leopoldo
diegocomerlatow@gmail.com

A Oficina Cinema, no ano de 2015, havia demonstrado interesse em trabalhar com contos que envolvessem o eixo temático de suspense. Quando montamos o conto “Venha ver o Pôr do Sol” da escritora Lygia Fagundes Telles, havíamos também encontrado na obra de Edgar Allan Poe o conto, “O Coração Delator”. Na época nos interessamos por ele, mas como tínhamos a proposta de filmar em espaços que rompessem bruscamente com o ambiente escolar optamos por filmar no cemitério e deixar o a ideia do conto para mais tarde, o que acabou não acontecendo neste ano.

Neste ano de 2017, nos deparamos com o projeto “Árvore em Livros”, plataforma de leitura digital, que além de incentivo a leitura, contempla o cinema através do 1º Festival de Curtas. Esta é uma estratégia que pretende unir cinema e literatura, com o objetivo de contribuir com a formação de leitores críticos capazes de estabelecer relações entre diferentes mídias e linguagens. Neste projeto, os

alunos foram desafiados a ler diversos livros na plataforma e a realizar, a partir de um dos contos, um curta metragem de 5 minutos. Como Edgar Allan Poe está contemplado na plataforma, os alunos identificaram as obras do autor como sendo viáveis para a produção.

Assim, o conto escolhido para a montagem foi O Coração Delator. Realizamos algumas conversas com os alunos e um deles se mostrou muito interessado em adaptar a história e organizar o roteiro que contava com um assunto polêmico: assassinato premeditado, ocultação de cadáver e psicopatia.

A partir do roteiro pronto, fomos em busca de locações adequadas para o filme. O local escolhido foi a casa de uma amiga, por ser ampla, e, principalmente, ter um relógio cuco, objeto que foi amplamente explorado nas filmagens pelo seu valor estético e, conforme debatido na montagem do roteiro, ter um som semelhante às batidas do coração. Era uma constante no conto de que o protagonista ouvia as batidas cardíacas de sua vítima mesmo

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002 NAPOLITANO, Marcos.

Como Usar o Cinema na Sala de Aula. São Paulo, 2009.

MOLETTA, Alex. Fazendo Cinema Na Escola. Editora: Summus editorial, 2014

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. Disponível em: <http:// w SETHON, M. da G. J.

(org.)

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & pós-cinemas. São Paulo: Papyrus, 1997.

estando ela já morta. Logo, inserimos o áudio do relógio como uma trilha sonora à parte. Uma das questões levantadas por um dos alunos foi de que o filme deveria iniciar já no ápice do assassinato, focando sua narrativa mais na ação do que nas falas/pensamento do personagem principal. Decidimos, então, explorar planos que valorizassem mais a primeira pessoa (expressões), além de cenas que focassem em ângulos de ambientação para construir um atmosfera de suspense.

Os alunos que participaram deste vídeo tive-

ram uma experiência cinematográfica rápida devido à urgência do edital para o festival árvore de livros. Foram poucos os encontros para ensaio, incluindo visitação ao espaço de filmagens. Contudo, em apenas uma semana conseguimos abordar construção de roteiro, personagem e noções básicas de filmagem como planos, iluminação e cortes. Seria interessante, numa outra ocasião, retomar as filmagens para aprofundar mais o trabalho, quiçá realizar uma nova versão.

Coordenadores do projeto Oficina de Cinema João Goulart
EMEF João Belchior Marques Goulart - São Leopoldo - RS.

CURVADOS – UMA IDEIA PUXA OUTRA E NASCE UM FILME

Claudio Garcia
Ator, Smed/RJ

Todos os anos, quando começo a conversar sobre os temas para os roteiros de filmes que vou realizar nas turmas das duas escolas municipais do Rio de Janeiro, onde realizo projetos de oficinas de cinema; sempre aparece o celular como pano de fundo de alguma história. No ano passado, um dos roteiros falava sobre uma menina que passava os dias todos “pendurada” num celular e acabava ficando sem fala, se comunicando apenas através do celular.

A partir desta ideia, surgida numa turma da Escola Comunidade de Vargem Grande, começamos então a discutir sobre os problemas causados pelo uso dessa fascinante ferramenta. Além da falta de atenção durante as aulas, os alunos foram listando uma série de outros problemas que foram lembrando, inclusive problemas de visão e de postura. Fizemos uma busca na internet por matérias relacionadas ao tema e encontramos uma síndrome que começa a tomar conta do mundo:

a Text Neck. É um termo ainda sem tradução (especialistas brasileiros ainda o tratam com o nome em inglês) que traduzido ao pé da letra seria “pescoço de texto”. Hoje, mais de 1 bilhão de pessoas possuem um smartphone e esse volume pode triplicar até o final de 2018.

A partir de várias matérias que lemos em sala de aula, os alunos propuseram que fizéssemos um filme sobre este tema. Topei na hora. Restava pensar de que maneira isso seria abordado no roteiro. Depois de muita conversa, parte do grupo achava que o filme deveria ser uma espécie de propaganda para alertar os jovens dos perigos de se usar o celular com uma postura não adequada, ou do cuidado com o uso excessivo.

Surgiu então, uma ideia de fazer um filme que se passasse num futuro próximo, onde todo mundo que tivesse um celular, já tivesse text neck. Com a ideia definida, seguimos para a escrita do roteiro e foi onde surgiu um pequeno impasse: ter ou não falas no filme?

Numa outra turma da escola, estávamos fazendo um filme mudo chamado “Que Sorte!”, que havia sido pensado a partir de diversas cenas que assistimos de filmes de Buster Keaton e que apesar de se passar nos dias de hoje seria em preto e branco, com uso de cartelas com textos, seguindo bem o estilo dos clássicos filmes do cinema mudo; e uma aluna sugeriu fazermos uma brincadeira com o cinema mudo, levando ele pro futuro. Então batemos o martelo em fazer um filme mudo no futuro, trabalhando o objeto mais utilizado no mundo de hoje.

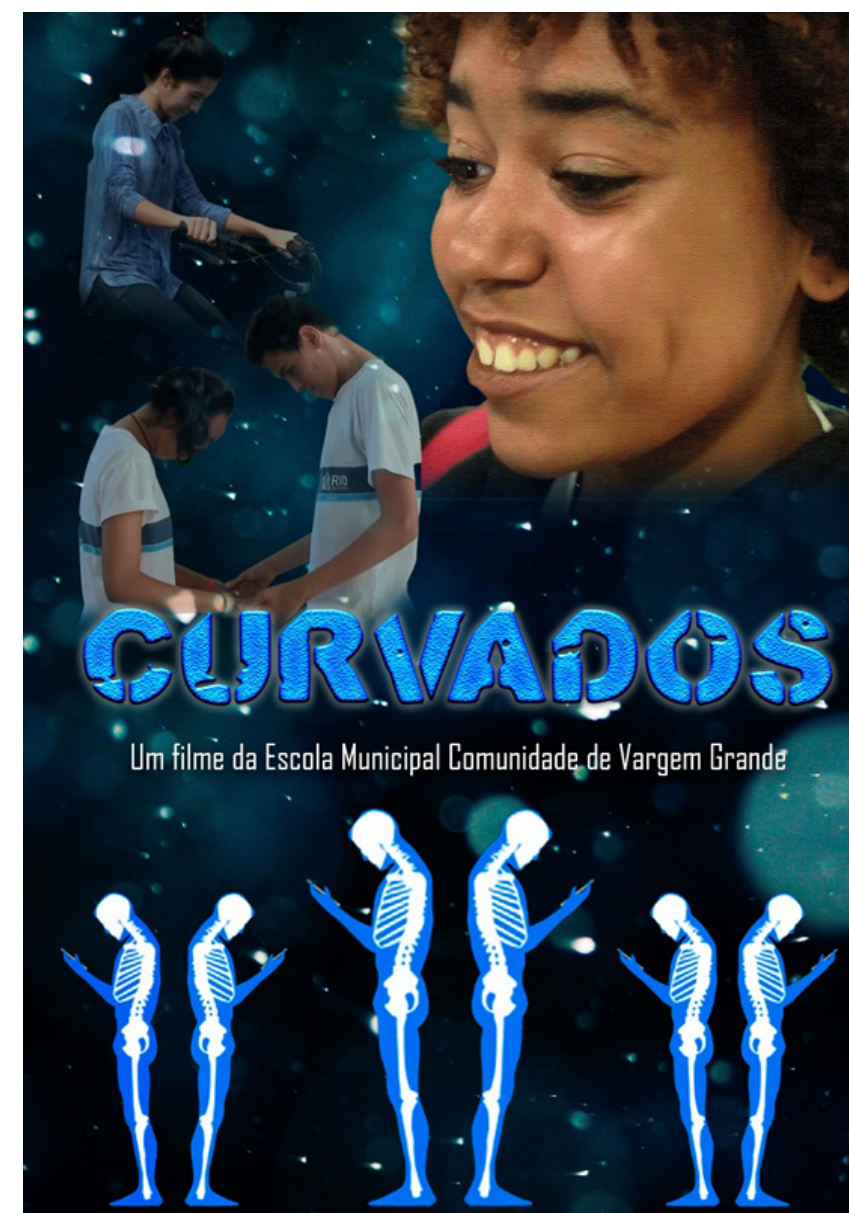
Nasceu o roteiro de “Curvados” e para as gravações decidimos envolver toda a escola. Primeiro, trabalhei o tema text neck nas outras 3 turmas de cinema que dava aula e depois começamos a convidar alunos dessas turmas e outros que não participavam das aulas de cinema para ajudar a compor o numeroso elenco. Foi muito legal. Muitos, inclusive, contribuíram com ideias durante as gravações. Todo mundo se envolveu como se o filme fosse seu. E não foi fácil gravar com tantos alunos curvados

durante todas as cenas. Tivemos que repetir várias vezes. Algumas cenas deram mais trabalho, com alunos jogando futebol, andando de bicicleta e até namorando. Contamos também com a participação de professores e funcionários da escola, em algumas cenas.

Foram 3 dias de gravação (1 dia por semana) e no último dia combinamos uma festinha de encerramento para servir de aniversário e parecer real, para a cena final.

Na semana seguinte, nos reunimos para montar o filme e pensar a trilha a partir de várias músicas com direitos liberados, que eu levei para que eles pudessem escolher. Finalizei a edição, assistimos juntos e eles avaliaram felizes, achando que havíamos conseguido chegar no objetivo planejado.

“Curvados” foi um filme que fugiu completamente do planejado, nasceu de uma discussão muito proveitosa a partir da ideia de outro roteiro e envolveu não só uma única turma, mas um grande número de alunos da escola.



LINK DO CURTA - <https://www.youtube.com/watch?v=CtSYbHbNkiw>

E AGORA, PROFESSORA?

Lídia Santos Arruda

Professora da rede municipal do Rio de Janeiro
lidia.rj.68@gmail.com

A Mídia se faz presente sociedade na sociedade, com alguns considerando como uma influência positiva e outros, como negativa. Entretanto, a cada dia a Educação vem se servindo dessa ferramenta com o objetivo de ampliar os horizontes dos educadores e dos educandos. A sedução pela imagem no mundo atual se explica pelo caráter de “espetáculo” que se criou com a facilidade de se registrar e divulgar, quase em tempo real, os acontecimentos vividos pelos jovens através de fotos e vídeos nas redes sociais.

Por esses motivos resolvemos dinamizar os debates utilizando a câmera de vídeo (celular, tablet e filmadora caseira) como ferramenta para a confecção dos curtas que são utilizados para conduzir debates sobre assuntos elencados pelos jovens como racismo, homofobia, sexíssimo, feminismo, direitos humanos, preconceito social, saúde, entre outros. No caso desse relato podemos verificar a escolha pelo tema RACISMO e a minimização da dor do outro, que resultou na confecção de um curta de três minutos intitulado “E agora,

Professora?”, no contexto da comunidade escolar, com alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental II, do Ginásio Carioca Grécia, pertencente a rede pública da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 1 Alunos gravando



Figura 2 Alunos gravando

O PROCESSO DE CRIAÇÃO PASSOU POR SETE ETAPAS, QUE FORAM:

1º	- Escolha do assunto a ser tratado no caso racismo;
2º	- Confecção dos argumentos;
3º	- A leitura e escolha dos argumentos mais relevantes pelo grupo;
4º	- Os ajustes e a confecção do roteiro propriamente dito;
5º	- A seleção do elenco e dos espaços, feita pelos próprios alunos;
6º	- A gravação em três dias, um na sala de aula, outro no pátio interno e outro no pátio externo da escola;
7º	- A edição no programa Movie Maker

Foram utilizados ao todo nove aulas que foram muito bem aproveitadas pois houve um envolvimento de toda a turma. Depois de pronto, juntos, a turma assistiu o curta e houve um debate sobre a obra pronta, sobre como os alunos poderiam abordar e conduzir os deba-

tes com as outras turmas da escola. Como a escola participa do programa “Cineclube nas Escolas”, utilizamos esse espaço para compartilhar com as outras turmas o curta. Cada grupo, após a exibição, comandava o círculo de debate com uma turma diferente.



Figura 3 Alunos assistindo o vídeo



Figura 4 Professora e Alunos

A professora orientadora participou de todos os debates mediando quando achou necessário. O momento era dos alunos serem protagonistas, de mostrar a construção do seu próprio conhecimento diante dos colegas da escola e com isso promover uma troca de saberes. Durante os debates, ao todo foram sete turmas participantes, houve relatos de casos semelhantes ao do curta, da falta de atenção da reclamação de brincadeiras racistas e também houve o reconhecimento de que alguns não tinham noção de que estavam sendo ofensivos com os outros.

O que me tocou foi o fato de dois alunos em momentos diferentes virem procurar ajuda para a situação que passavam. Um era chamado de “Rabicó” (o porquinho do Sítio do Pica-pau Amarelo) e a outra de “Samara” (do filme O Chamado). Perguntei o porque de não terem reclamado antes, já que isso já acon-

tecia há um bom tempo. A resposta foi que para eles nada poderia ser feito. Comuniquei, como professora, à direção da escola e juntos conversamos com as turmas e a surpresa foi de que a partir da exibição do curta e do debate quem os apelidava reconheceu que agia de forma errada, afinal não podemos medir a dor do outro, nem minimizar a importância das queixas.

O curta foi enviado para o FESTIVAL DO RIO de 2017, sendo selecionado e exibido no Mostra Geração, foi um dos selecionados do Segundo Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil e em dezembro do corrente ano será exibido no programa da MultiRio Luz, Câmera e Ação. O curta na verdade foi usado como ponto de partida para trabalhar de forma “atrativa”, dentro da comunidade escolar, as questões tão recorrentes que são o Racismo e o Bullying na nossa Sociedade. ■

REFERÊNCIAS

MORAN, J. M., “O vídeo na sala de aula”. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

VICENTINI, G. W., DOMINGUE, M. J. C. S., O uso do vídeo como instrumento didático em sala de aula. Curitiba, 2008.

CINE FEST 2

Maria Raquel Pohlmann da Silveira
Supervisora da EJA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Baltazar de Bem, localizada na Rua Cândida Fortes Brandão, s/n, Bairro Marina em Cachoeira do Sul; na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos com cerca de 110 alunos no turno da noite nos módulos do VI ao IX ano, realizou no dia 04 de julho de 2017 o I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM que corresponde ao concurso de curtas-metragens criados pelos alunos. Este projeto tem por objetivo oferecer aos alunos da EJA a oportunidade de aprender por diversas linguagens, com a construção do conhecimento e do protagonismo.

O projeto que teve início no segundo trimestre ofereceu aos alunos muitas atividades como oficinas de roteiro, direção, fotografia, aulas de interpretação, edição e montagem. Dessa forma, cada aluno encontrou o seu lugar, de acordo com a descoberta das suas habilidades e potencialidades.

Após as oficinas, organizou-se a definição das equipes de trabalho e a escolha dos contos para que fossem realizadas as releituras. Estes levaram em conta a história lo-

cal, os costumes, os hábitos, enfim, a memória popular como fonte de inspiração e motivo da produção audiovisual.

Cada equipe produziu um roteiro, baseado na releitura feita sobre o conto de fadas escolhido. As leituras, as produções textuais e as reescritas foram realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, sob a orientação da professora. Em seguida, os alunos reuniram-se novamente em equipes a fim de decidir questões importantes do processo de criação cinematográfica.

Concomitante com estas atividades, os professores trabalharam sobre a história do cinema no mundo, com pesquisas e painéis, bem como propiciaram aos alunos a visualização de filmes de épocas e culturas diferentes. Esta ação teve como objetivo aprender a olhar a realidade com atenção, a pensar ou intuir como dar forma às ideias, a partilhar decisões e explicar as próprias escolhas.

Após as referidas tarefas, os discentes planejaram a filmagem, assumindo tarefas, transmitindo e comunicando ideias. Nas datas marcadas para a gravação do vídeo, cada equi-

pe sistematizou o local, o figurino, a maquiagem, as falas dos personagens e juntamente o ensaio anterior a cada filmagem.

As edições dos vídeos foram realizada pelos alunos e professores, os quais assistiram cena a cena, debateram, narraram, escolheram os efeitos a serem colocados pelo programa Movie Maker e as músicas. Além disso, verificou-se a importância da inserção dos créditos iniciais e finais, incluindo, além dos nomes das equipes, as participações especiais e colaboradores. Depois da edição, os vídeos foram gravados em um DVD, o qual cada equipe

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao debruçarmos nosso olhar sobre a EJA, estamos pensando numa escola conectada com a vida, na qual, o professor, preparado e com formação compatível para o exercício da docência, respeite os conhecimentos prévios dos alunos. Isto requer do professor sensibilidade para perceber a totalidade, pois tudo tem significado, trata-se de um público com especificidades distintas que devem ser respeitadas. O currículo, por sua vez, deve ter características próprias e não, simplesmente, fragmentar o conteúdo do curso regular; ser abrangente incorporar atividades relacionadas à arte, à cultura, utilizando linguagens alternativas, como a

elaborou uma capa, com fotos das gravações, nomes dos personagens e sinopse.

A pré-estreia dos curtas foi realizada na Igreja Nossa Senhora da Penha com a presença da escola, convidados especiais e o corpo de jurados, composto por seis pessoas renomadas na cidade. O júri teve a incumbência de escolher: o ator destaque, a atriz destaque, o diretor destaque (1º e 2º lugar), a melhor trilha sonora, a melhor fotografia e o curta melhor mensagem educativa. Os premiados foram agraciados pela direção da escola e professores.

criação de vídeos, a música, o cordel e o teatro, e proporcionando o acesso aos diversos meios de comunicação sociais.

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizando com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para se-

guir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende. (FUCK, 1994, p. 14 – 15)



Professores da Educação de Jovens e Adultos



Laboratório de Informática

PROCEDIMENTOS

No projeto "I CINE FEST EJA BALTA-ZAR DE BEM" foram realizadas oficinas de roteiro, direção, fotografia, em sala de aula, aulas de interpretação, edição e montagem. Dessa forma, cada aluno encontrou o seu lugar, de acordo com a descoberta das suas habilidades e potencialidades.

Após as oficinas, organizou-se a definição das equipes de trabalho e a escolha dos contos para que fossem realizadas as releituras. Estes deverão levar em conta a história local, os costumes, os hábitos, enfim, a memória popular como fonte de inspiração e motivo da produção audiovisual.

Cada equipe produziu um roteiro, baseado na releitura feita sobre o conto de fadas escolhido. As leituras, as produções textuais e as reescritas foram realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, sob a orientação da professora. Em seguida, os alunos reuniram-se novamente em equipes a fim de decidir questões importantes do processo de criação cinematográfica.

Concomitante com estas atividades, os professores irão trabalhar sobre a história do cinema no mundo, com pesquisas e painéis, bem como propiciaram aos alunos a visualização de filmes de épocas e culturas diferentes. Esta ação teve como objetivo aprender a olhar

a realidade com atenção, a pensar ou intuir como dar forma às ideias, a partilhar decisões e explicar as próprias escolhas.

Após as referidas tarefas, os discentes planejaram a filmagem, assumindo tarefas, transmitindo e comunicando ideias. Nas datas marcadas para a gravação do vídeo, cada equipe sistematizou o local, o figurino, a maquiagem, as falas dos personagens e juntamente o ensaio anterior a cada filmagem.

As edições dos vídeos foram realizada pelos alunos e professores, os quais assistiram cena a cena, debateram, narraram, escolheram os efeitos a serem colocados pelo programa MovieMakere as músicas. Além disso, verificou-se a importância da inserção dos créditos iniciais e finais, incluindo, além dos nomes das equipes, as participações especiais e colaboradores. Depois da edição, os vídeos foram gravados em um DVD, no qual cada equipe elaborou uma capa, com fotos das gravações, nomes dos personagens e sinopse.

A pré-estreia dos curtas foi realizada na Igreja Nossa Senhora da Penha com a presença da escola, convidados especiais e o corpo de jurados, composto por seis pessoas renomadas na cidade. O júri teve a incumbência de escolher: o ator destaque, a atriz destaque, o diretor destaque (1º e 2º lugar), a melhor trilha sonora, a

melhor fotografia e o curta melhor mensagem educativa. Os premiados foram agraciados pela direção da escola e professores.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA



Reuniões Pedagógicas do projeto



Pesquisa sobre Cinema, curtas no Labin e na biblioteca



Entrega dos trabalhos de pesquisa para avaliação



Organização dos grupos nas turmas Produção dos textos



Palestra com Cristiano Caetano sobre Curtas



Ensaio dos textos e filmagens



Edição dos filmes
Inscrição dos Curtas
Entrega dos Curtas
Mostra Pedagógica de trabalhos dos alunos
Apresentação das capas dos filmes



I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM
Apresentação dos Curtas para a Comunidade
Votação popular do melhor Curta
Criação de Vlog com apresentação dos curtas do EJA
Apresentação do Projeto no SIEDUCA
Feira do Livro – Apresentação do livro com os curtas do EJA

Todos os níveis participarão do Projeto, cada aluno com uma função específica dentro do seu próprio grupo.

Cada disciplina irá desenvolver uma atividade de estudo referente ao projeto, dando suporte, através da pesquisa sobre o Cinema de antigamente e dos dias atuais, auxiliando na filmagem e na edição dos curtas, orientando os alunos nas ideias proposta e no roteiro.

História e Geografia:

História do Cinema no Mundo.

Matemática e Língua Inglesa

Pesquisa dos filmes mais marcantes de época e atuais

Painel dos Filmes para Mostra Pedagógica Ciências

Pesquisa sobre roteiro, edição, longa metragem, curta, longa, formas de filmagem.

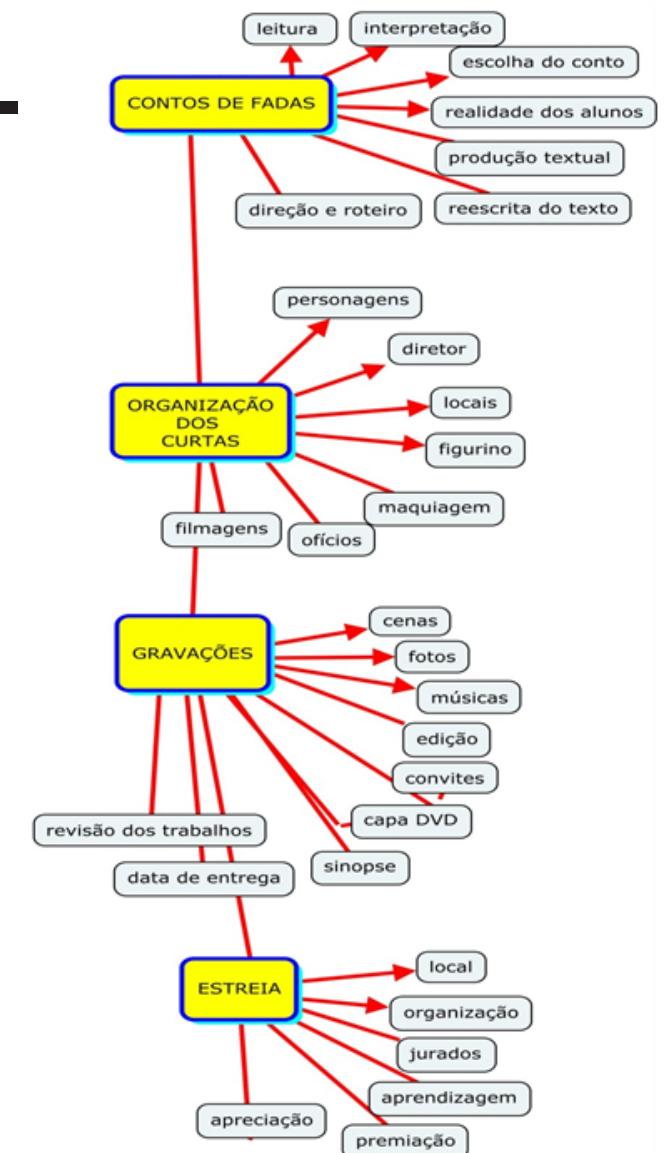
Artes, Cidadania e Informática

Oficinas de Edição dos filmes e edição de imagens

Língua Portuguesa

Produção, roteiro, filmagem

MAPA CONCEITUAL DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO



AVALIAÇÃO DO PROJETO

Professores:

Assim que foi dado início às primeiras ações do Projeto, um novo clima instaurou-se entre todos os alunos e demais pessoas da escola. Ouviam-se diálogos animados em todos os momentos da rotina escolar e, no recreio, a professora Sandra Luciane dividia conosco suas preocupações e planos e tudo ia se definindo e se ajustando conforme as ideias iam amadurecendo. Havia muita cordialidade e ajuda. Em muitas circunstâncias, todos os alunos envolviam-se em todas as tarefas e nem definíamos a qual módulo pertenciam. A responsabilidade e o compromisso fortaleceram-se. O sucesso do projeto teve seu início assim que todos acreditaram e empenharam as suas habilidades para que o mesmo se concretizasse.

Professora Nora Liege Nogueira Lopes

Ao se trabalhar com projetos, nos deparamos com muitas dúvidas, pois esse método de trabalho demanda um envolvimento do todo, tempo e também no decorrer vão surgindo dúvidas que exigem uma busca pelo conhecimento. Quando trata-se de projetos que serão desenvolvidos principalmente pelos alunos torna-se preocupante, surgindo questionamentos de como os mesmos se sairão diante

de algo novo.

No decorrer da execução do projeto observou-se que muitos dos grupos se preocupavam com as gravações dos curtas e os mesmos tentavam resolver da melhor maneira possível. Os grupos interagiam de forma espontânea, se reuniam para as gravações em horários diferenciados e buscavam as autorizações necessárias para a execução das filmagens.

Utilizaram diferentes temas, com uma mensagem educativa, o que mostrou que não era uma simples gravação, mas que por traz de tudo isso existia uma mensagem de assuntos relevantes para a sociedade.

Assim o projeto despertou o melhor nos alunos, possibilitou que os mesmos criassem algo que partiu dos grupos, não utilizando coisas prontas, tornando-os mais maduros e unidos.

Professora: Simone Paz Menezes

O projeto I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM proporcionou o envolvimento dos alunos, escola e comunidade escolar. Desde o início, observei o interesse dos alunos os quais, em grupos, começaram a produzir seus textos nas aulas de Língua Portuguesa, trazendo-os para a realidade. Foi muito gratificante

participar de todas as atividades, orientando os grupos e também aprendendo com os seus relatos. Em todos os momentos, pude observar que os discentes desenvolveram habilidades como a leitura, a interpretação, a reescrita, o protagonismo, a criticidade, a imaginação e etc. Outra questão importante foi que os alunos perceberam o quão é importante ter um bom relacionamento com os colegas nos trabalhos em grupo, pois, na maioria, houve algumas discussões e desentendimentos. Essas situações levaram os alunos a refletir e dar valor às amizades e respeitar os colegas.

Com a finalização dos vídeos, observei a ansiedade dos alunos em relação à pré-estreia, eles prestigiaram os trabalhos dos colegas com respeito e admiração. Certamente, o I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM foi uma atividade gratificante, envolvente e que será sempre lembrada por todos os integrantes da escola.

Professora: Sandra Luciane de Aragão Teixeira Lopes

Durante todas as atividades relacionadas ao projeto, verifiquei que os alunos se envolveram de uma forma significativa demonstrando interesse, dedicação, organização e produção. Apesar de haver alguns conflitos, os alunos puderam conhecer uns aos outros desenvolvendo

assim um bom trabalho em equipe.

Professora: Andréa Rodrigues de Oliveira

O projeto I Cine Fest EJA Baltazar de Bem veio com um desafio para a escola, conforme a epígrafe de Paulo Freire de 1996 “[...] a minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça de um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la.”

Concluimos que o projeto veio para refazer a EJA, tornando mais atrativa. Temos que continuar estudando para melhorá-la, vencendo barreiras existentes pela idade ou mesmo pelo medo de aprender esse conhecimento específico entre tecnologia e releitura dos Contos de Fadas. Como escola, abraçamos o projeto juntamente com os professores, funcionários, familiares e alunos, pois não poderíamos ficar alheios ao universo informatizado se quisermos integrar o estudante da EJA ao mundo que o circunda, para que ele seja um indivíduo autônomo, apto a enfrentar as rápidas mudanças que a tecnologia vem impondo à contemporaneidade.

Só temos a agradecer a equipe de professores, funcionários, familiares e aos alunos da EJA que tornaram a escola Baltazar

cada dia mais especial e comprometida com uma educação com significado e de qualidade e não quantitativa e conteudista.

Esse projeto foi realmente muito bom para todos os envolvidos.

Maria Antônia Soares Félix e Daniela Trindade
Diretora / Vice-diretora

A experiência do Projeto Cine Fest foi realmente enriquecedora. Ao oportunizar conhecimentos aos alunos, foi proveitosa na descoberta de diferentes maneiras de expressão, na forma colaborativa com que foi trabalhada, na qualificação textual e verbal. Mexeu bastante com a realidade da sala de aula, estabelecendo novos paradigmas e conceitos curriculares. Porém, não contemplou somente os alunos. Os professores também ganharam em união, comprometimento, disponibilidade, envolvimento e busca de novas alternativas para alcançar os objetivos propostos. Deu-se um grande salto em qualidade da comunicação entre os alunos e entre as diferentes turmas. Ou seja, a pesquisa relacionada ao tema proposto e a oportunidade de expressão de suas realidades expôs as dificuldades enfrentadas no dia a dia dos alunos, suas opiniões, seus anseios, os enfrentamentos, tornando-os mais próximos uns dos outros. Foram momentos de reflexão, retomada, discussão, gerenciamento de conflitos, desenvolvimento de habilidades

e oportunidade de mostrar aos demais o seu talento. Ficou bastante evidente durante o desenvolvimento do projeto, a necessidade de se aproximar cada vez mais o currículo da realidade do aluno e conseqüentemente do professor.

Foi realmente uma experiência muitíssimo agradável, significativa e de crescimento para todos.

Vice-diretora da EJA: Diva Carolina Farias
Souza

Trabalhar com a produção de vídeos foi muito interessante, pois os alunos trabalharam em equipes e demonstraram interesse e dedicação. Esse projeto foi muito bem-vindo, pois mudou as aulas da EJA para melhor. Observei o desenvolvimento dos alunos, principalmente na questão da pesquisa. Toda EJA está de parabéns!

Professora: Vivian Giana Neuenschwander

O projeto do I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM foi um sonho que se tornou realidade, foi um grande desafio, mas conseguimos realizar com muito sucesso. Lancei a proposta ao grupo de professores e no início achamos um pouco ousado, mas tudo foi criando forma, conversei com a professora de Língua Portuguesa Sandra Luciane e apresentei o festival e como gostaria que acontecesse,

de imediato ela deu de fazer a releitura dos Contos de Fadas nos dias de hoje, e assim se iniciou todo o trabalho. Houve no meio de todo o projeto muitas reuniões, reflexões, estudos do grupo, parceria, entusiasmo e muito aprendizado. E com os alunos da mesma forma, o trabalho em grupo, as amizades, a autoestima, o envolvimento, o prazer em fazer um trabalho diferente, emoção, alegria, e as vezes até alguns desentendimentos nos grupos, mas tudo se resolvia. Tudo isso foi muito gratificante.

Supervisora: Mariá Raquel Pohlmann da Silveira

Alunos:

O curta foi uma grande experiência para mim, pois me dediquei bastante. Aprendi como é importante um trabalho em grupo e isso foi uma das dificuldades. Mas o resultado foi surpreendente! Gostei muito!

Ingrid Lara Araújo

Essa experiência foi uma coisa muito boa, pelo menos para mim. Aprendi muitas coisas e também vi que para fazer um curta-metragem é preciso muita paciência. Encontrei algumas dificuldades no trabalho em equipe, mas depois isso ficou tranquilo. Aprendi que se não tiver trabalho em equipe, nada dá certo.

Eduardo Pfeifer Lopes

No projeto, encontramos muitas dificuldades como a organização, a cooperação do grupo, a parte da edição e também a concentração do elenco na gravação. Eu gostei muito da parte da gravação, porque foi uma coisa diferente para mim e aprendi muito com tudo isso. Com certeza, foi uma experiência muito boa e espero que todos gostem do nosso trabalho.

Bernardo Schaurich

O que falar do curta? Tivemos algumas dificuldades, mas nada que um bom diálogo não resolva. Tudo serviu como aprendizado, fiz novas amizades, dei muitas risadas e principalmente aprendi muito com meus colegas. As palestras foram muito gratificantes. Certamente, se não fosse a união do grupo, não teria dado nada certo. Amizade que vou levar para a vida.

Sandra Moraes

O tempo foi mais o que nos prejudicou e também algumas brigas. Ah, mostrei meu lado artístico e dei um show! Fazer um curta, mostrando a realidade dos dias de hoje foi maravilhoso, principalmente, a parte do preconceito LGBT. Aprendi que, quando há um grupo unido, tudo sai com facilidade e também trabalhar sob pressão ajudou muito para o nosso crescimento.

Rodrigo Meideiros

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto surgiu do propósito de verificar como ocorre a utilização de vídeo enquanto recurso audiovisual, aprimorando o trabalho docente e enriquecendo a aprendizagem dos alunos da EJA.

Cabe ressaltar que, no princípio das atividades, os alunos desenvolveram várias habilidades como a leitura, a interpretação, a comunicação oral, a criatividade, a criticidade, o raciocínio, entre outros, atingindo, portanto, os objetivos sugeridos. Salientando, ainda, o espírito de equipe, a amizade e o considerado mais importante, o trabalho em grupo.

As palestras referentes ao projeto contribuíram gradativamente com as etapas das atividades propostas, envolvendo os alunos, professores, funcionários e a comunidade escolar. Observou-se que esse envolvimento dos alunos colaborou satisfatoriamente na questão da autoestima e, principalmente, em relação ao andamento das aulas, pois os estudantes demonstraram mais interesse e dedicação às pesquisas sugeridas, aos exercícios oferecidos, às orientações dadas, seguindo o planejamento proposto pelos orientadores.

Com o projeto I CINE FEST EJA BALTAZAR DE BEM, verificou-se o crescimento pessoal desses alunos, os quais criaram seus textos e, posteriormente, seus vídeos, a partir

das releituras dos Contos de Fadas, trazendo-os para a sua realidade, através de situações conturbadas sobre o preconceito, a conscientização de problemas causados pelo uso das drogas, o trabalho infantil e a importância da amizade verdadeira em nossas vidas. ■

Diretora:

MARIA ANTÔNIA SOARES FÉLIX

Vice-Diretora do Diurno:

DANIELA DOS SANTOS TRINDADE

Vice-Diretora do Noturno:

DIVA CAROLINA FARIAS SOUZA

Supervisora da EJA:

MARIÁ RAQUEL POHLMANN DA SILVEIRA

CINEMA COMO FORMAÇÃO CONTINUADA: O OLHAR DE UMA DOCENTE

Noeli Kunde Miritz

Este texto trata-se de um relato de experiência acerca da formação continuada voltada ao tema "Cinema" que resultou no I Festival de Cinema do município de São Lourenço do Sul/RS, pela visão de uma professora da rede de pública de ensino do referido município, cujo objetivo é descrever como se deu o processo da formação continuada, bem como, os pontos positivos e negativos encontrados ao decorrer do mesmo.

No final do ano de 2014 foi solicitado para que professores, monitores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis que dessem sugestões de temas para serem trabalhados como formação continuada no ano de 2015, a sugestão dada foi de abordar temas vinculados a aspectos práticos, encontrados no dia-a-dia.

No início de 2015 a Secretaria Municipal de Educação do referido município optou por trabalhar com o Cinema, apresentando suas diferentes esferas (documentário, narração, foto narração, entre outros), de modo

que os professores conseguissem instigar os alunos a criarem histórias, a produzirem em diferentes formatos, estando atentos a todos os aspectos que envolvem este processo, como, maquiagem, figurino, roteiro, edição, gravação.

A formação continuada teve início no mês de março de 2015, onde esta era um momento em que eram dadas palestras por um professor da Universidade Federal de Pelotas e seus respectivos bolsistas, onde foram passados conhecimentos e dicas que deram suporte à prática dos profissionais que buscaram inserir o Cinema no cotidiano escolar.

Na referida escola houve a participação significativa apenas de profissionais vinculados ao Programa Mais Educação, sendo eles, a professora comunitária do referido programa e duas monitoras.

Ao decorrer da formação continuada foi solicitado que cada escola elaborasse um curta metragem com a participação dos alunos para ser exibido no I Festival de Cinema de São Lourenço do Sul/RS no dia sete de

novembro. Este foi um momento de grande dificuldade pois os profissionais envolvidos apesar das aulas já assistidas não tinham muita intimidade com este conteúdo e manuseio de ferramentas que teriam que utilizar. Outra dificuldade foi o fato de além da formação e elaboração do curta o funcionamento e realização das oficinas vinculadas ao programa seguiram normalmente.


O primeiro passo foi a escolha do tema, que se deu com a participação de alunos do pré ao nono ano, sendo escolhido a "Amizade", posterior a isso os mesmos contribuíram para a elaboração do roteiro e gravação do curta em formato de foto narração, que foi realizado em um só dia, no pátio da escola, nas salas de aula e em uma praia que fica aproximadamente 200m da escola. Esta gravação contou com a participação de uma monitora, dos alunos e seus respectivos animais de estimação.

Com relação ao vídeo/história teve como título "Amigos e amizades: nossas escolhas". Ela ocorre inicialmente em uma sala de aula em que a professora está passando um texto sobre amizade e um aluno chamado Pedro fica pensativo e tem a ideia de no recreio convidar seus amigos para ir à praia e cada um levar seu animal de estimação para passear. No recreio ele fez o convite e todos aceitaram prontamente, então, depois da aula todos se

encontraram na praia e levaram seus animais. Lá surgiu a indagação do por que da escolha de cada um pelo seu respectivo animal, todos vinham apresentando a justificativa baseada em um interesse pelo animal saber fazer alguma coisa ou outra. Quando indagado, Pedro simplesmente respondeu que a escolha por seu sapo de estimação não tinha nenhum interesse e sim que era amizade, que gosta dele pelo seu jeito, sem segundas intenções, fazendo assim que todos pensassem mais neste assunto, sendo essa a mensagem que o vídeo queria trazer, a de valorizar a amizade pelo o que ela é e não pelo o que pode te oferecer.

A elaboração desta atividade permitiu perceber alguns pontos negativos, no qual podemos destacar o pouco envolvimento de professores da escola, a dificuldade de lidar com o manuseio e funcionamento das ferramentas necessárias na elaboração do curta por parte dos envolvidos. Positivamente podemos destacar o envolvimento, entrosamento e responsabilidade por parte dos alunos, como também, o crescimento profissional da professora e monitores envolvidos, que tiveram que buscar informações, conhecimentos extras a respeito do que estavam trabalhando.

Frente a tudo que foi exposto, pode-se perceber que a formação continuada e a elaboração deste trabalho permitiram aos envolvidos uma evolução e aquisição de

conhecimentos, além de ver que o Cinema é uma ferramenta alternativa para trabalhar conteúdos que devem ser desenvolvidos ao longo do ano, bem como, a contribuição desta alternativa para a aprendizagem dos alunos, como algo mais atraente, despertando interesse dos mesmos. 

CURTA-METRAGEM “PESADELO”

Luciana Pereira Maruri
Professora E.M.E.F.

A coordenação do Programa Mais Educação em parceria com a FURG e através da SMECD, nos apresentou, neste ano de 2015, o desafio de produzir nas escolas através das oficinas do Programa Mais Educação, um vídeo, curta-metragem escolar cujo tema deveria ser escolhido a partir dos interesses de nossos alunos.

Desafio aceito, o desenvolvimento deste trabalho aconteceu nas dependências da escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marina Vargas. As filmagens ocorreram no laboratório de informática e contamos com toda estrutura disponível dentro da escola, além do apoio da equipe diretiva e coordenação pedagógica da mesma.

Participaram deste desafio alguns alunos integrantes do Programa Mais Educação no turno da manhã. São eles:

- Alison Soares
- Ana Julia de Freitas Nolasco
- Arthur Schaun
- Gabriel da Silva Quevedo

- Helena Anton Gomes
- Henrique Gomes Freitas
- Homero da Silveira Gomes Neto
- Kaio da Silva Quevedo
- Mileni Ribeiro Rios
- Nicóli Ribeiro Rios
- Tainá Daniela Pinheiro da Silva
- Yasmin Almeida Colombi

Abraçamos este desafio com o propósito de despertar nos alunos a ideia de utilizar as mídias para uma abordagem cinematográfica de temas que lhe fossem significativos, interessantes.

Para tanto iniciamos o trabalho pela escolha do tema, o que não foi nada difícil, já que nossos alunos logo definiram que desejavam produzir um vídeo de terror com um ataque de zumbis à escola. Nesta caminhada nos deparamos com divergências ao apresentarmos o tema escolhido para a equipe diretiva e coordenação pedagógica, pois a abordagem dos alunos lhes pareceu bastante violenta. Desta forma buscamos e conseguimos chegar

a um consenso, mantendo o tema e mudando a forma de abordagem. E assim surgiu o curta-metragem intitulado “Pesadelo”.

Todos os doze alunos envolvidos no processo deram ideias para o tema a ser abordado, mas foram cinco alunos que se dedicaram mais especificamente a montagem do roteiro. Posteriormente todos se envolveram diretamente na filmagem das cenas, que foram todas produzidas em uma manhã de trabalho, basicamente em dois momentos. No primeiro momento fizemos todas as cenas do contexto sem a maquiagem dos zumbis e após as maquiagens foram feitas as cenas complementares do pesadelo, que iriam compor todo o contexto.

Neste processo todos os envolvidos, alunos e monitores, se depararam com dificuldades práticas, tais como, pilhas que não suportaram as filmagens, luz indevida, cenário adequado, continuidade e repetição de cenas. Observamos que, por mais simples que seja uma produção, existem inúmeros detalhes que precisam ser observados e somente com tentativas, erros e acertos é que podemos contorná-los, da melhor forma possível.

Superados os obstáculos do momento das filmagens, passamos a edição do material produzido, escolha da trilha sonora e ajustes finais, sendo que esta etapa do trabalho não foi repassada aos alunos. Conforme íamos

vencendo as etapas o resultado ia sendo apresentado a eles para que pudessem avaliar e dar sugestões.

Com o trabalho já finalizado partimos para a exibição na escola e posterior votação. Neste momento já se percebeu, entre os alunos que participaram, certa ansiedade em ver-se no telão diante de todos os alunos da escola. Esta expectativa só cresceu e culminou no momento da premiação, pois a cada categoria a ser anunciada, os alunos participantes que puderam estar presentes se mostraram nervosos, suando frio e sentindo a adrenalina e toda a emoção do momento. Quando fomos agraciados com o prêmio de melhor trilha sonora foi uma alegria contagiante e inesperada pra todos!

Neste processo de construção do curta-metragem, pudemos observar que os alunos tem grande potencial criativo, basta que seja dada a eles oportunidades de expressão, de criação e um espaço adequado para que possam demonstrar seus talentos diversos!

Todo este trabalho foi desenvolvido com a colaboração dos monitores Idala Ferreira Fiss, Jane Centeno, Rogério Dutra Soares e Samira Siga.

CONSTRUÇÃO DO VÍDEO DE FICÇÃO PARA O FESTIVAL DE VÍDEO ESCOLAR

Sérgio Flores

Professor da EMEF Germano Hübner e Diretor do Vídeo

VÍDEO ESTUDANTIL TERRAS NOVAS

A experiência com o vídeo foi a mais gratificante possível e todos os seus passos foram projetados para atingir o objetivo final que era o de informar por uma obra de ficção com observância aos fatos históricos e trazer emoção com a História pouco divulgada dos fatos ocorridos que proporcionaram a vinda dos Pomeranos para o Brasil e para cá, e a curiosidade em desvendar fatos da jornada após esta chegada dos Pomeranos ao Município de São Lourenço do Sul. Mesmo não fazendo parte do projeto inicial de construção/participação na Mostra de Vídeo, a tarefa foi aceita, no entanto, quase na fase final de entrega do trabalho, já com várias reuniões realizadas. A proposta surgiu em um dia, justamente por saber lidar com mídias, o que era a dificuldade maior do grupo precursor ao trabalho, que também tinha outra

ideia para execução do vídeo para a mostra. Desafio aceito, ler o material de instrução e montar o projeto inicial assim como o roteiro foram etapas cumpridas em um dia dentro da escola. A ideia central era um projeto antigo, próprio, rabiscado em agendas anteriores, justamente por fazer parte da curiosidade em saber sobre a História da localidade ou dos aspectos que trouxeram novos habitantes às terras das cercanias da Escola. As aspirações foram passadas a um grupo de alunos, que também se dispuseram a identificar etapas para organização do filme. Uma intensa e minuciosa pesquisa bibliográfica histórica foi organizada, que buscou subsídios reais para embasar a ficção, além da coleta de relatos de parentes de alunos participantes do grupo que já se dispunha a participar do projeto.

Eis que surge tanto da pesquisa como dos relatos as várias menções às terras novas, permitindo assim demarcarmos a denominação do vídeo: "TERRAS NOVAS". Com a escolha do título, fluíram as ideias para montagem inicial da história, e a construção do primeiro plano de vídeo começa a se definir. O alvo seria atingir em 15 minutos todos os aspectos que precisávamos para contar passagens da época, incluir atores e ligar o passado aos tempos atuais. A construção de cenas se deu em conjunto com algumas ideias dos alunos para retratar os acontecimentos – o agrupamento de ideias veio por conversa após horário de aulas pelo whatsapp. Em uma noite estava pronto o roteiro e o esboço de locações para as gravações, com a ideia da primeira cena falada em pomerano, inclusão de cena em barco, e as várias locações de áreas diferentes para reproduzir a árdua caminhada. E o desenho para contar a parte histórica inicial fica pronto.

O outro dia marca a escolha de locais para as gravações, com cuidados minuciosos para não conterem cercas, fios, estradas ou qualquer marca de habitação da atualidade. Áreas da escola, áreas vizinhas e a busca de localidades com aspectos antigos. Os locais foram registrados previamente em fotos, e até mesmo os espaços e ângulos de câmeras já ficaram demarcados. O contato com a escuna Domínio do Sol preenche a última lacuna para

as filmagens, mas aí as intempéries começam a atrapalhar, e os adiamentos acabaram por atrasar em mais de uma semana todas as gravações. Enquanto se esperava o tempo melhorar – fomos assolados com chuvas ininterruptas por mais de 15 dias – roupas e materiais de gravações estavam sendo coletados e experimentados, e cada ator já tinha seu figurino a utilizar.

Com as gravações iniciadas, passa-se a cuidar do som ambiente, e após a primeira cena, decidiu-se fazer a vídeo narração, já que o tempo final para entrega do trabalho estava se esgotando, e gravações de cenas com diálogos poderiam atrasar-nos ainda mais. Com isso, o próprio grupo de atores sente-se mais tranquilo. E mesmo que o tempo não melhorasse conseguimos finalizar todas as cenas, que foram curtidas intensamente por todos os atores, e com atuação constante dos auxiliares de produção. A História foi contada a todos, e a partir daí, dirigir as cenas foi tarefa facilitada pelo espírito teatral e emocionante que o grupo de alunos incorporou. Cada cena foi gravada apenas uma vez, e os atores fizeram-nas com uma maestria incrível, isso sem contar que em alguns momentos a emoção tomava conta de muitos, além deste diretor é claro! As cenas gravadas e mostradas separadamente já traziam o efeito que gostaríamos, causar emoção, nostalgia, proporcionar entretenimento e

provocar curiosidades.

Com tanto sucesso alcançado no que fora planejado para as cenas, ficou muito fácil narrar a parte histórica e finalizar com fotos antigas e atuais para trazer personagens locais à pe-lícula. O que fica de marcante foi o envolvimento ímpar que os alunos tiveram, juntamente com familiares que se esforçaram em emprestar fotos, ceder espaços para gravação e até mesmo planejar ambientes para realizarmos as gravações, aliados aos esforços do corpo de professores, funcionários e direção em proporcionar as melhores condições para gravarmos as cenas, e buscar materiais e fotos para o complemento do vídeo.

Mesmo que não houvéssemos sido agraciados com qualquer premiação na mostra, já nos consideramos premiados: em primeira instância pela grata satisfação em termos realizado o planejado; depois, em termos recebido tanto apoio de pessoas diversas em tantos segmentos, de nossa comunidade ou até mesmo externas a ela; e na percepção que o projeto teve êxito em mostrar uma produção da coletividade. Não dá para esquecer de citar que o comportamento dos “meus atores” superou todas as expectativas, com um saldo positivo também de relacionamento muito próximo com alunos da escola que nem sequer fazem parte das turmas que leciono. Fica em fase de aspirações o desejo de ampliar o projeto

com desenvolvimento do roteiro para torná-lo provavelmente um conto, além do gostinho de querermos mais.

A premiação corou o esforço do planejamento mas dividido com o comprometimento da execução.

PROJETO DIVERSIFICANDO SABERES

Jerusa da Fonseca Gautério
São José do Norte – RS

O Projeto Diversificando Saberes complemento da Educação Integral - uma iniciativa estratégica de ampliar a jornada escolar, em parceria com a família e comunidade local buscar e poder público que foi Elaborado e criado na ocasião para substituir o Programa Mais Educação SMEC – São José do Norte/2016, pela Coordenadora Adriana Conceição junto juntamente a Secretária Municipal Mônica Gonçalves, buscando oportunizar espaços e atividades educativas que pudessem ampliar a permanência da criança e adolescente em atividades, ou seja Oficinas variadas, ligadas à educação, esporte e lazer, que acontecessem no contra turno do alunado interessado, de segunda à sexta-feira.

O objetivo principal do Projeto era: oportunizar aos alunos da Rede Municipal, atividades, por meio de oficinas, as quais possibilitassem aos mesmos vivenciar experiências de formação e construção de saberes diversificados, os quais auxiliaria no seu desenvolvimento, tais como cidadãos criativos e críticos,

valorizando sempre o meio em que vivem.

Após tomar conhecimento do Projeto e assim aceitar a participar como oficina do mesmo, fiz uma capacitação online, em parceria com UFPEL- Produção de Vídeo, com o Mediador Josias Pereira, onde nos encontramos 2 horas por semana para o mesmo realizar mediação e indicar sugestões, ideias, dicas, sites para pesquisas e, de como melhor mediar no desenvolvimento durante a execução da Oficina.

Depois de realizada a capacitação, partindo dessa nova temática foi dado início no desenvolver realização da Oficina de Vídeo/ fotos que acontecia todas quartas-feiras com quatro turmas, com alunos de 4º à 7º anos, sendo duas turmas pela manhã com alunos de 4º, 5º e 6º e, duas turmas à tarde com alunos de 5º, 6º, 7º e 8º anos, uma hora e meia para cada turma, sendo duas pela manhã e, duas à tarde.

Neste dia da semana, de abril a dezembro, no Prédio do Polo Universitário porque lá

tinha sala de informática com 16 computadores ligados à internet. Iniciamos apreciando e assistindo o “Blog da Kelly” no site da UFPEL: “Cine passo a passo” de como montar um Vídeo: Roteiro; Escola do tema; pesquisar imagens, salvar; seleção de música e de como baixar.

Depois de seis semanas de aula, começamos a sair para registrar os melhores momentos, para assim montarmos juntos um vídeo/clip de cada turma inserir fotos e músicas, colocar animações, título e créditos; Após registrar fotos, e escolher a frase “tema” e, a música, partimos para uso o Programa Movie Maker, crie uma página no Youtube, os vídeos/clips de cada turma, serem postados e todos poderem acessar a apreciar junto aos colegas da escola eu não fazem parte do Projeto, familiares e etc.

A partir da elaboração do vídeo/clip de cada grupo e, de tudo que foi visto, aprendido durante as atividades, foi proporcionado que cada aluno pensasse em um “tema” e criasse seu próprio vídeo/clip.

Surgiram várias ideias: Meio Ambiente; Pesca; Música, Água, Mar, Natureza, Animais, Amizade, Moda, Escola, Personalidade, Amor e ...

Dos 27 vídeos que foram produzidos, escolhi três, dos alunos que não tiveram nenhuma falta na Oficina de Vídeo: ALUNO

1 com tema “amizade”; ALUNO 2 com o tema “Mar” e, ALUNO 3 com tema “Amizade”.

Em diálogo com esses alunos realizei algumas perguntas referentes ao andamento do Projeto Diversificando Saberes:

1) Tu gostaste de participar do Projeto? Por quê?

Resposta do ALUNO 1: “Eu amei o Projeto porque tinha diversas oficinas diferenciadas”;

Resposta do ALUNO 2: “Eu gostei, porque sou muito sozinho, e minha mãe faleceu e, com o projeto tenho ocupação e amigos”;

Resposta do ALUNO 3: “Sim. Porque lá fiz muitas amigas e aprendi muitas coisas”;

2) Qual a importância que o Projeto Diversificando Saberes teve na sua Vida?

Resposta do ALUNO 1: “O Projeto foi importante para tirar as crianças das ruas e, devido o trabalho da minha mãe ser o dia todo, ficava muito sozinho em casa; também porque já era acostumado a participar de outros projetos em anos anteriores; e também porque tinha a culinária que era dez”;

Resposta do ALUNO 2: “Devido a diversão, as viagens, passeios e a construção de muitas aprendizagens e os amigos;

Resposta do ALUNO 3: “Era importante, porque minhas irmãs, amigas também estavam, e lá aprendi muitas coisas diferentes, joga futebol, usar a internet, e porque o lanche era muito especial;

3) Por que tu escolhesse aquele tema para denominar seu vídeo/clip?

Resposta do ALUNO 1: “Escolhi ‘amizade’ porque adoro meus amigos e registro todos os momentos tirando fotos no meu celular; e também porque ter amigos é melhor que ter dinheiro;

Resposta do ALUNO 2: “Escolhi ‘Mar’ porque nossa cidade é rodeada de água e adora a praia e o mar”;

Resposta do Aluno 3: “Escolhi ‘Amizade’ porque estou sempre com minhas irmãs e amigas e adoro fazer novas amizades, amo músicas que retratam a ‘amizade’”;

4) O que tu achas que faltou durante Projeto?

Resposta do ALUNO 1: “Nada, tudo foi completo, e satisfatório, pena que acabou”;

Resposta do ALUNO 2: “Mais tempo e que eu pudesse continuar”;

Resposta do ALUNO 3: “Mais viagens e passeios e uma filmadora”;

Para encerrar, não poderia deixar de detalhar que trabalhava em parceria e, dividia o período de trabalho com a Oficina de Culinária, onde nas quartas-feiras as turmas eram cheias.

Mas como todo Projeto Pioneiro tem falhas, cito como parte negativa a falta de mais tempo para capacitação; também alguns recursos financeiros: para comprar uma filmadora, gravadores de áudios e, mais tempo de

duração, de no mínimo dois anos de duração para cada Oficina, porque uma hora e meia por semana era muito pouco tempo. Mas como mediadora e assistindo as Produções finais, considero que mesmo sendo uma atividade pioneira em nossa cidade, considero que foi um ótimo aprendizado e ampliação na construção do conhecimento de cada aluno e também na ampliação do meu currículo.

SEÇÃO RECREIO

ENTREVISTAS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA
COM ALUNOS, O QUE ELES PENSAM E O QU
ESTÃO FAZENDO

A PROVA

por *Alexsandro Walter
Oliveira*

O OUVIR: ANÁLISE DOS CURTAS ESTUDANTIS DO FESTIVAL DE CINEMA SÃO LEO EM CINE DE 2016

por *Huli de Paula Balász*

MINHA EXPERIÊNCIA NO I FESTIVAL DE VÍDEO DO CAPÃO DO LEÃO

por *Nikoly Barboza Garcia*

A VISÃO DE UMA ADOLESCENTE NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

por *Nathalia Vieira e Nicole
Westhauser da Silva*

A EXPERIÊNCIA DE SANDIELI

por *Sandieli*

A PROVA

Alexsandro Walter Oliveira

Aluno da Educação básica da cidade de São Leopoldo

Comecei na oficina de cinema há alguns anos, por te recomendação da professora regente, eu topei logo de cara, afinal sou fã de filmes, e estar próximo assim seria uma ótima oportunidade, sem contar que eram os últimos anos do fundamental, precisava aproveitar com meus colegas e professores. No primeiro ano, fiquei por trás das câmeras, fizemos um trabalho bem unido na construção do roteiro, todo mundo dava seu palpite, e assim se construía uma história, me senti muito bem ao participar do primeiro filme A Mochila dos Pecados, de ajudar de simplesmente estar junto e sentir aquele coleguismo entre nossa equipe, sem contar que isso espregueitava a relação professor e aluno o que algo novo, mas totalmente demais.

Fiz mais duas participações nos filmes Venha Ver o Pôr do Sol e Dom Quixote, ainda por trás das câmeras, como revisor junto com os professores dando minha opinião, fazia a gente se sentir bem cada um com uma função. Mas o filme foi essencialmente produzido pelos alunos, de alunos para alunos, mas ainda sim com um apoio forte dos professores.

Na minha última participação foi dentro da telona em **A prova**, e foi simplesmente fantástico, é uma energia pura e boa que flui dentro da gente, fazendo correr forte uma veia artística por vezes adormecida, o cinema me mudou como aluno e como pessoa, e com isso você aprende umas boas lições, clichê mas boa, que não existem pequenos papéis ou alguém menos ou mais importante, cada um faz parte de um todo, como uma caixa de engrenagens que se falta uma por menor que seja a máquina não funciona. A oficina foi, e é uma família para mim, e todos nós deixamos um pedacinho de nossos corações eternizado em filmagens.

Acredito que todos que participaram da oficina compartilhem o mesmo sentimento, uma satisfação pessoal ao se ver fazer aquilo, e ganhar ao menos um pequeno mérito, pois todos gostam de ter seu trabalho reconhecido. Espero que mais jovens continuem fazendo o cinema estudantil, para manter essa chama viva, para que se realizem, mudem suas perspectivas de vida e vejam o mundo por um novo prisma, para que nasçam Artistas.

O OUVIR: ANÁLISE DOS CURTAS ESTUDANTIS DO FESTIVAL DE CINEMA SÃO LEO EM CINE DE 2016

Huli de Paula Balász

Acadêmica do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel

A TEMÁTICA COMO PREOCUPAÇÃO SOCIAL

Este trabalho se propõe a analisar a produção de vídeos estudantis do ano de 2016 dos estudantes das escolas de nível médio e fundamental de São Leopoldo, município do estado do Rio Grande do Sul. Foram vistos 61 vídeos para a elaboração desta pesquisa.

Ao analisar o conteúdo abordado nos vídeos das escolas, nos deparamos com importantes questões sociais para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural do indivíduo. Há produções sobre diversos temas, no tocante à questão do bullying, discussão racial, de gênero e sexualidade, feminismo, empoderamento feminino, aceitação do corpo, bulimia e assuntos relacionados à violência contra mulher. A questão do amor também é bastante recorrente e muitos desses vídeos se passam no próprio ambiente escolar. Dois vídeos abordam

o tema da acessibilidade, como é o caso de *Eu não sou diferente, eu faço a diferença* (2016) e *Rampas de acessibilidade* (2016). No primeiro, além de tratar sobre a questão da acessibilidade, os estudantes trazem essa possibilidade no próprio vídeo, inserindo audiodescrição e intérprete de libras no canto direito da tela, o que ratifica o fato de que a preocupação na escola é colocada em prática inclusive quanto a deficiências que não necessariamente as que o vídeo traz como tema.



Inserção de intérprete de libras no Fragmento do vídeo *Eu não sou diferente, eu faço a diferença* (2016)

É notável que o assunto do bullying especificamente é uma questão muito presente no cotidiano dos estudantes. Por exemplo, no vídeo *Você é linda* (2016) vemos diversas jovens depondo a respeito dos motivos pelos quais já foram vítimas desta violência escolar. Enquanto atrizes sociais dos próprios vídeos que produzem, elas se emocionam e essa forma de se relacionar com o trabalho, ou seja, deixando-se afetar pelas causas com as quais estudante e se envolvem, proporciona aumento do engajamento com o trabalho e comprometimento com as questões sociais, porque isso causa impacto e este choque, ou afeto, é uma das qualidades necessárias para o aprendizado.

Cada tipo de relato acaba, de certa maneira, expondo parte do cotidiano e experiência do estudante que ali se coloca. Cada vídeo traz um pouco de suas experiências, sentimentos e saberes, o que reitera o que defende alguns autores da educação como Paulo Freire de que “nenhuma criança vem vazia”.

Ao observar os vídeos, percebemos que existe algum tipo de orientação de professores. Todavia, estes não protagonizam o processo nem o monopolizam com voz autoritária. É possível notar que são os próprios alunos que definem para onde vão suas histórias. É de suma importância que os estudantes tragam estes assuntos para serem debatidos

conjuntamente, e que sejam, como vimos nos vídeos, abordados no ambiente de formação educacional de forma também ativa, isto é, quando o próprio estudante também se coloca como gerador de pensamento a partir das problemáticas pessoais e sociais. Essa forma de trabalho possibilita ao aluno, maior envolvimento, pois agora não está somente ouvindo sobre o tema, ele é necessariamente impelido a discutir, sentir, pensar e agir sobre a questão.

A diversidade nas temáticas é fruto da história pregressa de casa estudante. De acordo com Piaget, precursor do construtivismo, deve-se analisar os processos internos, tanto os psicológicos como os biológicos e contexto social em que cada indivíduo está inserido, bem como as respostas cognitivas a suas interações com o mundo onde vive. É essa experiência que norteará o desenvolvimento e a direção de seus projetos, sendo eles fantásticos, críticos ou catárticos.

Como muitos alunos acabam se utilizando da ferramenta de produção de vídeos para se expressarem, os filmes acabam tendo um viés artístico, pessoal ou crítico, dessa maneira, as professoras e professores que orientam os alunos têm a oportunidade de conhecer um pouco melhor os estudantes, e da mesma forma, cada estudante tem a possibilidade de ouvir o colega e saber um pouco mais da história daqueles com quem convivem diariamente.

Isso aumenta a interação dentro da turma durante e após a realização dos trabalhos.

DA LINGUAGEM ÀS QUESTÕES TÉCNICAS

Dentro da playlist de 2016, nos deparamos com diversas técnicas cinematográficas aplicadas aos vídeos. Há trabalhos que utilizam Motion Graphics e até mesmo efeitos especiais mais trabalhosos de se fazer, como ocorre em Os heróis de Funny City, onde o efeito de fazer desaparecer o colega é aplicado devidamente, assemelhando-se ao que observamos em alguns trabalhos do mercado profissional.



Efeito especial em Fragmento de Funny City (2016)

Os vídeos, em sua maioria, são dotados de bastante qualidade. Entretanto, há algumas questões que podem ser melhoradas, como exemplo, o som. Em alguns momentos a música da trilha sonora se sobrepõe à fala dos personagens, isso seria de certa maneira simples de ser ajustado na mixagem, bastando apenas

uma orientação direcionada. Nos momentos em que se utilizam de planos mais abertos, percebemos alguns casos em que não é possível detectar facilmente a fala da personagem. Como sugestão a este problema poder-se-ia, para as próximas turmas, pensar em uma possibilidade de dublar as cenas em que o áudio não tenha ficado muito bom. Ou até mesmo planejar a exploração de enquadramentos mais aproximados, aprimorando, desta maneira, o trabalho da decupagem dos vídeos.



Exemplo de videoclipe no fragmento de Coração Enjaulado

Há uma grande diversidade dos tipos e linguagem dos vídeos. Percebemos filmes de ficção onde os próprios alunos atuam, filmes de documentário sendo eles ou não os protagonistas sociais, videoclipes, animações stop motion com massinha, narração sobre

ilustrações, filmes de foto still com dublagens e a técnica de efeitos especiais como a da chroma key. Há uma quantidade considerável de filmes que trabalham com o fantástico, explorando principalmente o universo do terror e dos zumbis e filmes híbridos que relacionam o gênero de ficção com o documentário. Há alguns vídeos que possuem inclusive vinhetas de animação no início do filme.

Determinados filmes dão atenção especial a específicas áreas do cinema. Por exemplo, quando isso ocorre com o som há utilização de folleys durante o vídeo. Como citamos acima, às vezes esse foco se dá nas técnicas de finalização. Alguns focam no roteiro, trabalhando com a metalinguagem cinematográfica e muitos acabam por se aprimorar na direção de arte dos vídeos, enaltecendo seus talentos com a maquiagem artística, cenários e figurino, como no caso dos filmes O Colar e a Boneca (2016) e Ataque Zombie (2016).

A prática da produção de vídeos nas escolas promove maior interação entre os alunos. Como defende Vygotsky em seu viés de pedagogia sociointeracionista, a intermediação com o outro e o contato com o meio externo ajuda no desenvolvimento do indivíduo. No sentido que desenvolvemos neste artigo, podemos pensar nos métodos educacionais de Piaget e Vygotsky não necessariamente como extremas oposições. Por este viés, um método



Maquiagem no filme O Colar e a Boneca (2016)



Cenário do filme A viagem espacial (2016)



Maquiagem para efeitos especiais em Ataque Zombie (2016)



Inserção de efeito de Chroma Key no vídeo A Dama e o Vagabundo (2016)

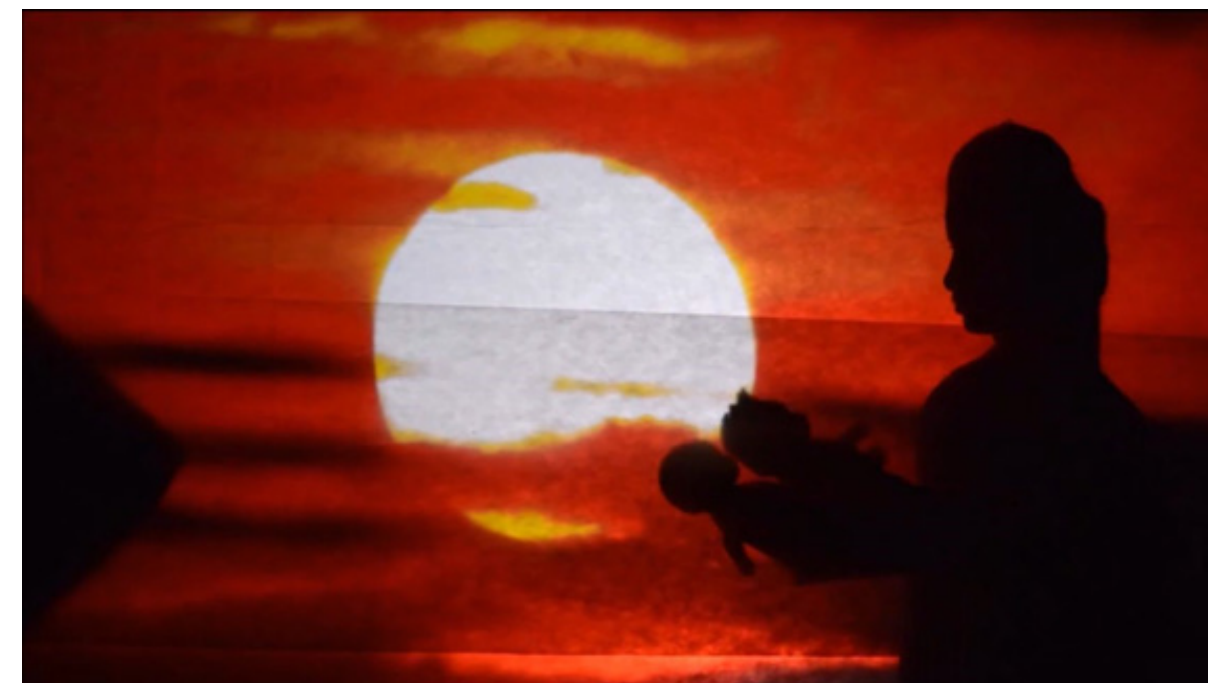
pode servir para dar apoio e complementar o outro, pois não são suficientes por si só e nem binários a ponto do uso de um excluir o de outro. O desenvolvimento educacional e cultural de um indivíduo não depende e nem pode se pautar em apenas um grupo de fatores ou “regras”. Talvez o que mude seja o quanto um ou outro possa melhor auxiliar um indivíduo ou grupo de pessoas, mas, ainda assim não será algo previsível ou cartesiano. Pois o conhecimento se constrói a todo instante e de diversas formas, estando o indivíduo refletindo consigo mesmo ou interagindo com o mundo, pois interação com o mundo e reflexão interna são processos que andam juntos e não se relacionam de forma freneticamente binária, como costumam colocar alguns estudos. Interação social gera e é gerada a partir de uma construção de conhecimento.

Nos traz certa alegria ver que há escolas hoje trabalhando com as crianças e adolescentes a cultura e educação desta forma lúdica. Fica muito perceptível como este trabalho de inserção de vídeos nas escolas tem potência para ampliar a visão de mundo dos estudantes, assim como abrir um leque das possibilidades de trabalho com a arte e comunicação. Afinal, é preciso que se saiba da existência das possibilidades para que se pelo menos cogite o trabalho com elas.

E o pessoal está fazendo cinema

mesmo! Os cortes estão bem feitos, há um planejamento de decupagem e em uma grande maioria, o estabelecimento de uma linha clássica narrativa. Preciso confessar que com o vídeo Quando eu Crescer (2016) me emocionei e compartilhei com algumas amigas professoras.

Por fim de reflexão, cabe a nós, “adultos”, “acadêmicos” e “sabidos” também nos colocarmos nessas provas, afinal, vivemos em uma sociedade em que “natural” é que apenas as crianças possam ser livres para explorar os ambientes, mexer nas coisas, nas ideias nos conceitos, quebrar e desbravar o mundo. Quando foi que a gente deixou de ser criança e parou de se permitir poder fazer tudo isso? A gente pode até tentar “considerar a ideia da criança”, e dar importância ao que ela está dizendo porque partimos de um viés contemporâneo de educação, e agora, isto está em voga. Mas estamos realmente capacitados a ouvir a criança quando nem ao menos conseguimos considerar e ouvir as ideias daqueles que não mais assim os consideramos? Uma mudança pessoal também urge, caso contrário continuaremos lutando arduamente para poder contemplar as sonhadas melhorias na educação. Não estaremos prontos para ouvir o outro enquanto não conseguirmos, de fato, dar importância a pelo menos nossas próprias vozes internas.



Jogo de luz, sombra e cenário no filme Os gêmeos do Tambor

REFERÊNCIAS

Betto, Frei. A educação do olhar. Disponível em

<<http://www.correiocidadania.com.br/antigo/ed189/geral3.htm>>. Acesso em: 25/03/2017.

Mosé Viviane, Afetos e educação. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=OKufivBZFXc>>. Acesso em 27/03/2017.

MINHA EXPERIÊNCIA NO I FESTIVAL DE VÍDEO DO CAPÃO DO LEÃO

Nikoly Barboza Garcia
E.M.E.F. Profª Delfina Bordalo de Pinho

Meu nome é Nikoly Barboza Garcia, tenho 15 anos e atualmente no ano de 2017 estudo na E.M.E.F. Profª Delfina Bordalo de Pinho. Já tenho todo meu futuro planejado, sonho em fazer direito, ser uma advogada e sinceramente nunca me passou pela cabeça participar de algo relacionado à teledramaturgia. Eu sempre participei dos teatros da escola e jamais passou disso, até que a professora Josiane nos apresentou o projeto do I Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão.

No início eu levei na brincadeira, não compareci as primeiras conversas de grupo que a professora realizava todas as segundas-feiras à tarde, mas com o passar do tempo pude perceber o empenho dela, decidi participar do projeto. Então nos dividimos em três grupos após isso começamos o trabalho. Dei início ao roteiro, mas para escrever um roteiro é necessário ter um tema, eu precisava de algo interessante, algum assunto que de alguma forma tocasse as pessoas, e como

estávamos em um ambiente escolar, surgiu o tema bullying.

Mas para mim só isso não era suficiente, como muito romântica que sou, decidi incrementar com um pequeno romance para deixar o curta mais emocionante, e o bullying de alguma forma todo jovem já sofreu com essa barbaridade tanto dentro quanto fora de um ambiente escolar, e isso sempre deixa marcas, mágoas, medo, e por outro lado todo mundo já se apaixonou e se não, calma sua hora irá chegar!

O curta indiretamente descrevia um capítulo real da vida das personagens principais, eu, por exemplo, no sexto ano sofri bullying, era horrível ser humilhada diariamente, ser insultada simplesmente por não ser como “elas” achavam que eu deveria ser. E ainda, sobre decepção amorosa eu e a minha amiga damos aula, então ficou muito fácil trabalhar com o tema.

Não tínhamos condições profissionais

para executar nosso trabalho, mas sempre improvisamos, era tudo um tanto complicado, mas nos últimos dias cheguei à conclusão de que nada na vida é complicado, nós é que complicamos. Às vezes tínhamos alguns problemas com o cenário, câmera, parte artística, com atores, mas no final tudo dava certo.

Foi uma experiência maravilhosa, talvez uma das melhores da minha vida até agora, algo inovador, desafiador e como sou uma pessoa que gosta de desafios me apaixonei pelas câmeras. Esse projeto, ele foi além de uma simples junção entre colegas que estavam participando do mesmo trabalho, ele foi a verdadeira prova que “a união ganha força”, assim como não existe um time de futebol com apenas um jogador, não existe um curta por mais simbólico que seja, só com um ator ou apenas um diretor é necessário um elenco, e para que isso fosse possível, nos tornamos um só, nos unimos e isso fortaleceu o vínculo que existia entre nós, nos tornamos mais que colegas, amigos.

Para mim não foi tão fácil atuar como agressora, pois no sexto ano recebi apelidos muito constrangedores e sei o quanto isso machuca e traumatiza. Sabia que aquilo não era legal e posso dizer que humilhar, difamar uma pessoa não tem a mínima graça. Mas apesar de tudo eu amei meu personagem “Francesca” a “Fran” uma menina que apesar de ser metida,

entojada no fundo tinha um coração bom, só que por medo do que os outros fossem pensar optou por ser uma menina cruel que não se importava com os sentimentos alheios.

Já sabia qual era o sentimento consequente de cada situação, portanto conseguia descrever exatamente e tentava passar da forma mais fiel para os espectadores do curta todo o enredo. No final do curta, tive a sensação de dever cumprido, uma satisfação sem tamanho ver que aquele esforço todo tinha valido a pena.

A VISÃO DE UMA ADOLESCENTE NA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Nathalia Vieira e Nicole Westhauser da Silva

Nos dias 16 e 17 de novembro de 2016, a UFPel sediou o I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil em Pelotas - RS e nós fomos convidadas a participar e acompanhar a nossa professora de língua portuguesa Michele Heck. Saímos de São Leopoldo no final da tarde do dia 15, chegamos à noite na cidade e fomos à pousada em que ficaríamos.

Na quarta pela manhã tivemos palestras no auditório da UFPel com coordenadores e professores que discutiram sobre a produção de curta metragens nas escolas brasileiras. Já à tarde tivemos apresentações de trabalhos sobre produção audiovisual de pessoas que compareceram ao Congresso assim como nós, foi ilegal ver pessoas debatendo o que a gente faz, vídeo na escola.

Nesta tarde também fizemos uma apresentação com a nossa professora sobre os curtas premiados no Festival São Leo e que produzimos em sala de aula. Partilhamos da

proposta de produção de curtas metragens, vivenciada em 2015 e 2016. Assim como a oficina e aulas ministradas pela professora sobre a produção de vídeos. Dividimos com o público todos os processos até a finalização dos filmes. Realmente uma linda e gratificante experiência.

Na quinta à tarde tivemos oficinas com temáticas que envolvem a produção de uma curta metragem. As oficinas foram de direção, fotografia, roteiro, animação e edição. Algumas oficinas realizaram um curta com que aprenderam nas mesmas e esses curtas foram mostrados ao público na premiação que ocorreu na noite no mesmo dia. Antes da premiação, assistimos aos curtas que foram inscritos para concorrerem ao festival e logo após a premiação de tais em categorias como:

- Melhor trilha sonora;
- Melhor produção;
- Melhor direção de arte;

- Melhor direção de fotografia;
- Melhor ator e atriz coadjuvante;
- Melhor atriz e ator;
- Melhor roteiro;
- Melhor curta temática social;
- Melhor curta temática ambiental;
- Melhor direção;
- Melhor vídeo por voto popular;
- Melhor vídeo por júri técnico.

Achamos a ida ao Congresso uma grande chance de ampliar nosso conhecimento, além de aprendermos dicas e termos novas ideias para nossas produções na escola.

Também foi um passeio cultural à cidade de Pelotas, que antes não conhecíamos muito e foi legal podermos passar mais tempo juntas com a Michele sem ser como professora e alunas e sim como parceiras e amigas. Agradecemos a ela por ter nos proporcionado essa experiência, pois sem ela talvez nunca tivéssemos entrado nesse mundo de produção audiovisual. Por isso neste relato deixamos a nossa “muito obrigada professora”, por ter trazido essa proposta dos curtas até a nossa aula. Enfim, gostamos muito da oportunidade e se tivermos outra chance gostaríamos de participar novamente.

A EXPERIÊNCIA DE SANDIELI

Aluna da escola EMEF Germano Hübner

Oi meu nome é Sandieli e sou aluna do nono ano da escola EMEF Germano Hübner que fica na cidade de São Lourenço do sul. Minha escola fica na zona rural, basicamente a cidade apresenta metade da população na zona rural e outra na cidade. Assim o interior tem muitas pessoas vivendo da agricultura. É claro que dentro desta ação temos as escolas que apresentam um número grande de alunos para uma zona rural. Minha escola por exemplo tem em média 200 alunos.

Em meados do ano de 2015 o professor Sergio Flores trouxe a ideia de que iríamos participar de um festival de vídeo que era uma parceria entre a universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Lembro que foi um choque, pois não sabíamos o que era fazer vídeo e nem como seria isso. O professor Sergio nos acalmou e apresentou alguns vídeos da página da Universidade que era um projeto de extensão do professor Josias Pereira. Lembro que fui em oficinas na Secretaria de Educação e foi muito legal ver outros alunos participando ver que as dúvidas eram as mesmas.

No começo parecia tudo fácil, só na

hora da gravação que vimos as dificuldades que são técnicas. O primeiro curto que fizemos foi "Terras Novas" neste curta fui escolhida para ser atriz principal. Que medo..., mas foi bem divertido fazer esse curta. Ri muito e a dificuldade era não rir na hora de gravação. Percebi que a turma ficou um pouco mais unida em finalizar um projeto.

Outro ponto que foi marcante foi a entrega dos prêmios e a votação nas escolas. Foi emocionante ver os curtas na tela e o pessoal falando. Fazer a votação ver o curta de outros alunos foi bem legal. Pensar o cinema como uma ação diferente, pois tive que analisar pensar em roteiro, pensar em vídeo, pensar em ator coadjuvante e ator principal foi bem legal pensar no cinema como partes e não apenas o Todo. Parecia coisa de cinema mesmo os apresentadores, os troféus, a entrega a formalidade foi muito bonita de ver.

No ano de 2016 fizemos o outro curta chamado "E o Mundo Onde Está?" onde fui produtora. Mudou tudo pois agora em vez de decorar o texto e entender o personagem tiver que organizar tudo e todos. Foi muito diferente, mas uma ação boa de se fazer. Saber que

tudo que iria organizar iria ser a base para as pessoas fazerem o trabalho com calma, que responsabilidade.

Como já tinha experiência foi legal ir nas oficinas e ver o pessoal principalmente os que estavam começando com medo e nós já veteranos! Acho que vale a pena fazer vídeo na escola passar por essa experiência!

SEÇÃO DEVER DE CASA

ANÁLISES E QUESTIONAMENTOS NO ÂMBITO DA PRODUÇÃO ESTUDANTIL, O QUE ESTAMOS LENDO, VENDENDO E COM QUEM ESTAMOS CONVERSANDO

10 PASSOS PARA SE PRODUZIR UM VÍDEO ESTUDANTIL

por Patrícia Custódio

18 MOTIVOS PARA USAR O CINEMA NA SALA DE AULA

por Kelly Demo Christ

CINECLUBE: O ESTRANHAMENTO DO OLHAR NA FORMAÇÃO DO ALUNO

por Gregório Galvão
Albuquerque

"CINEMA: EXPERIMENTAR, CONHECER, REALIZAR"- AÇÕES DE CINECLUBISMO

por Tânia Cristina Medeiros
Cardoso e Marilete Boy
Oliveira

10 PASSOS PARA SE PRODUZIR UM VÍDEO ESTUDANTIL

Patrícia Custódio
Cineasta formada pela UFPel

Você sempre foi a primeira pessoa a pegar uma câmera e sair gravando no meio da galera quando o assunto era registrar algo em vídeo, certo?

Naquela festa de família, seus tios sempre pedem para você gravar ou fotografar todos os momentos, porque gostam da forma como "você vê as coisas" ...

Você sempre tenta inovar e propor novas formas de apresentar trabalhos ou, até

mesmo, facilitar o entendimento das matérias na escola com apoio de vídeos no Youtube ou sites relacionados porque não aguenta mais a forma tradicional com que tudo sempre é feito...

Se você passa por alguma ou todas essas situações, talvez seja a hora de você conhecer um pouco mais sobre o universo do vídeo estudantil e de como você pode fazer parte dele!

VÍDEO ESTUDANTIL: O QUE É?

Sabe aquela ideia incrível que você teve, mas nunca tirou da cabeça ou do papel? O desejo de fazer o filme que você sempre desejou da maneira que você pensou? Então, o vídeo estudantil é uma forma de se fazer isso!

A ideia é que você junte um grupo de colegas na sua própria escola e, juntos, produzam o filme de vocês. E aí você me pergunta:

"e como eu faço isso, não é tão fácil assim"! E realmente não é..., mas também não é nada impossível! Basta ter vontade e claro ler este texto!

Vou dar algumas dicas para facilitar esse processo e mostrar que produzir seu próprio filme não é nenhum bicho de sete cabeças.)

10 PASSOS PARA PRODUZIR UM VÍDEO ESTUDANTIL

1. Gênero Cinematográfico

Lembra daquela sua ideia incrível que decidimos tirar do papel? Este é o momento para decidir como você pretende trabalhar essa ideia.

Dentro do cinema temos algumas formas diferentes de gravar um vídeo, aqui não existe o certo ou o errado, apenas o que for mais viável com o tempo e ideias que você tem! Damos a essas formas diferentes o nome de "Gênero Cinematográfico". Eu sei que parece um pouco confuso, mas são coisas que você já conhece, apenas estou te apresentando com um nome diferente.

Quais são essas formas?

No universo cinematográfico, existem vários gêneros, mas como nosso foco são os vídeos estudantis, vou exemplificar apenas 4:

a. Live Action - É aquele tipo de filme gravado com ações e falas simultâneas. Enquanto estamos gravando o ator está interpretando e gravamos suas falas ali mesmo, sem termos que fazer isso à parte mais para a frente. Nesse tipo de filme, podemos ter algumas interferências, como barulhos de carros, pássaros e outras pessoas no ambiente que estão falando.

b. Vídeo Narração - A parte das ações (atuações) é gravada por completo, e o som é

inserido posteriormente, não dublado, mas narrado. Neste gênero, não é comum trabalharmos com falas; geralmente a voz que aparece ao fundo é de um narrador; que pode até ser o ator principal explicando o filme. Chamamos isso de 'voz over'. Essa voz é gravada em algum ambiente separado, silencioso; após o filme já ter sido montado. A vantagem é que o som do filme fica com uma boa qualidade.

c. Vídeo Foto - Segue a mesma ideia da Vídeo Narração, porém é feita com fotos.

d. Videoclipe - Ao contrário dos gêneros anteriores, a imagem é trabalhada em cima do som; ou seja, já temos uma música antes de gravarmos as imagens.

Trabalhamos então, a atuação dos personagens pensando de acordo com o som. A montagem tem como base o som, e as imagens são adicionadas para complementar ou exemplificar o que a música está dizendo, ou simplesmente são imagens que diferem totalmente do áudio.

1.1. Subgênero

Em qual categoria se encaixa o seu filme?

É um drama, uma história de terror,

uma fantasia? Na verdade, existe universo de opções, cabe a você decidir qual é o que você gostaria de trabalhar e a partir daí pesquisar quais são as características essenciais para que seu filme represente aquele gênero.

2. Roteiro

Costumo dizer que roteiro não é uma história, e sim a forma com a qual você pretende contar essa história.

Você pode contar uma história de maneira simples, sem dar grandes detalhes para sua equipe:

Maria foi na padaria comprar pão; foi sequestrada antes de chegar na padaria.

Quem ler essa história vai entender o que você quis dizer, mas não vai conseguir visualizar o mesmo que você.

Quando escrevemos um roteiro, precisamos deixar claro o que estamos vendo dentro da nossa imaginação, por exemplo:

Maria, uma menina de aproximadamente 10 anos, cabelo preto e usando um vestido sai de casa ao entardecer, se despede de sua mãe dizendo que vai até a padaria. Maria fecha o portão e segue pela rua. A rua está deserta, até que um carro para ao lado de Maria. Maria se assusta e para de andar. Um homem sai do carro, segura o braço de Maria e a obriga a entrar no carro. O carro sai acelerando. Não há testemunhas do ocorrido.

Essa é uma das formas que a história anterior poderia ser contada. Essa mesma história poderia se tornar um filme de terror se os sequestradores fossem zumbis, por exemplo. Tudo está na sua imaginação, e depende dela para ser escrito.

Existem alguns passos para facilitar o processo da escrita do roteiro, são eles:

2.1. História em Linhas

2.2. Argumento

2.3. Escaleta

Não vou exemplificar cada um deles aqui, mas caso se interesse, pode encontrá-los bem explicadinhos no Vlog Primeiros passos, neste link do vlog Primeiros Passos na apostila

3. Direção

Toda equipe precisa de um líder, e no cinema não é diferente. Não precisamos de um 'chefe' para mandar em tudo, mas sim de alguém que conheça a história tão bem que consiga imaginar como tirá-la do papel e transformá-la em filme. Claro que o Diretor não vai trabalhar sozinho, ele tem toda uma equipe para ajudá-lo a colocar as ideias em prática, mas a partir da visão que ele tem, o trabalho começa a realmente criar forma.

Cabe ao diretor pensar nos planos que vão ser mostrados, por exemplo e para isso é

feita a decupagem.

Mas o que são planos?

Sabe quando você vê na tela aquela imagem beeem aberta que mostra uma praia e algumas pessoas deitadas na areia, depois aparece um dos homens que estava na areia só que mais perto, logo em seguida mostramos o boné desse homem? Então... Isso são planos, e eles surgem a partir da decupagem do filme.

3.1. Decupagem

É a forma que o diretor decide distribuir os planos para demonstrar algumas sensações ou ambientar o lugar.

Nos vídeos estudantis, trabalhamos com 3:

- a. Plano Geral
- b. Plano Médio Plano detalhe

Mais detalhadamente você encontra nesse outro episódio do vlog ou na apostila

4. Equipe

Como escolher sua equipe... Afinidade conta? Claro que conta, é sempre bom trabalhar com seus amigos. Mas também é necessário levar em consideração que não são todos os seus amigos que gostam de fazer aquilo então é bem provável que você perceba que é mais interessante você convidar quem você sabe que gosta de mexer com aquilo para fazer determinada função.

5. Funções

Eu sei que as vezes é difícil trabalhar em equipe, mas para se gravar um filme, ajuda é sempre bem-vinda e acredite, não é dispensável.

Algumas funções são essenciais enquanto você está trabalhando em uma filmagem:

- 5.1. Direção
- 5.2. Produção
- 5.3. Fotografia
- 5.4. Arte
- 5.5 Som
- 5.6. Montagem e Finalização

6. Equipamentos

Sabe aquela ideia de que você precisa de equipamento profissional para fazer um filme e tudo mais? Esquece isso... O melhor filme não é o que a gente faz com o melhor equipamento, mas sim o melhor que a gente faz com o equipamento que tem. A melhor coisa a se fazer é conhecer seu equipamento, não importa qual seja; desde um celular até aquelas câmeras gigantes de Hollywood, se você não souber como usá-la, não adianta de nada. Então não tenha medo de errar, vergonha ou preguiça; só pegue qualquer câmera que você tenha em casa e realmente mexa nela, grave, fotografe, mude as configurações.

7. Macetes e Gambiarras com materiais recicláveis <3

Nem sempre a gente tem como comprar os

equipamentos necessários para que consigamos produzir nosso filme mais facilmente, então porque não produzirmos esses equipamentos?

a. Rebatedor

Com isopor ou papelão papel alumínio, cola e tesoura rapidinho você consegue resolver problemas de iluminação externa nos seus vídeos. [Link I](#)

b. Tripé para celular

PVC, garrafa pet e uns araminhos. Pronto! E assim você faz seu próprio tripé para estabilizar as imagens de seus filmes! [Link](#)

c. Lente Olho de Peixe para celular

Para construir essa pequena engenhoca, você só vai precisar de um olho mágico (aqueles que o pessoal coloca na porta para espiar quem está do outro lado), alguns elásticos e um pedaço de EVA.

d. Melhorar o som do celular

Às vezes você pode precisar gravar um som direto do celular, isso pode se tornar mais viável com essas dicas. [link](#)

8. Montagem

A montagem é o que vai fazer seus vídeos que foram gravados separadamente realmente virarem um filme. É aqui que as imagens vão ser colocadas em ordem, para que realmente tenhamos uma narrativa e a história

faça algum sentido. Não entendeu? Eu explico:

Lembra daquele roteiro que mostrei para vocês ali em cima (sobre a menina que foi sequestrada quando ia para a padaria)? Então... Aquela mesma história pode ser contada de inúmeras maneiras, mesmo quando seguimos o roteiro. Basta apenas que o diretor e o montador conversem e decidam qual vai ser a melhor forma de montar esse filme. Por exemplo, podemos começar aquela história com um flashback: começaríamos com a imagem da menina sendo puxada para dentro do carro, e só depois mostraríamos a ordem inicial do roteiro (quando a menina sai de casa dizendo para a mãe que vai à padaria).

Para montarmos um filme, precisamos de um software específico para isso. Vou indicar alguns programas simples para que você possa fazer isso, e anexar links de vídeos que explicam basicamente como utilizar cada um deles:

8.1. Windows*

- a. Windows Movie Maker
- b. Virtual Dub
- c. Avidemux

<https://www.youtube.com/watch?v=mW-F7LOoEcXI>

- d. VideoSpin
- e. Lightworks

8.2. Linux**

LINKS

*Site que explicam um pouco mais sobre alguns editores de vídeo e também dão outras opções além das que citei (Windows): <http://www.tecmundo.com.br/edicaovideo/299915programas-incriveisquepodemdeixarseusvideosaindamelhoresvideo.htm>

** Site que explicam um pouco mais sobre alguns editores de vídeo e também dão outras opções além das que citei (Linux): <http://www.linuxdescomplicado.com.br/2014/03/10programaspara-edicaovideosno.html>

*** Outras opções de editores de vídeos: <http://www.techtudo.com.br/dicasetoriais/noticia/2014/01/listatrazdezeditoresdevideogratisparabaixarnocomputador.html>

<http://canaltech.com.br/dica/windowsphone/Os5melhoresaplicativosdecriacaoeedicaovideos-paraWindowsPhone/> <http://canaltech.com.br/dica/apps/gaplicativosparaedicaovideoemseu-smartphone/> <http://www.techtudo.com.br/dicasetoriais/noticia/2014/07/comoeditarvideoem-celularesandroideios.html>

<http://www.apptuts.com.br/tutorial/android/editoresdevideogratisandroid/>

18 MOTIVOS PARA USAR O CINEMA NA SALA DE AULA

Kelly Demo Christ

Cineasta, www.cinemadeporao.com.br

Há muitos anos no Brasil se fala em incorporar a tecnologia e o cinema à escola, porém raramente estas ações são colocadas em prática. Por que isso? Bem, nenhuma mudança de estrutura é simples, e algumas rupturas seriam fundamentais para que se passasse a usar estas ferramentas com propósitos pedagógicos, tais como uma mudança curricular na formação dos docentes, que raramente possuem disciplinas voltadas ao uso prático da tecnologia, e maior investimento financeiro nestas áreas dentro da própria escola.

Perante uma educação brasileira cada vez mais sucateada, percebemos o quanto estas mudanças estruturais soam utópicas. Em contrapartida, a tecnologia é utilizada em grande escala para comunicação, informação e entretenimento de pessoas das mais diversas faixas etárias, inclusive dos jovens estudantes que se deparam com uma estrutura escolar muito parecida com a que tiveram seus pais e avós, onde não são bem-vindos seus celulares, tablets e computadores.

Não estamos afirmando que todo

estudante possui acesso a estes aparelhos atualmente, no entanto, quando o tem, é solicitado que se guarde, entregue para o professor durante a aula, ou mesmo que não se leve, porque “a escola não é espaço para isso”. Daí se descarta automaticamente toda a possibilidade de aprendizado via tecnologia, tentando se excluir aquilo que já estaria incorporado ao dia-a-dia de muitos alunos, tal qual uma extensão de seu próprio corpo.

Perpetua-se uma escola completamente apartada da realidade, onde o conhecimento adquirido não denota uma serventia além de “passar de ano”, ou “passar no vestibular”.

Vou contar uma história para vocês. Quando eu estava na 6ª série (atual 7º ano), uma professora de matemática chamou alguns alunos da sala para conversar sobre um festival de curtas estudantis que seria feito na escola, e nos incentivou a participar.

Nunca me empolguei tanto com a ideia de fazer um filme, e pela primeira vez na minha vida, eu senti um prazer inusitado em acordar cedo para fazer um “trabalho de colégio”. Aí

escrevi uma ficção digna dos games que eu jogava, com direito a dragões e lutas de espada. Esse curta nunca saiu porque era impossível de produzir, e acabamos não participando do festival.

No ano seguinte, escrevi um roteiro tão complexo quanto o anterior. Era difícil refrear a imaginação e pensar numa história que pudesse ser executada. Mais uma vez foi impossível gravar, e só para não deixarmos de participar, escrevi com duas amigas um roteiro de última hora e fizemos tudo em uma semana. A história era tão boboca que me dá a maior vergonha de falar a respeito, até a guerra do Vietnã estava inclusa, por influência dos filmes americanos de guerra que eu amava.

O vídeo foi feito com uma câmera VHS antiquíssima da minha mãe, e toda história gravada estritamente na ordem do roteiro já que seria impossível editar aquele filme. Por isso, dávamos o corte na própria câmera, e quando a cena dava errado, tínhamos que rebobinar a fita na própria câmera, ali na hora, e gravar por cima. Para poder concorrer no festival da escola tivemos que pagar um estúdio da cidade para passar da fita VHS para um DVD, e o moço que trabalhava lá ainda quebrou um galho e editou algumas coisas, colocou créditos, algumas transições e cortou algumas partes que não ficaram boas. Mesmo com um curta bobinho e cheio de defeitos, ganhamos

prêmios no festival, que motivaram a gente a participar por mais dois anos. E eu nunca mais larguei a ideia de fazer filmes, tanto que me formei em Cinema e Audiovisual na UFPEL em 2016.

Bem, e o que você, professor ou aluno, tem a ver com essa história?

Na verdade, muito! Porque isso aconteceu em 2006, e nove anos depois, ainda que a tecnologia esteja cada vez mais acessível, o cinema se encontra presente em poucos espaços educacionais. Pense em quantas vezes na sua aula você teve oportunidade de ver um filme na escola, de trabalhar com ele na atividade de seu currículo, e se você achar que foram muitas, compare esta atividade com a quantidade de aulas com caneta e papel que você teve. Se pensarmos que no nosso país se discute a “projeção de filmes com fins educativos” desde os anos 30, a lista que fizemos é uma contribuição do nosso projeto para se pensar no cinema como uma arte e um meio de comunicação de diversas facetas, que se renova e abrange as mais diversas áreas do conhecimento, e que pode ser usado dentro de uma gama muito ampla.

Mas com que fins o cinema pode ser usado na sala de aula? E de que maneira?

Esta lista com 18 pontos dá alguns motivos e sugestões!

1 – O assunto de qualquer filme pode ser discutido

Diferente do que muitos pensam, o filme não precisa ser educativo para ser usado no espaço de aprendizado. Qualquer filme pode ser assunto para debates, mesmo que seja das ações morais e éticas dos personagens, seja para compreender a linguagem do filme. Dessa forma, permitir que os alunos escolham o filme que querem ver pode ser uma maneira bacana de conhecer sobre o que eles gostam, e instigar que pensem de maneira crítica sobre algo que já estão acostumados a ver.

2 – O filme toca emocionalmente

Assim como qualquer arte, o Cinema é capaz de tocar emocionalmente seus espectadores. Isso pode ser causado para chocar, provocar mal-estar em relação a alguma ação de repúdio, ou mesmo fazer refletir as atitudes negativas que muitas vezes são banalizadas. Assim, para se discutir valores humanistas, e a consciência social, o Cinema pode servir como um forte aliado para se pensar certas posições naturalizadas que os alunos podem ter sobre determinados assuntos.

3 – É uma forma de usar a tecnologia na sala de aula

Muitas vezes os estudantes se sentem distantes dos assuntos discutidos na escola, porque

os meios usados no aprendizado se baseiam sempre nas mesmas ferramentas (quadro, papel, caneta). Utilizar celular, computador, câmera, equipamento de som, filme e outras mídias, pode ser uma novidade, e por si só chamar a atenção. Mas devem ser usados como um diferencial, um chamariz para alguma finalidade. Se forem usados para tapar um buraco da falta de um professor, ou de maneira banalizada, acabarão sendo associados ao não aprendizado, e ser ineficaz, como nos diz Moran (1995).

4 – Fazer filmes já fez alguns alunos melhorarem na escola

Jorge Cesar B. Coelho e Pereira (2014) fazem uma análise do processo desenvolvido pelas turmas de 9º ano da E.M.E.F. Borges de Medeiros, em Campo Bom (Rio Grande do Sul). Ao longo de três anos, afirmam um melhoramento das médias das turmas que tiveram participação nos trabalhos interdisciplinares que envolviam de maneira prática a tecnologia, bem como uma redução de 45% dos casos de indisciplina. Diversas vezes o professor Josias também relatou casos de alunos que eram tidos como bagunceiros na escola, se destacaram em projetos de vídeo, por terem tido oportunidade de demonstrar suas habilidades em ações pouco exploradas pelas aulas tradicionais.

5 – Trabalho em equipe

Quando se solicita a produção de um vídeo, que pode ser desde uma propaganda ou um curta-metragem, não é possível fazer um bom trabalho sozinho. O trabalho em grupo é estimulado, bem como a noção de que não há um caminho certo, apenas o enriquecedor debate onde cada um trará uma ideia, e as melhores ideias serão utilizadas. Desenvolve-se aí uma atividade muito rica de trabalho em equipe, onde todos precisam ser ouvidos, e todos precisam se esforçar, para realizar um bom trabalho.

6 – Desenvolver outras partes do cérebro

Estudos recentes da neurociência demonstram que o cérebro é dividido em várias zonas, e cada uma delas pode ser estimulada por diferentes atividades. Estimular mais zonas do cérebro permite que desenvolvamos nossas capacidades e nos tornemos pessoas mais criativas. A escola muitas vezes se foca em partes específicas e nos permite explorar pouco estas outras regiões, que podem ser estimuladas com uma atividade diferenciada, como a produção de um vídeo. Como cada membro da equipe terá uma função específica, cada um deles terá de se concentrar em uma habilidade, e usar ao máximo esta habilidade em seu trabalho.

7 – Organização pessoal

Mesmo que cada um desenvolva uma função específica, e estimule uma parte do cérebro, a organização pessoal é crucial para todos os membros da equipe de um vídeo. Todos precisam cumprir prazos, checarem datas, organizar o que precisam fazer e o tempo que tem disponível para isso. Talvez a organização pessoal não consiga ser desenvolvida em um primeiro trabalho, mas conforme esta atividade se tornar mais frequente, é possível que esta qualidade seja melhorada com êxito.

8 – Relação com a escola

Se o estudante conseguir sentir prazer ao fazer uma atividade para a escola, se ele for estimulado a aprender com prazer, isso certamente irá melhorar sua relação com a escola. A escola em si deixa de ser um espaço estigmatizado pela frustração, e passa a ser reconhecido como um lugar querido e importante em sua vida.

9 – Relação com a família

Assim como a relação com o espaço escolar, a relação com a própria família também muda. Muitos foram os casos de alunos que ouvimos que melhoraram sua relação com os pais em função de uma produção de vídeo, pois passaram a compartilhar esta atividade com os pais. Ao chegar em casa eles conver-

sam com a família o que estão fazendo, o que precisam para realizar o vídeo, e muitas vezes a mãe o pai se tornam os atores da história, unindo as relações entre a família do aluno e a escola.

10 – Escolher uma profissão

Como diz o título, esse aqui mudou minha vida. Claro que nem todo aluno que vai fazer vídeo vai se identificar com a proposta, mas para mim funcionou como uma atividade de autoconhecimento que me incentivou a querer fazer Cinema pelo resto da vida. O interessante de uma atividade que envolve fazer vídeo é que ela pode abrir um leque variado de interesses profissionais que vai além de cineasta. Existem outras profissões que podem ser incentivadas com a produção de um curta-metragem, como ator, escritor, jornalista, fotógrafo, psicólogo, diretor de arte, etc. Só se necessita abrir espaço que estes interesses, e outros, podem aflorar dentro de uma produção.

11 – Desmistificação da mídia

Como foi relatado por Giovana Janhke e Josias Pereira (2012), fazer um vídeo incentivava os alunos a pensarem sobre o trabalho de realização. Muitos alunos que passaram por esta atividade comentaram que não assistem mais televisão da mesma forma, que passaram a ver o audiovisual sempre com uma criação,

refletindo sobre com aquilo é executado por trás das câmeras. Ora, em um país onde a TV informa, e, portanto, influencia a forma de pensar dos brasileiros, desmistificar a mídia é crucial para que se forme cidadãos críticos, que reflitam sobre a informação recebida antes de tomá-la como verdade.

12 – Conseguir expressar ideias

O cinema estimula a atividade lúdica. Muitos espaços na escola já possibilitam que o estudante se expresse criativamente, que fale sobre suas ideias, sobre sua vivência e realidade, o vídeo é apenas uma forma. Como é feito por mais de uma pessoa, seu diferencial é que faz com que estas ideias sejam muito debatidas antes de colocadas em prática, possibilitando novos olhares, e novas formas de pensar sobre determinada situação.

13 – Deixar que suas ideias alcancem mais pessoas

Outro diferencial que podemos apontar é o do alcance do vídeo. Sabemos que os vídeos que circulam na internet podem atingir milhares de pessoas, e que essa visibilidade estimula muito os alunos, que além de expressar suas ideias, tem a necessidade de serem ouvidos.

14 – Tratar sobre sua realidade

Como abre espaço para a reflexão, o curta-metragem pode ser usado pelo professor como uma forma de detectar um assunto que é preciso discutir com os alunos. Se uma comunidade tem casos de gravidez na adolescência, e um roteiro traz uma personagem que namora, por exemplo, é interessante que se use a própria ficção como mote para discutir o caso real daquela comunidade. Desta forma, o discurso passa a fazer mais sentido, pois relaciona-se com a expressão criativa dos alunos, bem como com a sua realidade.

15 – Conhecer a fundo obras literárias quando se faz adaptação

Muitos professores aproveitam o espaço de produção de vídeo para associá-lo aos conteúdos curriculares. Assim, se for a proposta de adaptar uma obra literária, é certo que além de ler o livro solicitado, os alunos terão de pesquisar sobre aquela história, seu contexto histórico, e entendê-la de maneira completa para poder adaptar. Fora o fato de que a experiência será tão diferente, que tanto produzir um curta-metragem que adapta um livro, quanto assistir as adaptações produzidas pelos colegas, fará com que o conteúdo se fixe na memória dos alunos.

16 – Interdisciplinaridade

O vídeo dá possibilidade de um

trabalho interdisciplinar. Por mais que alguns conteúdos curriculares sejam mais difíceis de trabalhar do que outros, é possível que se unam força de vários professores para pensar em estratégias de ampliar os conteúdos tocados por determinado vídeo, fazendo com que se torne um espaço completo de aprendizado.

17 – “Uma imagem vale mais que mil palavras”

É um ditado antigo, porém não poderia ser mais atual. O vídeo usado apenas como material ilustrativo de um conteúdo curricular as vezes pode soar um pouco forçado e banal, mas pedir que os alunos tragam vídeos de casa sobre um conteúdo, ou melhor ainda, que gravem um vídeo sobre o que foi aprendido na aula. Para explicar um assunto, os alunos precisam de muito domínio sobre ele, e se essa explicação for gravada de maneira criativa pode ajudar os outros colegas a terem uma compreensão melhor, e fixa-lo na memória de maneira mais efetiva.

18 – Porque é divertido!

Quando falamos em gravar um vídeo para a escola isso pode fazer com que a coisa soe mais pesada do que realmente é. Fazer vídeo é divertido, é algo que rende bons momentos, e deve ser feito de maneira leve e simples. Exigir grandes produções em pouco

tempo só fará com que a ideia de trabalho apareça mais forte do que a ideia de fazer arte, de se comunicar, e aprender de maneira divertida. Acreditamos que aprender pode, e deve ser divertido. Quando o ensino se dá de maneira lúdica ele vira verdadeiro conhecimento, se não, se torna apenas um acúmulo de informações prontas para serem esquecidas com o passar dos anos.

CINECLUBE: O ESTRANHAMENTO DO OLHAR NA FORMAÇÃO DO ALUNO

Gregório Galvão Albuquerque

Doutorando no programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ). Professor da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - FIOCRUZ

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a experiência do cineclube dentro da formação do técnico em Educação Profissional em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ). O cineclube configura-se como um espaço plural de debate que respondem as inquietações, as percepções e também a troca da experiência fílmica entre os espectadores. Sua dinâmica inclui além da proposta e da exibição de filmes, um debate realizado posteriormente a exibição do filme, se propondo também como um espaço de ampliação do repertório cultural dos alunos, sem, no entanto, negar a bagagem audiovisual trazida por eles para a escola.

Historicamente o movimento cineclubista surge na década de 70 e seu debate concentrava em questões sociais, políticos e culturais pois buscava opor as censuras e perseguições do momento histórico. Com a redemocratização, o movimento ganha outros objetivos dentro do novo contexto histórico. O cineclube configura-se como um espaço plural de debate que respondem as inquietações, as percepções e também a troca da experiência fílmica entre os espectadores. Sua dinâmica

inclui além da proposta e da exibição de filmes, um debate realizado posteriormente a exibição do filme.

O cineclube que compõe a formação do técnico em Educação Profissional em Saúde da EPSJV é chamado Cinenuted, ocorre em média uma vez por mês e compõe o currículo da formação do técnico em Gerência em Saúde, Análises Clínicas e Biotecnologia. O Cinenuted foi criado em 2009, pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (NUTED)

como proposta do conteúdo da disciplina de audiovisual, também criada no mesmo ano. Essa disciplina faz parte da Educação Artística (Audiovisual, Teatro, Artes plásticas e visuais e Música) da formação de nível médio integrado à Educação Profissional, compondo o currículo integral da escola.

De 2009 até 2011 foram realizadas doze exposições de filmes, aos sábados, e o seu público alvo era, principalmente, a primeira série do curso técnico, como parte da disciplina de audiovisual. O currículo da disciplina consistia no seu primeiro ano as sessões do cineclube; o segundo ano era realizado uma discussão teórica sobre o papel da imagem contemporânea, apresentação da história do cinema e da fotografia, as vanguardas cinematográficas, além de exercícios práticos; no terceiro ano, os alunos realizam a produção de um curta. Em 2012, o Cinenuted assume um outro lugar no currículo e passa a compor o componente curricular chamado de Atividades Diversas, realizada nas quintas-feiras e o público alvo passa a ser todo o corpo docente e discente da escola. Esse componente pedagógico é um espaço para a construção de uma parte diversificada do currículo, podendo consistir em oficinas, minicursos, visitas guiadas, exibição de filmes entre outras ações pedagógicas. As sessões são realizadas em média uma vez por mês e tem em sua lista filmes como "A noite

americana" (Truffaut, 1973), "Laranja Mecânica" (Stanley Kubrick, 1971), "Janela Indiscreta" (Hitchcock, 1954), "Pequena Miss Sunshine" (Jonathan Dayton e Valerie Faris, 2006), completando em 2015 a sua 40ª sessão. A disciplina audiovisual na primeira série passa a ter um conteúdo que dialoga com os filmes do cineclube e como eixo principal a discussão do "imaginário e sociedade" que aborda questões da imagem, do cinema e novas mídias e do cinema mundo.

O Cinenuted se propõe também como um espaço de debate e de ampliação do repertório cultural dos alunos, sem, no entanto, negar a bagagem audiovisual trazida por eles para a escola. Nesse sentido, o debate é realizado a partir das próprias impressões e estranhamentos dos alunos em relação ao filme. Os professores debatedores não levam discursos e apontamentos prontos dos filmes para o debate, a discussão surge a partir da própria experiência fílmica dos alunos. Um exemplo dessa bagagem cultural dos alunos foi após a exibição do filme "Melancolia" (Lars Von Trier, 2011) que termina com o fim do mundo, para além do literal, a partir do impacto de um meteoro contra a Terra, um aluno levanta indignado e fala: "Esse filme é uma mentira, se tivesse um meteoro vindo em direção a Terra, a NASA iria nos salvar!". A partir dessa afirmação todo o debate do conteúdo, da temática da

imagem na contemporaneidade, da forma e da linguagem do filme foi estabelecida e dialogada com os outros alunos, alguns afirmando que o fim do mundo era mais psicológico do que físico.

O interessante é perceber o estranhamento dos alunos em alguns filmes e uma maior identificação com outros. O filme como “Cidadão Kane” (Orson Welles, 1941) que tem como característica suas inovações técnicas narrativas e de enquadramentos cinematográficos é recebido, em um primeiro momento, como um filme “velho” por ser preto e branco, mas com o debate essa percepção é mudada. Estranhamentos também como “vocês nunca colocam ‘filmes com final’”, fala do aluno após ver “Corra Lola, Corra” (Tom Tykwer, 1998). Filmes com temáticas mais jovens possuem maior identificação com os alunos como foi a exibição de “Juno” (Jason Reitman, 2007). O debate iniciou a partir da temática da gravidez na adolescência, mas dialogada e compartilhada, o debate caminhou paralelamente na discussão da forma como o filme traz esse conteúdo através do roteiro e da linguagem.

Os estranhamentos dos alunos e frases como “não gostei” enriquecem ainda mais o debate no cineclube. O não gostar faz parte da relação do espectador com o filme, o que não é desejável é a relação de indiferença sobre o filme porque assim o momento de ser

afetado pelo filme não se estabelece nem a partir do estranhamento nem pela identificação. Na exibição do filme “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias” (Cao Hamburger, 2006), um aluno relata que foi o primeiro filme que ele viu no Cinenuted que tinha “começo, meio e fim” e continua “todos os outros não tinha, como o Corra Lola, corra”. O que é importante marca é que a exibição desse filme remete a sessões do cineclube de mais de um ano de diferença para o filme da sessão daquele momento, ou seja, aquele filme que no primeiro momento foi um “não gostei”, porém ficou na sua inquietude por bastante tempo, o que permitiu que o aluno estabelecesse relações entre os filmes.

A realização de cineclubes em todo o percurso de formação do aluno tem como objetivo a criação de um estranhamento nos alunos através de exposições de filmes que possuem uma linguagem cinematográfica diferenciada dos blockbusters, possibilitando a desconstrução de um olhar naturalizado sobre o cinema comercial, bem como uma aproximação do conteúdo da experiência social que é o cinema. Dessa forma, a atividade cineclubista se coloca como uma ferramenta da educação para aproximar e transformar olhares, estimulando a produção coletiva de conhecimento em contraponto ao ensino vertical, em que o aluno está posto como mero receptor passivo das in-

formações apresentadas. O cineclube pode ser considerado o primeiro passo para a produção audiovisual com os alunos pois antes de produzir é preciso olhar de forma não padronizada. ■

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gregório Galvão; FERREIRA, Zeca. Para além da zona de conforto - O cinema na Escola. In.: LOBO, Roberta. Crítica da Imagem e Educação: Reflexões sobre a Contemporaneidade. Rio de Janeiro: EPSJV, 2010, p. 265-272.
- BUENO, André. A Educação pela Imagem & Outras Miragens. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, n. 1, 2003.
- MACEDO, Felipe. O que é cineclube. 2010. Disponível: <http://cineclube.utopia.com.br/clube/o_que_e.html> Acesso em: 10 set. 2011.
- MATELA, Rose Clair. Cine clubismo: memórias dos anos de chumbo. Rio de Janeiro: Multifoco, 2008, 204p.

FILMOGRAFIA

- A NOITE americana. Direção: François Truffaut. 1973. (116min). Itália, França. Título original: La nuit américaine.
- CIDADÃO Kane. Direção: Orson Welles. 1941. (119min). EUA. Título original: Citizen Kane.
- CORRA Lola, Corra. Direção: Tom Tykwer. 1998. (81min). Alemanha. Título original: Lola rennt
- JANELA Indiscreta. Direção: Alfred Hitchcock. 1954. (110min). EUA. Título original: Rear window.
- JUNO. Direção: Jason Reitman. 2007. (91min). EUA.
- LARANJA Mecânica. Direção: Stanley Kubrick. 1971. (136min) Reino Unido, EUA. Título original: A Clockwork Orange.
- MELANCOLIA. Direção: Lars Von Trier. 2011. (130min). França, Dinamarca, Suécia, Alemanha. Título original: Melancholia.
- O ANO em que Meus Pais Saíram de Férias. Direção: Cao Hamburger. 2006. (105min). Brasil
- PEQUENA Miss Sunshine. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faris. 2006. (100min). EUA. Título original: Little Miss Sunshine.

“CINEMA: EXPERIMENTAR, CONHECER, REALIZAR”- AÇÕES DE CINECLUBISMO

Tânia Cristina Medeiros Cardoso

E. M. Prof.^a Márcia F. Pereira - tania.crist@yahoo.com.br

Marilete Boy Oliveira

E. M. Prof.^a Márcia F. Pereira - elher_boy@yahoo.com.br

No artigo “O resgate do Cineclubismo” publicado na Revista da Cultura (publicação da Livraria Cultura), Gustavo Jönck define cineclubes como:

...uma organização de pessoas com o objetivo comum de assistir e discutir obras cinematográficas. A prática, que existe no Brasil há 80 anos, comemorados em 2008, teve um papel muito importante na formação dos grandes cineastas e estudiosos do assunto. Depois de um período em esquecimento, que durou cerca de 15 anos – desde o fechamento, em 1989, do Conselho Nacional de Cinema (CNC) até a sua reabertura em 2004 -, os cineclubes voltaram a florescer nos últimos anos e novamente começam a cumprir seu papel de formar público de cinema em um país em que grande parte da população sequer tem a experiência de ver películas em salas escuras. (p. 30)

Com o intuito de promover encontros que possibilitassem assistir e conversar coletivamente sobre filmes que dificilmente podem ser vistos no circuito comercial, o Projeto “Cinema: experimentar, conhecer, realizar” iniciou a implementação de ações de Cineclubismo na Escola Municipal Prof.^a Márcia Francesconi Pereira, município de Cabo Frio/RJ.

O cinema proporciona horizontalidade

na relação entre professor e aluno, uma vez que docentes e discentes se colocam no mesmo patamar para apreciar o filme. O professor assume o papel de “passador”, como sugere Bergala, em que aproximações e distanciamentos entre um e outro são invisíveis, em que o professor acompanha quem aprende “correndo o mesmo risco”.

O ponto de partida para essas ações

foi a criação do “Cine Sábado Cult”, em 2014. A proposta da atividade era realizar a curadoria para as sessões pensando na presença voluntária dos alunos participantes do Projeto, convite esse extensivo aos familiares e amigos e parceria com um ou dois professores regentes acompanhados de suas turmas. Os objetivos eram de criar o hábito de frequentar filmes, implementar a análise crítica e criativa das obras, dando voz ativa aos alunos. Os estudantes que frequentaram às sessões trouxeram um retorno positivo através de depoimentos, destacando a atividade como um grande incentivo para assistirem filmes. Merece atenção ressaltar as sessões como ponto de encontro que permitiu a todos estarem disponíveis para apreciar a narrativa, se envolverem com as imagens e se socializarem. Esse estar junto se fez importante, como declarou uma aluna: “...encontrei amigos aqui” ou através de um aluno que veio acompanhado do pai que havia chegado da Bahia para visitá-lo, uma visita que ocorria anualmente e a escolha para o reencontro foi participar da sessão fílmica em um sábado frio e chuvoso. Os convidados, geralmente integrantes da família, são referenciados como presenças importantes nas sessões: “...eu trouxe minha mãe para a exibição do filme, ela adorou. Já tinha assistido ao filme, mas queria assistir de novo pois queria lembrar”.

Os debates ampliaram as percepções

sobre o filme através da divisão das impressões sobre a obra, o que contribuiu para a construção de um coletivo de várias opiniões com um crescente envolvimento da plateia na discussão a cada nova sessão.

Vale ressaltar, que há dificuldades de acesso a filmes alternativos em Cabo Frio, realidade semelhante de outras cidades do território brasileiro. Até o ano de 2013, o município contava apenas com duas salas comerciais de exibição no Cine Recreio. Em 2014, com a inauguração do Shopping Park Lagos, esse número dobrou. No entanto, a programação privilegia a exibição de filmes que fazem parte do circuito hegemônico de distribuição. Ao apresentar filmes que raramente assistiriam no circuito comercial das salas de cinema de nosso município, essa ação criou inúmeras possibilidades para alunos, professores e comunidade, dentre elas, apreciar e discutir obras cinematográficas que ampliaram o repertório e gosto pelo Cinema.

No ano de 2015, as ações passam a ocorrer no horário normal das aulas. A participação em convocatórias para inscrição da UE como ponto de exibição de Mostras, Circuitos e Festivais permitiu o acesso a conteúdos audiovisuais alternativos e de excelência, favorecendo a construção de acervo audiovisual para UE. As parcerias junto aos professores e suas turmas tiveram continuidade sendo extensivas

à comunidade. Essas sessões são autorizadas, gratuitas e abertas ao público.

No comparativo abaixo pode-se acompanhar a evolução das ações de cineclubismo na UE.

MOSTRAS E FESTIVAIS COMO PONTO EXIBIDOR 2014/2015/2016

Mostras/Festivais	Número de Sessões realizadas			Público Geral		
	2014	2015	2016	2014	2015	2016
Mostra de Cinema e Direitos Humanos	---	8	6	---	242	314
Sessão Pipoca TV Escola	---	3	---	---	142	---
Festival do Minuto	5	14	8	110	483	453
Última Sessão do filme Delírios de um cinemanáico	---	1		---	39	---
Mostra de Filmes MAdrE	1	4	---	31	208	---
Mostra Filmes Livres	---	1	1	---	19	33
Circuito Tela Verde	13	24	5	593	739	168
I Mostra Márcia de Cinema	---	18	---	---	603	---
Circuito Mexicano de Filmes	---	---	1	---	---	35
Circuito Comunitário – Cinema Petrobrás em Movimento	---	---	9	---	---	304
Festival Visões Periféricas 2016 – Mostra Fronteiras Imaginárias	---	---	1	---	---	25
A Batalha do Passinho – O Filme	---	---	1	---	---	62

As sessões da 9ª Mostra Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul em 2015 mesclou horários alternativos além das que foram realizadas no horário das aulas em parceria com os professores, porém o público

foi reduzido. Essa constatação levou a decisão da realização total das sessões em horário de funcionamento da Escola. Importante também chamar atenção para realização da Sessão Pipoca TV Escola cujo público foi composto

de alunos do Ensino Fundamental I oriundos de uma escola próxima da UE e mobilizou os alunos da oficina na organização. Para a Mostra Fronteiras Imaginárias do Festival Visões Periféricas 2016, a professora de Língua Portuguesa desenvolveu uma atividade a posteriori envolvendo uma turma de 8º ano com a realização de um fórum de discussão. Propôs-se um rodízio com a formação de grupos que ficaram responsáveis pela análise dos filmes exibidos e os outros alunos, na plateia, poderiam fazer perguntas e expressar sua análise particular durante a apresentação dos colegas, enriquecendo a discussão. Os alunos assumiram o papel de debatedores e gostaram muito da dinâmica, solicitando a mestra que realizasse atividades semelhantes mais vezes.

As primeiras atividades de 2017 foram realizadas com a exibição, seguida de debate, de documentários de cunho político, social e cultural, o que ocasionou certo desconforto devido à complexidade dos temas abordados: “#Resistência”, Eliza Capai, 55 min, 2017; “No Olho da Rua”, Paulo Pentead, 64 min, 2016; “Diário da Greve”, Guilherme Sarmiento, 76min, 2016 e “Danado de Bom”, Deby Brennand, 74min, 2017. Esse olhar vem ao encontro do que Migliorin e Fresquet (2015), afirmam: “O cinema não é o lugar de coisas belas, apenas, mas também do feio, do insuportável, do estranhamento, do perturbador.” (p.12). As variadas

temáticas levantadas nas discussões a partir dos filmes ultrapassam as quatro paredes da sala de aula e envolvem diretamente os alunos, que tem a liberdade para se expressarem, o que torna a iniciativa de primordial importância na construção de uma visão crítica de ver e dizer o mundo.

A I e II “Mostra Márcia de Cinema” foi montada exclusivamente por curtas de alunos participantes da oficina de realização do Projeto, para valorar o protagonismo dos nossos cineastas mirins. A primeira edição ocorreu em 2015 e a segunda, julho de 2017. Essa iniciativa é primordial para que professores, funcionários das diversas funções na escola, família e outros alunos se apropriem do que é desenvolvido, afinal não se pode dar valor ao que não se conhece. São momentos especiais para os educandos, após a Mostra recebem o certificado de participação na oficina e podem falar de suas produções.




Figura 1 Alunos exibindo certificado de participação da oficina de realização do Projeto - 2017

Além da participação como ponto exibidor de Mostras, Festivais e Circuitos e realização das Mostras Márcia de Cinema, a UE firma parcerias com plataformas de compartilhamento de filmes, como Videocamp e Taturana Mobilização Social, que disponibilizam obras transformadoras e impactantes. Fato que possibilita o contato com maior quantidade e variedade de filmes para curadoria e permite a realização de sessões na UE, o que promove a discussão de variadas temáticas que envolvem a complexidade do mundo que vivemos. Nem sempre o que é visto é belo, mas necessário para refletirmos sobre a realidade que faz parte da existência humana.

O acesso a essas obras cinematográficas e a organização das sessões seguidas de debate vem de encontro ao cumprimento da Lei 13.006/2014, que resultou do Projeto de Lei (PL 185/08) proposto por Cristovam Buarque, que altera o parágrafo 26 da LDB (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm) e torna obrigatória a exibição de pelo menos duas horas de filmes brasileiros por mês nas escolas da educação básica como referência para pensar a presença do cinema e audiovisual nacional nos educandários, levando-se em consideração que muitas vezes o cinema de nosso país é estrangeiro para sua própria gente.

...cerca de 80% dos filmes exibidos no Brasil,

seja nos cinemas, em rede de TV aberta e/ou por assinatura e em home-vídeo são estrangeiros, especialmente, estadunidenses – o que produz uma colonização cultural já denunciada na década de 1960 por Glauber Rocha, um dos ícones do Cinema Novo Brasileiro –, e considerando o papel fundamental da educação na formação cultural de seus discentes, torna-se essencial a capacitação de professores para o uso educativo do Cinema Brasileiro. (Apresentação do livro “Cinema Brasileiro na Escola: pra começo de conversa”, p. 8)

Essa realidade não é exclusiva do Brasil, uma vez que “... em cada dez ingressos vendidos no planeta Terra, nove entradas são para assistir a filmes ‘made in USA’, à exceção de Índia, França, Coreia e Irã, países que estimulam e priorizam a produção nacional.” (DAYER, 2013, p. 14). Dessa forma, a implementação do cineclubismo na Escola, além de permitir discutir e aprofundar o que vem da tela, contribui para formação de público para o cinema nacional o que amplia a diversidade cultural. 

REFERÊNCIAS

- BERGALA, A. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink – CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- DAYER, C. P. Apostila Oficina de Formação Cineclubista. Campo Grande: I SEMACINE, 2013. 54p.
- FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. (2015) Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas, 13(14), 04-21.
- JÖNCK, G. O resgate do cineclubismo. Revista da Cultura. n. 20, março, 2009.
- SIRINO, S. P. M.; PINHEIRO, F. L. F. Cinema Brasileiro na Escola: pra começo de conversa. 1ª. ed. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, 2014. v. 01. 248p.

TODOS SOMOS MALALA

**Sonia San Segundo Sáez,
M^a Jesús Álvarez Rodríguez e
Ibán Díez Álvarez**
C.R.A Puente de Domingo Flórez



Nuestra historia comenzó cuando el libro "El sueño de Malala: micro-relatos y paletas de IIMM para grandes valores" (Educación TintaMala, 2015) cayó en nuestras manos y nos atrapó en su sueño. En septiembre, al comenzar el curso escolar y empezar a elegir los talleres para llevar a cabo en el colegio, decidimos trabajar los valores en los alumnos, que a él se apuntaran, basándonos en este material.

Cuando comenzamos con las actividades, decidimos hacer algo práctico y creativo dónde quedara reflejado nuestro trabajo y nos pareció que hacer un corto con la historia de Malala sería muy motivador para los alumnos. Así, paralelamente a las lecturas de "El sueño de Malala" y a las actividades de la guía didáctica, comenzamos con el proyecto.

La imagen tiene mucho poder y hacer

un vídeo con la historia de nuestra protagonista, sería el broche perfecto y complemento al trabajo de valores.

En el video han participado alumnos desde 5 a 12 años. Hemos ido elaborando los decorados, mobiliario y distintos escenarios con materiales que teníamos a nuestro alrededor (plastilina, cartones, maderitas, telas...) y una vez pensado el guión y todo lo que queríamos hacer, utilizando la técnica Stop Motion, comenzamos con las fotos.

Cuando empezamos a ver resultados nos emocionó ver lo bonito que era ver a nuestra Malala en acción. Mientras unos movían los muñecos (los más mayores y los maestros) íbamos buscando las frases que diríamos en la escena de la recogida del premio Nobel.

Por su papel como defensora de la paz ha recibido varios premios, y en el año 2014 la galardonaron con el premio Nobel de la Paz. Cada uno de los niños dice una frase de Malala poniendo así en nuestra voz sus reflexiones y haciendo nuestro su mensaje. De ahí el título "Todos somos Malala".

Al ver el resultado nos pareció que era importante que los niños vieran que podía tener repercusión fuera de la escuela. Lo compartimos con otros colegios, con bibliotecas, con centros de formación de profesores... y decidimos presentarlo a festivales de cortos educativos. La cara de los niños cuando fuimos

seleccionados en el primer festival fue indescriptible, les parecía mentira. Pensar que otros niños han visto su trabajo y oído sus voces les ha abierto los ojos al mundo.

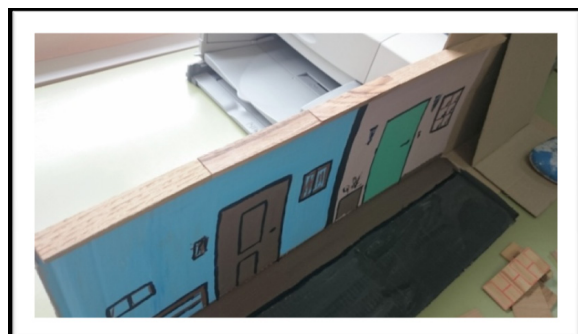
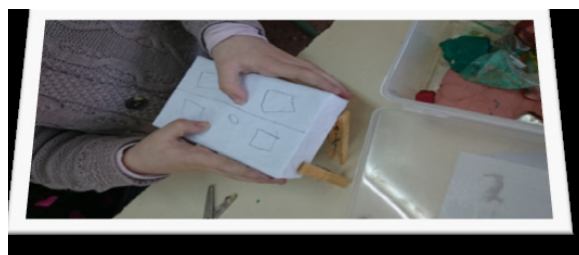
Con este tipo de trabajo los objetivos que se pretenden tocar son varios, desde trabajar valores en los alumnos, expresión de sentimientos e ideas por medio de este medio, motivar a los niños, ser conscientes de que todos tenemos mucho que decir a los demás, compensar dificultades o desigualdades de los alumnos...

El corto resultante es el fruto del trabajo de muchas personas, de la ilusión y las ganas de niños y adultos. Hecho en un colegio donde ninguna ventana cierra y todas las mesas cojean. Y, lo más importante, donde todos los niños conocen a Malala y se lo enseñan a los demás con este corto.

A continuación código QR para escuchar un tema del compositor cuya música hemos usado para el vídeo, que es amigo del padre de Malala.



Tanto una pequeña explicación, como el enlace al vídeo y los festivales en los que hemos sido seleccionados lo puedes encontrar en este blog:





<http://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/>



revistaroquettepinto@gmail.com



Revista-Roquette-Pinto-de-Vídeo-Estudantil
